



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

Mestrado em Ciências Religiosas

Especialização no ensino da EMRC

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR.

Contributo para o estudo do efeito da lecionação sobre a representação que as crianças têm da família.

Tânia Sofia Guerreiro Brites | 112216008

Professor Doutor Jerónimo dos Santos Trigo

Doutora Cristina Sá Carvalho

Lisboa, 2019

DEDICATÓRIA

À família, especialmente à Mafalda e ao Carlos pelo apoio, paciência e por estarem sempre lá...

Ao Professor Doutor Jerónimo Trigo e à Doutora Cristina Sá Carvalho pelo apoio nos momentos de maior fragilidade, mas sobretudo por me ajudarem a desconstruir para (re)construir, fazendo com que este desafio fosse mais fácil e revestido de sentido...

Aos Salesianos de Lisboa que tornaram possível esta caminhada...

À turma pelo apoio, incentivo e espírito de camaradagem...

Aos amigos que tudo fizeram para minimizar as adversidades do caminho, apoiando, ouvindo, rindo, estando... Especialmente, à Joana!

Muito obrigada!

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	7
ÍNDICE DE GRÁFICOS	7
ÍNDICE DE QUADRO	7
RESUMO	13
ABSTRACT	14
ABREVIATURA E SIGLAS	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I – FAMÍLIA: PERSPETIVAS TEOLÓGICAS E SOCIOLÓGICAS	19
1. Configurações e dinâmicas familiares	19
1.1. Matrimónio, casamento e união de facto	19
1.2. Conceito de família	23
2. Visão teológica da família	36
2.1. A família na Bíblia	36
2.2. A família nos documentos do Magistério	39
3. Família e educação	52
CAPÍTULO II – FAMÍLIA: UM CONTEXTO DE ESTUDO	57
1. A escola, promotora de educação. EMRC, proposta de caminho	57
2. Enquadramento do conteúdo da UL3 no currículo de EMRC	63
3. Metas e objetivos da UL3: A família, comunidade de amor	63

CAPÍTULO III: FAMÍLIA: ANÁLISE E REFLEXÃO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	67
1. Objeto de estudo	67
2. Caracterização da realidade	67
2.1. Caracterização da Escola Básica 2-3 Damião de Góis	67
2.2. Caracterização da turma 5.º C/D	75
3. Metodologia	79
3.1. Identificação do problema	80
3.2. Objetivos do estudo	80
3.3. Estratégia de investigação	80
3.4. Instrumentos e técnicas utilizadas	80
 CAPÍTULO IV: FAMÍLIA: OS RESULTADOS OBTIDOS	 83
1. Apresentação e análise dos resultados dos questionários	83
2. Conclusão dos questionários	151
3. Síntese reflexiva das aulas lecionadas	162
 CONCLUSÃO	 173
 BIBLIOGRAFIA	 179
 ANEXOS	 185

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Edifício principal da Escola Damião de Góis	69
Figura 2 - Pavilhão B, Escola Damião Góis	70
Figura 3 - Campo exterior/Pátio, Escola Damião Góis	70
Figura 4 - Placard trabalho grupo (início)	165
Figura 5 - Placard trabalho grupo (final)	165
Figura 6 - Maria e Miguel	166
Figura 7 - Caixa Surpresa.....	166
Figura 8 - Autocolante “Família é...”	166
Figura 9 - Imagens ...	166
Figura 10 - Família Silva	166
Figura 11 - Palestina News	167
Figura 12 - Banda Desenhada.....	167
Figura 13 - Manta de retalhos.....	168
Figura 14 - Placard “Conceito de família tradicional e atual”	168

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estado civil legal da população residente em Portugal (INE, Censos 2011)	35
Gráfico 2 - Com quem vives?	76
Gráfico 3 - Beneficiário da Segurança Social.....	76
Gráfico 4 - Habilitações escolares dos Encarregados de Educação.....	77
Gráfico 5 - Vivência dos alunos na Fé.....	79
Gráfico 6 - Tempos verbais nos dois questionários	160

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Dimensão das famílias em Portugal entre 2001 e 2011 (INE, Censos 2011).	34
Quadro 2 - Número de filhos por família 2011 (INE, Censos 2011).....	34
Quadro 3 - Estado civil por sexo (INE, Censos 2011).....	36

Quadro 4 - Metas e objetivos do Programa de EMRC para UL 3 5ºano, edição 2014 ...	64
Quadro 5 - Caracterização psicológica dos alunos do 2.ª ciclo segundo o Programa de EMRC	65
Quadro 6 - Projetos desenvolvidos no Agrupamento de Escolas D. Dinis.....	74
Quadro 7 - Identificação dos questionários	83
Quadro 8 - Aluna a) O que é para ti a família?	84
Quadro 9 - Aluna a) Quem faz parte da família?.....	85
Quadro 10 - Aluna a) Que valores estão presentes na vida família?	86
Quadro 11 - Aluna a) O que é viver em família?.....	86
Quadro 12 - Aluna a) O que é uma família saudável?.....	87
Quadro 13 - Aluna b) O que é para ti a família?.....	88
Quadro 14 - Aluna b) Quem faz parte da família?	89
Quadro 15 - Aluna b) Que valores estão presentes na vida família?	90
Quadro 16 - Aluna b) O que é viver em família?	91
Quadro 17 - Aluna b) O que é uma família saudável?.....	92
Quadro 18 - Aluna c) O que é para ti a família?	92
Quadro 19 - Aluna c) Quem faz parte da família?.....	94
Quadro 20 - Aluna c) Que valores estão presentes na vida família?	95
Quadro 21 - Aluna c) O que é viver em família?.....	95
Quadro 22 - Aluna c) O que é uma família saudável?.....	96
Quadro 23 - Aluno d) O que é para ti a família?	97
Quadro 24 - Aluno d) Quem faz parte da família?	99
Quadro 25 - Aluno d) Que valores estão presentes na vida família?.....	100
Quadro 26 - Aluno d) O que é viver em família?	101
Quadro 27 - Aluno d) O que é uma família saudável?	102
Quadro 28 - Aluna e) O que é para ti a família?	103
Quadro 29 - Aluna e) Quem faz parte da família?.....	105
Quadro 30 - Aluna e) Que valores estão presentes na vida família?	106
Quadro 31 - Aluna e) O que é viver em família?.....	107
Quadro 32 - Aluna e) O que é uma família saudável?.....	108
Quadro 33 - Aluna f) O que é para ti a família?	108

Quadro 34 - Aluna f) Quem faz parte da família?	110
Quadro 35 - Aluna f) Que valores estão presentes na vida família?.....	111
Quadro 36 - Aluna f) O que é viver em família?	112
Quadro 37 - Aluna f) O que é uma família saudável?	113
Quadro 38 - Aluna g) O que é para ti a família?.....	114
Quadro 39 - Aluna f) Quem faz parte da família?	116
Quadro 40 - Aluna f) Que valores estão presentes na vida família?.....	116
Quadro 41 - Aluna g) O que é viver em família?	118
Quadro 42 - Aluna g) O que é uma família saudável?.....	119
Quadro 43 - Aluna h) O que é para ti a família?.....	120
Quadro 44 - Aluna h) Quem faz parte da família?	121
Quadro 45 - Aluna h) Que valores estão presentes na vida família?	122
Quadro 46 - Aluna h) O que é viver em família?	123
Quadro 47 - Aluna h) O que é uma família saudável?.....	124
Quadro 48 - Aluno i) O que é para ti a família?	125
Quadro 49 - Aluno i) Quem faz parte da família?	126
Quadro 50 - Aluno i) Que valores estão presentes na vida família?.....	126
Quadro 51 - Aluno i) O que é viver em família?	127
Quadro 52 - Aluno i) O que é uma família saudável?	127
Quadro 53 - Aluno j) O que é para ti a família?	128
Quadro 54 - Aluno j) Quem faz parte da família?	129
Quadro 55 - Aluno j) Que valores estão presentes na vida família?.....	130
Quadro 56 - Aluno j) O que é viver em família?	130
Quadro 57 - Aluno j) O que é uma família saudável?	131
Quadro 58 - Aluno l) O que é para ti a família?	132
Quadro 59 - Aluno l) Quem faz parte da família?	133
Quadro 60 - Aluno l) Que valores estão presentes na vida família?.....	133
Quadro 61 - Aluno l) O que é viver em família?	134
Quadro 62 - Aluno l) O que é uma família saudável?	135
Quadro 63 - Aluna m) O que é para ti a família?	136
Quadro 64 - Aluna m) Quem faz parte da família?	137

Quadro 65 - Aluna m) Que valores estão presentes na vida família?.....	138
Quadro 66 - Aluna m) O que é viver em família?	139
Quadro 67 - Aluna m) O que é uma família saudável?	140
Quadro 68 - Aluna n) O que é para ti a família?.....	141
Quadro 69 - Aluna n) Quem faz parte da família?	142
Quadro 70 - Aluna n) Que valores estão presentes na vida família?.....	143
Quadro 71 - Aluna n) O que é viver em família?	144
Quadro 72 - Aluna n) O que é uma família saudável?.....	144
Quadro 73 - Aluna o) O que é para ti a família?.....	145
Quadro 74 - Aluna o) Quem faz parte da família?	145
Quadro 75 - Aluna o) Que valores estão presentes na vida família?.....	146
Quadro 76 - Aluna o) O que é viver em família?	147
Quadro 77 - Aluna o) O que é uma família saudável?.....	147
Quadro 78 - Aluno p) O que é para ti a família?	148
Quadro 79 - Aluno p) Quem faz parte da família?	149
Quadro 80 - Aluno p) Que valores estão presentes na vida família?.....	149
Quadro 81 - Aluno p) O que é viver em família?	150
<i>Quadro 82 - Aluno p) O que é uma família saudável?</i>	<i>150</i>
<i>Quadro 83 - 1.ª pergunta 1.º questionário.....</i>	<i>151</i>
Quadro 84 - 1.ª pergunta 2.º questionário	152
<i>Quadro 85 - 2.ª pergunta 1.º questionário.....</i>	<i>153</i>
Quadro 86 - 2.ª pergunta 2.º questionário	153
Quadro 87 - 3.ª pergunta 2.º questionário	154
Quadro 88 - 3.ª pergunta 1.º questionário	154
Quadro 89 - 4.ª pergunta 1.º questionário	156
Quadro 90 - 4.ª pergunta 2.º questionário	156
Quadro 91 - 5.ª pergunta 1.º questionário	157
Quadro 92 - 5.ª pergunta 2.º questionário	157
Quadro 93 - 5.ª pergunta 2.º questionário	158
Quadro 94 - Nomes e verbos da 2.ª pergunta, 2.º questionário	158
Quadro 95 - Nomes, adjetivos e verbos da 3.ª pergunta, 2.º questionário	159

Quadro 96 - Nomes, adjetivos e verbos da 4. ^a pergunta, 2.º questionário	159
Quadro 97 - Nomes, adjetivos e verbos da 5. ^a pergunta, 2.º questionário	160

RESUMO

Falar de família hoje tem tanto de aliciante quanto de desafiante. Sendo esta a célula básica da sociedade, são os valores cultivados no seio familiar que vão vigorar na comunidade que a integra. Na atualidade, assiste-se a uma transformação nos princípios orientadores da instituição familiar, convertendo e modificando o grupo que é o primeiro a acolher e a transmitir as noções estruturantes de socialização, partilha e proteção.

As famílias são diferentes e a perceção que os alunos têm destas é certamente pessoal e recheada de experiências de carácter subjetivo. Este poderia ser visto como um aspeto difícil de trabalhar com os alunos, mas esta diferenciação de conceitos e experiências, pode enriquecer as aprendizagens. No presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionado estuda-se o conceito de família apresentado pelas crianças do 5.ºC/D e a hipótese da Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor, do 5.º ano se revelar fundamental para que os alunos percecionem a própria experiência familiar, de modo que possam posteriormente atuar sobre ela, modificando comportamentos, construindo novas atitudes ou mesmo encontrando soluções para os possíveis problemas familiares.

Concluem-se que da UL 3 – A família, comunidade de amor, na disciplina de EMRC, contribui para a valorização da família enquanto “célula viva” da sociedade, para a participação de todos na vida em família e para a promoção de valores familiares comuns e estruturantes. Sugere-se assim que um reforço entre a cultura e a fé poderá ser resposta aos desafios atuais da sociedade e da educação pós-moderna.

Palavras-chave: Família; Comunidade de Amor; Questionários; Prática de Ensino Supervisionada; EMRC.

ABSTRACT

Talking about family today is as exciting as it is challenging. Since this is the basic cell of society, it is the values cultivated in the family that will prevail in the community that integrates it. Today, we are witnessing a transformation in the guiding principles of the family institution, converting and modifying the group that is the first to welcome and transmit the structuring notions of socialization, sharing and protection.

The families are different and the students' perception of them is certainly personal and full of subjective experiences. This could be seen as a difficult aspect of working with students, but this differentiation of concepts and experiences can enrich learning. This Final Report of the Supervised Teaching Practice studies the concept of family presented by the children of the 5th C/D and the hypothesis of the 5th grade teaching unit 3 - The family, love community, becoming fundamental for the students to perceive their own family experience, so that they can then act on it, changing behaviours, building new attitudes or even finding solutions to possible family problems.

It is concluded that UL 3 - The family, the love community, in the discipline of EMRC, contributes to the appreciation of the family as a "living cell" of society, to the participation of all in family life and to the promotion of common and structuring family values. It is therefore suggested that a strengthening between culture and faith could be a response to the current challenges of society and post-modern education.

Keywords: *Family; Love Community; Questionnaires; Supervised Teaching Practice; EMRC.*

ABREVIATURAS E SIGLAS

- A** – Adjetivo (classe de palavras)
- AEDD** – Agrupamento de Escolas D. Dinis
- AL** – *Amoris Laetitia*
- BD** – Banda Desenhada
- CEF** – Curso de Educação e Formação
- CFR** – Conforme
- EB** – Escola Básica
- EFA** – Educação e Formação de Adultos
- EMRC** – Educação Moral e Religiosa Católica
- ETC** – *et cetera*
- FC** – *Familiaris Consortio*
- GAAF** – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família
- GS** – *Gaudium et Spes*
- INE** – Instituto Nacional de Estatística
- LG** – *Lumen Gentium*
- N** – Nome (classe de palavras)
- PES** – Prática de Ensino Supervisionada
- SNEC** – Secretariado Nacional para a Educação Cristã
- TEIP3** – Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3
- TIC** – Tecnologias de Informação e Comunicação
- UL** – Unidade Letiva
- V** – Verbo (classe de palavras)

INTRODUÇÃO

Esta proposta apresentada como Relatório de Estágio decorre da experiência e reflexão vivenciada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada na turma C/D, do 5.º ano, na Escola Damião de Góis. Pretende ser um pequeno contributo para a possível discussão em torno do resultado que a lecionação da *Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor*, pode trazer à representação de família que as crianças têm. De facto, estas páginas só terão valor se forem entendidas como provocação para a reflexão em torno deste tema.

Para tal, é necessário considerar o panorama histórico da família na atualidade ocidental. É fundamental refletir sobre o conceito de família que os alunos têm, e perceber a sua capacidade, para percecionar a própria experiência familiar, de modo que possam posteriormente atuar sobre ela, modificando comportamentos, construindo novas atitudes ou mesmo encontrando soluções para os problemas familiares.

As competências adquiridas pelos alunos convertem-se em ferramentas válidas para a mudança de vida e para a construção de comunidades de amor. Há que ter consciência de que a família, de acordo com Durkheim, se torna

“cada vez mais um espaço onde os indivíduos esperam desenvolver e proteger a sua individualidade, que é valorizada, sendo a família, em simultâneo, um «órgão secundário do Estado» que, através das normas controla, mantém e regula as relações dos membros da família. Homens e mulheres, adultos e crianças organizam a vida privada no quadro desta dualidade: uma reivindicação de independência coletiva e individual e uma dependência acrescida em relação à esfera pública”¹.

Assim, propõe-se desenvolver um questionário sobre o conceito de família, para que se possa analisar a visão dos alunos da turma C/D, do 5.º ano, a possível evolução dos conceitos apreendidos pelos alunos e a pertinência, para esta turma, dos conteúdos apresentados e trabalhados. Para completar a informação cedida pelos alunos, será feita observação destes no decorrer das aulas.

¹ F. DE SINGLY, *Sociologia da família contemporânea*, Edições Texto & Grafia, Lisboa, 2010, 12.

O trabalho consta de quatro capítulos. No primeiro é apresentada uma reflexão sobre o conceito de família, de acordo com perspectivas sociológicas e teológicas. No primeiro ponto, são abordadas as configurações e dinâmicas familiares, no segundo, a visão teológica da família e no terceiro, a família enquanto principal responsável pelo desenvolvimento integral da criança.

No segundo capítulo é descrito o contexto em que se desenvolveu o estudo apresentado no Relatório, partindo, no primeiro ponto, da reflexão sobre a escola, enquanto promotora de educação e da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, proposta de caminho, para depois, no segundo, se enquadrar o conteúdo da Unidade Letiva 3, do 5.º ano, no currículo de EMRC. No terceiro ponto, são apresentadas as metas e objetivos da UL3, do 5.º ano.

No terceiro capítulo, é descrito o contexto mais específico da PES, desde a caracterização da escola e da turma até à descrição do objeto de estudo, as metodologias utilizadas no estudo, a identificação do problema, os objetivos do estudo, as estratégias de investigação e os instrumentos e técnicas utilizadas.

No quarto e último capítulo, são inicialmente apresentados e analisados os resultados obtidos nos questionários aplicados aos alunos da turma 5.ºC/D. No segundo ponto, surge a conclusão dos questionários e, por fim, a síntese reflexiva das aulas lecionadas ao longo da PES.

Na conclusão, não de ordem definitiva, procura-se agarrar linhas, criar pontes, estabelecer pontos importantes e projetar campos abertos quanto à responsabilidade da EMRC no conceito de família que as crianças têm.

CAPÍTULO I – FAMÍLIA: UMA PERSPETIVA TEOLÓGICA E SOCIOLÓGICA

1. Configurações e dinâmicas familiares: matrimónio, casamento e união de facto

Nas últimas décadas a dinâmica de mudança social e familiar tem sido bastante intensa e abrangente. De facto, há “a destabilização das tradições, a perda das referências clássicas e as suas causas, o efêmero dos valores hodiernos, a fragilidade dos laços sociais, a força da individualização”². Aspetos que transformam a família e que incidem essencialmente no aumento das uniões de facto em detrimento do casamento, na baixa fecundidade dos casais, na banalização do divórcio e das uniões sucessivas, no declínio do modelo de família patriarcal, na reconfiguração dos papéis e na pluralidade dos modelos familiares.

1.1. Matrimónio, casamento e união de facto

Tendo presentes os aspetos elencados, importa referir que a abordagem apresentada em seguida parte dos conceitos de matrimónio, casamento e união de facto para o conceito de família, tendo em conta a mudança estrutural desta, e as consequências familiares e sociais do divórcio.

Por matrimónio entende-se

“a comunidade por toda a vida, integra, exclusiva e pessoalmente eleita entre dois batizados, um único homem e uma única mulher, que reflete a aliança de Cristo com a sua Igreja, em virtude da qual o matrimónio se torna sinal eficaz da transmissão da graça santificante. [...] Na sua realidade sobrenatural intrínseca, o matrimónio inclui três bens: o *bonum prolis*, o bem da prole, da descendência, ou seja, a aceitação dos filhos e a disposição para educá-los de tal forma que reconheçam a

² M. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, in H. REBELO PINTO – J. M. SARDICA (coord.), *Família, essência e multidisciplinariedade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 196.

Deus e o sirvam; o *bonum fidei*, ou seja, o bem da fidelidade recíproca, exclusiva e por toda a vida; o *bonum sacramenti*, isto é, o bem da indissolubilidade e indestrutibilidade do vínculo sacramental, que tem um fundamento permanente na unidade indivisível entre Cristo e a Igreja, visibilizada pelo matrimónio”³.

Na Exortação Apostólica, *Familiaris Consortio*, de 1983, o matrimónio é descrito como “o pacto de amor conjugal ou escolha consciente e livre, com a qual o homem e a mulher recebem a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus que só a esta luz manifesta o seu verdadeiro significado”⁴.

O Concílio Vaticano II, tendo consciência dos desafios que o matrimónio e a família enfrentam nos dias de hoje, “tenta clarificar a relação integral entre o amor pessoal, a abertura ao dom da fecundidade e a responsabilidade pelos filhos,”⁵ sabendo que o matrimónio e a família contribuem para a humanização da pessoa e da sociedade humana.

O matrimónio entre batizados tem para os cristãos carácter sacramental, constituindo uma realidade sobrenatural. Esta nem sempre é compreendida, sobretudo por aqueles que não se enquadram na vivência da fé.

No n.º 48 da *Gaudium et Spes* encontra-se em destaque essa realidade sobrenatural. Diz a

“íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, ou seja, pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do ato humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana. O próprio Deus é o autor do matrimónio, o qual possui diversos bens e fins, todos eles da máxima importância, quer para a propagação do género humano, quer para o proveito pessoal e sorte eterna de cada um dos membros da família, quer

³ G. L. MULLER, *O matrimónio: «Verdadeiro sacramento da nova aliança»*, in G. AUGUSTIN (coord.), *Matrimónio e família*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015, 98-99.

⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 11.

⁵ G. L. MULLER, *O matrimónio: «Verdadeiro sacramento da nova aliança»*, 105.

mesmo, finalmente, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade de toda a família humana”⁶.

A história da salvação é atravessada pelo tema da aliança esponsal, expressão significativa da comunhão de amor entre Deus e os homens, e chave simbólica para compreender as etapas da grande aliança entre Deus e o Seu povo⁷. O centro da revelação do projeto de amor divino é o dom que Deus faz à humanidade do seu Filho Jesus Cristo. Do amor esponsal de Cristo pela Igreja, que mostra a sua grandeza na oferta consumada na Cruz, brota a “sacramentalidade” do matrimónio. A união matrimonial é frutificante e dinâmica, prolongando-se na fecundidade. Está ordenada, por meio da procriação, à edificação da comunidade familiar.

Quanto ao casamento, no ordenamento jurídico português, é definido como sendo “o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida”⁸. O contrato celebrado é elemento e requisito para que haja o casamento. Sem o contrato celebrado o casamento é inexistente de acordo com o artigo 1628.º alíneas c) e d), do Código Civil Português⁹. Assim o casamento como contrato é um negócio jurídico convencionado pelas partes, convergindo vontades, em sentido de comum objetivo de realização.

Ao definir-se o casamento, o legislador fala de uma “plena comunhão de vida”. A lei não define com exatidão esta comunhão de vida, mas revela algumas linhas orientadoras sobre o que se pode considerar comunhão de vida, com base nas interferências que a expressão “comunhão de vida” tem em outras disposições do Código Civil. Trata-se, assim, de uma comunhão onde ambos os cônjuges estão obrigatoriamente ligados pelos deveres impostos, sendo eles: deveres de respeito, fidelidade, coabitação, cooperação e assistência¹⁰.

⁶ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição *Gaudium et Spes*, 48.

⁷ Cfr *Familiaris Consortio*, 12. Doravante usaremos a sigla FC.

⁸ Diário da República n.º 105/2010, Série I de 2010-05-3, Lei n.º 9/2010.

⁹ Decreto-Lei n.º 47 344 de 25-11-1966, in

http://bdjur.almédina.net/citem.php?field=item_id&value=972351 (consultado a 18 de outubro de 2018).

¹⁰ Cfr F. COELHO, *Curso de Direito da Família*, Policopiada Editora, Coimbra, 1986, 126.

Tradicionalmente, o casamento era considerado um rito de passagem, que dava acesso a novos papéis, permitindo ao casal beneficiar do status correspondente e socialmente reconhecido. Apesar das grandes mudanças sociais e estruturais encontradas no casamento, este continua a ser algo desejável entre os portugueses. “Podendo ser antecedido por um período de coabitação, que terá como finalidade um ajustamento do casal ou o desenvolvimento das condições financeiras e de habitação necessárias ao casamento”¹¹.

Neste caso, a cerimónia de casamento deixa de ter o carácter de rito de passagem para passar a ser um rito de confirmação social, caracterizado como ato cultural que se estrutura a partir da reconstrução e manutenção de costumes e tradições. Logo, em cada sociedade, o casamento assume componentes que estão relacionadas com a organização social, as regras e os padrões de cultura.

Contudo, é de realçar o carácter gradual e de continuidade com que se passa da relação de namoro para a relação de casal. Muitas vezes, o momento que determina esta decisão é feito com naturalidade. Entre os mais jovens, a fuga do casamento tem que ver com a recusa da institucionalização do seu vínculo, embora na prática a vida e a relação dos casais que vivem juntos e os casados possa ser bastante idêntica. Perante isto, foram surgindo outras formas contratuais que regulam a vida do casal. Estas soluções existiram sempre noutros momentos da história, embora antigamente se praticassem em menor número e na maior parte dos casos num clima de ocultação.

Muitos casais tomam hoje a decisão de aderirem à chamada “união de facto”. Esta é regulada, no sistema jurídico português, pela Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, “Medidas de Proteção das Uniões de Facto”, com alterações introduzidas pela Lei n.º 23/2010, de 30 de agosto¹². Observando a lei que consagra a união de facto, não se encontra nenhuma definição desta, apenas se regula a situação que dá origem a esta união de facto. Dispõe o art.º 1.º, n.º 2, “a união de facto é a situação jurídica de duas pessoas que, independentemente do sexo, vivam em condições análogas às dos cônjuges há mais de dois anos”¹³.

¹¹ F. AMARO, *Sociologia da família*, Factor, Lisboa, 2014, 67.

¹² Lei n.º 7/2001, de 11 de Maio, Proteção das uniões de facto, in http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=901&tabela=leis (consultado a 1 de novembro de 2018).

¹³ *Ibidem*

Muitos podem ser os motivos para se optar pela “união de facto”, quer por se acreditar que este é o melhor caminho para os sujeitos, quer por se recusar o casamento. Mas a verdade é que o instituto que agora chamamos de união de facto tem origem nos institutos romanos como o *concubinatus* e o *contubernium*¹⁴ que sempre foram uma união de facto. O concubinato não foi nunca definido por si, mas sempre tendo como comparação a realidade do matrimónio. Ao longo dos tempos a expressão concubinato foi sendo associada a um certo desvalor social, foi adotando uma conotação depreciativa, uma reprovação moral de quem adota tal tipo de comportamento. Não é de surpreender que, ao longo dos tempos, para designar esta vivência, segundo o costume de casado, tenha surgido uma evolução terminológica nas expressões usadas até então: “convivência em condições análogas às dos cônjuges”, “convivência *more uxorio*”, dando-se hoje preferência à expressão “união de facto”¹⁵.

1.2. Conceito de família

Em todas as sociedades, a família constitui a primeira comunidade de referência para o ser humano. No entanto o termo “família” assinala uma diversidade de formas de organização da vida em comum, as quais são distintas, consoante o contexto histórico, social e cultural em que se inserem¹⁶.

Tentando uma primeira definição, tradicionalmente, entende-se família como um conjunto de pessoas, com afinidades de sangue e relações de parentesco, que vive em grupo num mesmo espaço físico. Para uma criança, as primeiras pessoas com quem cria uma relação de afinidade, confiança e intimidade, são os seus pais.

O conceito de família tem origem na palavra *famulus*, que significa “servidor”, conceção que remonta à Roma antiga. Através deste conceito, incluíam-se no grupo-família todos os membros que habitavam na mesma casa (pessoas com laços de parentesco, servos, amigos

¹⁴ R. LISBOA, *Manual de direito civil*, in <https://books.google.pt/books?id=g4VnDwAAQBAJ&pg=PT149&lpg=PT149&dq=institutos+romanos+concubinatos+e+contubernium&source> (consultado a 1 de novembro de 2018).

¹⁵ M. COSTA, *Convivência More Uxorio na Perspectiva de Harmonização do Direito da Família Europeu: Uniões Homossexuais*, 1ª Edição, Coimbra Editora, Coimbra, 2011, 47-54.

¹⁶ I. DIAS, *Sociologia da família e do género*, Pactor, Lisboa, 2015, 9.

íntimos, etc). Apenas no séc. XIX se separam os servos dos pais e filhos, assumindo a família os contornos que lhe estão associados¹⁷.

Até aos anos cinquenta/sessenta do séc. XX, a ideia de família ocidental tinha por base o conceito *parsoniano* de Talcott Parsons, que a reconhecia como um espaço de estabilização emocional dos adultos e de socialização das crianças; isto é, a transmissão dos valores culturais e sociais da sociedade em que nasceram. Na convivência com o pai e a mãe, a criança aprendia como se devia comportar, o que lhe era permitido e proibido, bem como os papéis sociais que competiam aos diferentes elementos que constituíam a família¹⁸.

“Os papéis sociais estavam bem demarcados, os homens trabalhavam fora de casa e asseguravam o sustento das famílias, às mulheres competia o trabalho doméstico e a socialização dos novos membros. Todos os elementos estavam subordinados ao chefe de família, esta autoridade não era apenas económica, mas também moral. A década de sessenta foi um marco de viragem na história da família das sociedades ocidentais. Num mundo em que as mulheres ocupavam postos de trabalho ao lado dos homens, já não era justificável a supremacia dos mesmos no interior do lar. Nesta época as mulheres reivindicaram o reconhecimento de direitos iguais aos dos homens em todos os planos da vida social, impondo o reconhecimento da partilha das tarefas familiares, uma vez que ambos exerciam profissões no exterior”¹⁹.

Mas será em finais do séc. XX, com a emergência de múltiplas formas de convivência social, que o conceito de família deixa de ser tão claro, passando a englobar uma variedade de possibilidades de agrupamento e convivência de pessoas²⁰.

Na verdade, trata-se de um termo com vários significados. Encontrar uma definição universal de família não tem sido tarefa fácil. Para Anthony Giddens, a família

“é um grupo de pessoas unidas diretamente pelo parentesco, no qual os adultos

¹⁷ M. SEGALEN, *Sociologia da Família*, Terramar, Lisboa, 1999, 26.

¹⁸ *Ibidem*, 32

¹⁹ M. OLÍVIA DIAS, “Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – o processo de comunicação no sistema familiar”, *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu, Nº 19 (2011), 146.

²⁰ Cfr M. SEGALEN, *Sociologia da Família*, 36.

assumem a responsabilidade de cuidar das crianças. Os laços parentescos são relações entre indivíduos estabelecidas através do casamento ou por meio de linhas de descendência que ligam familiares consanguíneos. O casamento pode ser definido como uma união sexual entre dois indivíduos adultos, reconhecida e aprovada socialmente. Quando duas pessoas se casam, tornam-se parentes. Pais, irmãos e outros familiares de sangue tornam-se parentes do outro cônjuge através do casamento”²¹.

A esta definição foram apresentadas algumas críticas, entre elas o facto de não ter aplicação universal. Já para Durkheim, a família

“torna-se cada vez mais um espaço onde os indivíduos esperam desenvolver e proteger a sua individualidade, que é valorizada, sendo a família, em simultâneo, um órgão secundário do Estado que, através das normas, controla, mantém e regula as relações dos membros da família”²².

Nesta definição é possível perceber um movimento duplo: uma privatização e uma socialização dos membros da família, que abordarei mais adiante neste capítulo.

Tendo por base o Instituto Nacional de Estatística, em Portugal a família apresenta-se como um

“conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que tem relações de parentesco entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também família clássica qualquer pessoa independente que ocupa uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento. São incluídos na família clássica os(as) empregados(as) domésticos(as) internos(as), desde que não se desloquem todas ou quase todas as semanas à residência da respetiva família”²³.

²¹ A. GIDDENS, *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002, 176-177.

²² F. DE SINGLY, *Sociologia da família contemporânea*, 12.

²³ F. AMARO, *Sociologia da família*, 3.

Morgan refere que a família “é um espaço de ação, comunicação, conflito, reminiscência, antecipação, mas também de mudança e de continuidade”²⁴. Revelando-se um dos espaços privilegiados de construção social da realidade e de tomada de consciência desta.

De acordo com o Papa João Paulo II, a família constitui a mais pequena e primordial comunidade humana que sempre foi considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. No seu núcleo essencial, esta visão não mudou nos nossos dias. A família é realmente uma comunidade de pessoas, para quem o modo próprio de existir e viver juntas é a comunhão: *comunhão de pessoas*²⁵.

Através destas definições, pode perceber-se a dificuldade em encontrar uma definição que sirva para todas as famílias. Tal como indica François de Singly, a “fluidez”²⁶ que se encontra no conceito de família na modernidade não permite a apresentação de uma definição específica. A aproximação ao conceito fica distante da família como unidade universal, apresentando-se como um termo com limites e muitas definições. Um privilegia alguns elementos, outros privilegia outros. No entanto, é claro que a família procura estabilizar e perpetuar aspetos chave nos números e tipos de família. O conceito de família é relativo, não absoluto; qualquer definição é sempre incompleta e condicionada. A família, no sentido a que o senso comum se refere, é uma construção social, uma vez que representa um modo de agir e de pensar coletivo, que evoluiu ao longo do tempo em relação com a organização e o funcionamento da sociedade.

1.2.1. Mudanças na estrutura da família

É inevitável associar as primeiras mudanças que ocorreram na família com a industrialização. Esta levou a que as famílias tivessem que lidar com novas necessidades, perdendo muitas das suas antigas funções. Então a família funcionava mais como uma unidade de produção, que procurava formar as novas gerações nos padrões transmitidos pela geração anterior. Eram famílias numerosas que dependiam essencialmente da agricultura²⁷.

²⁴ I. DIAS, *Sociologia da família e do género*, 10.

²⁵ Cfr JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às famílias*, 2 fevereiro 1994, n.7, in http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jpii_let_02021994_families_po.htm (consultado em 10 de outubro de 2018).

²⁶ F. DE SINGLY, *Sociologia da família contemporânea*, 7.

²⁷ Cfr F. AMARO, *Sociologia da família*, 48.

Com a industrialização, as famílias foram perdendo a sua função de produção, havendo uma deslocação desta para a fábrica. Este aspeto contribuiu para o aparecimento de famílias mais centradas em si próprias, nas quais

“o indivíduo adquire maior importância face à comunidade e o apoio emocional aos seus membros passa a ser uma das principais funções da família. Todas estas mudanças foram acompanhadas de alterações ao nível cognitivo e emocional que, segundo Edward Shorter, se situaram em três áreas: namoro: crescente desenvolvimento do amor romântico e maior importância da felicidade pessoal na formação do casal; relação mãe-filho: o bem-estar dos filhos passou a ter maior importância do que no passado e a mãe passou a ter um investimento emocional maior nos filhos; relação com a comunidade: diminuição das relações com a comunidade próxima, aumentando, em consequência, a noção de privacidade da família”²⁸.

No final do século XIX, a família moderna encontra-se no centro de um movimento duplo de privatização e socialização, tornando-se o espaço onde os indivíduos desenvolvem e protegem a sua individualidade, mas também onde, através de normas, se regulam as relações dos indivíduos da família. “Homens e mulheres, adultos e crianças organizam a vida privada no quadro desta dualidade: uma reivindicação de independência coletiva e individual e uma dependência acrescida em relação à esfera pública”²⁹.

Passado 1970, a família continua atrativa, porque se torna compatível com a livre expressão pessoal. Assim,

“na segunda modernidade a família permanece: os indivíduos acreditam que este grupo representa um dos meios ideais para se realizarem. O “eu” leva a melhor sobre o “nós”, sem que isto implique o desaparecimento das relações conjugais e familiares. A emancipação das mulheres, a força do amor nas relações conjugais superiores à instituição, a extensão ao conjunto da sociedade do capital escolar, a reivindicação da independência e da autonomia individuais, e a lógica de mercado

²⁸ *Ibidem*, 49

²⁹ F. DE SINGLY, *Sociologia da família contemporânea*, 12.

que propões bens cada vez mais individualizados contribuem para produzir e caracterizar esta família moderna 2”³⁰.

Eberhard Shockenhoff sublinha que

“as mudanças sociais do moderno mundo da vida não modificaram a estrutura fundamental da vida familiar, nem a responsabilidade paterno-materna, ou seja, a convivência dos progenitores com os seus filhos na decisiva fase familiar. Sobretudo pelo que diz respeito às fundamentais experiências existenciais que tanto os filhos como os progenitores vivem nesta fase da convivência, não se vislumbram, na nossa sociedade, formas alternativas de vida capazes de substituir, a longo prazo, a família como lugar de aprendizagem social e de experiência existencial de sentido”³¹.

Assim sendo, a família tem a seu cargo uma elevada responsabilidade para com os diversos membros da mesma, mas também para com a sociedade e o seu bem comum.

Quando se fala de família na sociedade, situamo-nos perante uma matriz judaico-cristã. No entanto, não podemos deixar de apontar a emergência de outras estruturas familiares neste espaço sociocultural.

“A família alargada tradicional deu lugar à família nuclear mais reduzida, muitas vezes transplantada dos meios rurais para os meios urbanos e operários, a bater-se inicialmente com o espaço das casas, da relação com estranhos, da novidade dos trabalhos em que tem de se ocupar, do frágil acompanhamento dos filhos, agora dispersos por escolas com muitos alunos e amigos desconhecidos”³².

Reconhecendo a universalidade da questão familiar, convém não esquecer a existência de tipos de família muito diversificados, no espaço e no tempo. Um novo entendimento sobre o amor, a afetividade e o casamento vai conduzir a novas tipologias familiares. De acordo com

³⁰ *Ibidem*, 23-24

³¹ E. SHOCKENHOFF, *O futuro da família. Fundamentos antropológicos e desafios éticos*, in G. AUGUSTIN (coord.), *Matrimónio e família*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015, 24.

³² A. MARCELINO, *A Vida também se lê*, III Vol, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002, 133.

Litwak e Szelenyi, as famílias extensas modificadas surgem como grupos de várias famílias nucleares, que, embora vivendo autonomamente, mantém relações de interajuda e apoio emocional entre si.

Também as famílias unipessoais, constituídas por uma só pessoa, tem vindo a aumentar nas sociedades ocidentais. Duas das possíveis explicações para este facto são o aumento da esperança média de vida e o aumento de divórcios. Entre estas novas formas de família é possível encontrar também as famílias “recompostas”, famílias que são o resultado de uniões em que pelo menos um dos cônjuges traz para o novo casamento um filho dependente, as famílias monoparentais, constituídas por um dos pais e pelos filhos e, as famílias homoparentais, constituídas por duas pessoas do mesmo sexo³³.

A nível constitucional houve alterações relativamente à família. A Constituição de Weimer de 1919 foi a primeira a dedicar três artigos à temática da família. São eles:

“Artigo 119.º: A Constituição protege o casamento como fundamento da vida da família e da conservação e desenvolvimento da nação. Ele assenta na igualdade de direitos dos dois sexos. Incumbe ao Estado e às comunas velar pela pureza, pela saúde e pelo desenvolvimento social da família. As famílias numerosas têm direito a medidas de assistência para ocorrerem aos seus encargos. A maternidade tem direito à proteção e solicitude do Estado; Artigo 120.º: A educação dos filhos em vista do aperfeiçoamento físico, moral e social é o dever supremo e constitui direito natural dos pais; incumbe à comunidade política cuidar da sua fiscalização; Artigo 121.º: A lei deve assegurar aos filhos ilegítimos as mesmas condições de desenvolvimento físico, moral e social dos filhos legítimos”³⁴.

Após a II Guerra Mundial, em 1945, a instituição família, , passou a ser tema recorrente nas Constituições. Tal como se pode constatar nos seguintes exemplos: “A Nação assegura ao individuo e à família as condições necessárias ao seu desenvolvimento” (preâmbulo da Constituição francesa de 1946); “A maternidade, a infância e a família estão sob proteção do

³³ Cfr F. AMARO, *Sociologia da família*, 76-77.

³⁴ J. MIRANDA, *A relevância constitucional da Família*, in H. REBELO PINTO, J. MIGUEL SARDICA (coord.), *Família, essência e multidisciplinariedade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 87.

Estado (art.º 38º, n.º 1, da Constituição russa de 1993); “A família é o nicho fundamental da organização da sociedade e é objeto de especial proteção do Estado, quer se funde no casamento, quer na união de facto, entre homem e mulher” (art.º 35º, n.º 1, da Constituição angolana de 2010)”. Todas as citações têm em comum a família enquanto “primeira célula da sociedade”³⁵, aquela onde se inicia o processo de socialização e de individualização dos diferentes membros que a constituem.

Em Portugal, o conceito de família surgiu pela primeira vez numa Constituição em 1933, sendo que

“o Estado assegurava a constituição e a defesa da família como fonte de conservação e desenvolvimento da *raça*, como base primária da educação, da disciplina e harmonia social e como fundamento de toda a ordem política pela sua agregação e representação na família e no município”³⁶.

Em 1976, a Constituição retomaria a temática da família. Por exemplo, de acordo com o artigo 36º, n.º 1, “todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento, em condições de plena igualdade”; no n.º 2, “a lei garante mais de uma forma de celebração do casamento, pois ela regula os requisitos e os efeitos do casamento e da sua dissolução, por morte ou divórcio, independentemente da forma de celebração”; no n.º 3, 2ª parte e n.º 5, “os cônjuges têm iguais direitos e deveres quanto à manutenção e à educação dos filhos”³⁷.

O artigo 26.º da Constituição Portuguesa prevê medidas de proteção do Estado³⁸. “No n.º 1, a todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar e à proteção legal contra quaisquer formas de discriminação; no n.º 2, a lei estabelecerá garantias efetivas contra a obtenção e utilização abusivas, ou contrárias à dignidade humana, de informações relativas às pessoas e famílias; no n.º 3, a lei garantirá a dignidade pessoal e a identidade genética do ser humano, nomeadamente na criação, desenvolvimento e utilização das tecnologias e na experimentação

³⁵ *Ibidem*, 90

³⁶ *Ibidem*, 91

³⁷ *Ibidem*, 92

³⁸ Cfr *Ibidem*, 92

científica; no n.º 4, a privação da cidadania e as restrições à capacidade civil só podem efetuar-se nos casos e termos previstos na lei, não podendo ter como fundamento motivos políticos”³⁹.

Importa não esquecer que a família é uma realidade viva que, no concreto da sua existência, se desenvolve, cresce e está sujeita a transformações amplas, rápidas e profundas, quer culturais, quer sociais. As alterações sentidas na sociedade global e que se repercutem em todos os setores da vida, nomeadamente nos domínios da economia, ciência, tecnologia e relações sociais ajudam a compreender as mudanças que se vão observando nas famílias.

1.2.2. Consequências familiares e sociais do divórcio

“O divórcio consiste na dissolução do casamento por vontade de pelo menos um dos membros do casal e é um fenómeno em crescimento nas sociedades industrializadas”⁴⁰. O aumento da taxa de divórcios e a fragilidade demonstrada nos compromissos deve-se essencialmente à crença no indivíduo egocêntrico e egoísta, ao desempenho insuficiente do parceiro ou do próprio no seu papel de apoio identitário, ao fechamento identitário do cônjuge no seu parceiro. Este último aspeto, impossibilita a modificação da identidade de tempos a tempos por parte dos indivíduos.

Alguns casais da segunda modernidade procuram a satisfação psicológica retirada da vida a dois e não a solidez do casal. De acordo com François de Singly

“o amor, base da vida a dois, fragilizou incontestavelmente a estabilidade e valorizou outros elementos. O aumento das separações e dos divórcios traduz a força do sistema de valores da modernidade II, reforçado pelo reconhecimento jurídico de uma maior individualização, com a simplificação do divórcio por consentimento mútuo e a criação de um divórcio através da alteração definitiva do laço conjugal pela lei de 26 de maio de 2004”⁴¹.

³⁹ *Constituição da República Portuguesa*, in <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx#art26> (consultado a 5 de outubro de 2018).

⁴⁰ F. AMARO, *Sociologia da família*, 141.

⁴¹ F. DE SINGLY, *Sociologia da família contemporânea*, 77.

Junta-se a estes factos, a diminuição da dependência do casamento como forma de sobrevivência, isto é, válido sobretudo para as mulheres, que se encontram cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, conferindo-lhes maior autonomia financeira.

Todavia, o divórcio não deixa de trazer consequências para as pessoas envolvidas. Estas consequências são diferentes para pais, mães e filhos. Sabendo que os homens continuam a ser financeiramente mais independentes, para estes, o divórcio tem custo económico mais baixo. Este aspeto não exclui possíveis consequências psicológicas que advêm da fragilidade dos laços entre pai e os filhos. O facto de não ficar com a guarda dos filhos distancia-os frequentemente destes.

Relativamente às mulheres, uma das consequências negativas, é a quebra de rendimento, sobretudo se tiverem a guarda dos filhos, tanto por vontade pessoal, como por decisão do tribunal. Na maioria dos casos, os filhos são educados em condições económicas inferiores ao período de vida em comum. Apesar destes aspetos, a mulher tem tendência a adaptar-se mais facilmente às rotinas diárias, pois, na maioria dos casos, tem a seu cargo as tarefas domésticas.

Quanto aos filhos, estudos indicam que o divórcio dos pais traz diversos inconvenientes para as crianças. Uma vez que a maioria fica à guarda da mãe, a ausência da figura paterna pode desencadear uma falta de autoridade que terá como possível consequência problemas de socialização na juventude. A trajetória social da criança muda depois da separação ou divórcio. Também o rendimento escolar pode sofrer alterações, uma vez que a separação da “equipa conjugal” não cria as condições de uma mobilização máxima de recursos e estratégias.

De todas as crises familiares, o divórcio é talvez a que precisa de maior suporte familiar e social. Os pais dos cônjuges podem ter um papel fulcral na crise do casal, tanto no apoio aos respetivos filhos como no que respeita aos netos, se os houver⁴².

1.2.3. Estrutura da família em Portugal

Inicialmente interessa refletir sobre a pergunta: família ou famílias? Pode parecer um aspeto pouco relevante, mas a resposta marca uma clara distinção entre

⁴² *Ibidem*, 78-82

“aqueles que se referem à família como uma instituição natural, anterior a qualquer organização política ou legal, e os que apenas aceitam falar de uma diversidade plural de relacionamentos, socialmente construídos e de relevância equivalente”⁴³.

Ao termo família está implícita a compreensão desta realidade humana, enquanto “estrutura institucional primária de identificação do ser humano, estrutura que exprime as suas exigências e necessidades antropológicas fundamentais e que é intrinsecamente jurídica”⁴⁴.

Tendo em conta a família enquanto espaço de ação, relação, conflito, memória, antecipação, renovação e continuidade, é possível considerá-la como um sistema aberto que se encontra inserido em diferentes contextos de interação.

Olhando especificamente para a realidade da família em Portugal, entre 2001 e 2011, a dimensão das famílias sofreu alterações significativas.

“Na última década, acentuaram-se as transformações que se vinham verificando ao nível da família e do lugar que esta ocupa na sociedade. Entre 2001 e 2011, o número de famílias clássicas aumentou cerca de 11%, atingindo as 4 043 726. Esta evolução decorre não só do crescimento da população, mas também da influência de outros fatores sociodemográficos, como as alterações nos padrões de nupcialidade, o divórcio e a fecundidade, bem como do aumento da esperança média de vida que concorrem para as alterações verificadas ao nível das estruturas familiares”⁴⁵.

Números de pessoas	2001 (%)	2011 (%)
1 pessoa	17,3	18,9
2 pessoas	28,4	30,8

⁴³ R. LOBO XAVIER, *Questões atuais de Direito da Família*, in H. REBELO PINTO - J. MIGUEL SARDICA (coord.), *Família, essência e multidisciplinariedade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 103.

⁴⁴ *Ibidem*, 103.

⁴⁵ *Censos 2011*, in

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=107624784&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2 (consultado a 11 outubro 2018).

3 pessoas	25,2	25,6
4 pessoas	19,7	17,9
5 e + pessoas	9,5	6,7

Quadro 1- Dimensão das famílias em Portugal entre 2001 e 2011 (INE, Censos 2011)⁴⁶

Número de filhos	% de famílias
1	32,1
2	19,1
3	3,3
4 e +	0,7

Quadro 2 - Número de filhos por família 2011 (INE, Censos 2011)⁴⁷

Como se pode observar nos quadros 1 e 2 as famílias com quatro ou mais pessoas baixaram de 2001 para 2011, havendo um aumento das famílias mais reduzidas. Quanto ao número de filhos, 32,1% das famílias tem apenas um filho, 19,1% tem dois filhos, 3,3% tem três filhos e apenas 0,7% tem quatro ou mais filhos.

“Em 2011, foram recenseados 480 443 núcleos familiares monoparentais, o que representa um crescimento de cerca de 36% face a 2001. O aumento da proporção de núcleos familiares monoparentais, no total de núcleos familiares, revela a alteração do modelo de vivência familiar que tem vindo a operar-se na sociedade portuguesa nos últimos anos. À semelhança do que se verificara ao longo da década de 90, os núcleos monoparentais constituídos por mãe com filhos continuam, na primeira década do milénio, a prevalecer face ao número de núcleos de pai com filhos, representando mais de 86% do total de núcleos monoparentais (416 343 e 64 100 respetivamente). Em 2011, o número de núcleos familiares reconstituídos ascendeu a 105 764, o que representa um crescimento muito significativo em relação a 2001 (46 786). Este crescimento revela também a emergência das novas formas de organização familiar, em resultado dos padrões recentes de nupcialidade e

⁴⁶ F. AMARO, *Sociologia da família*, 78.

⁴⁷ *Ibidem*, 79

fecundidade. Os núcleos familiares reconstituídos representam cerca de 7% do total dos núcleos familiares de casais com filhos⁴⁸.

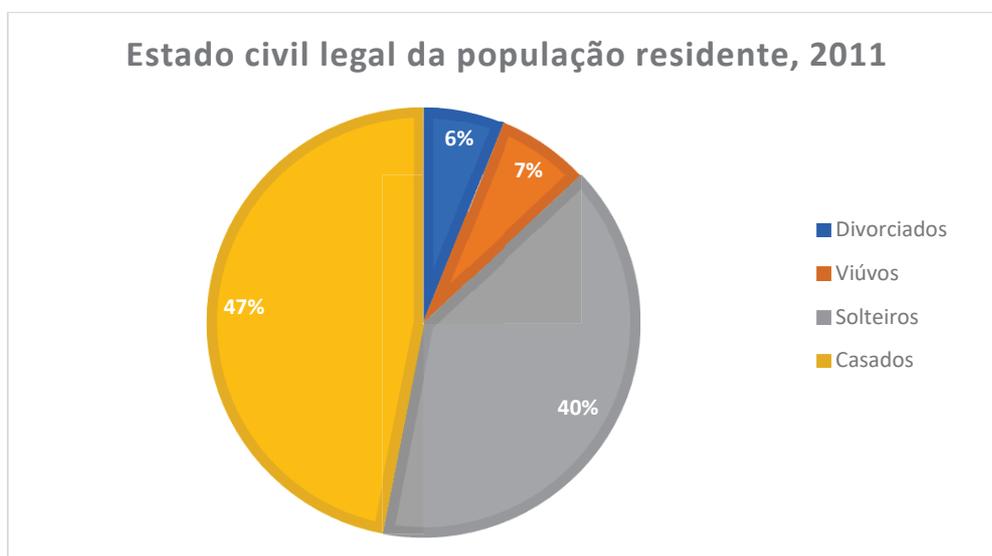


Gráfico 1 - Estado civil legal da população residente em Portugal (INE, Censos 2011)

Quanto ao estado civil, em 2011 as uniões conjugais continuavam a ser maioritariamente formalizadas através do casamento (87%), as uniões de facto representavam cerca de 13% do total face a 7% em 2001. Cerca de 47% da população recenseada nos Censos 2011 era casada. O grupo dos/as solteiros/as representava 40% e os viúvos/as e divorciados/as representavam respetivamente 7% e 6%⁴⁹.

De acordo com os Censos 2011, a análise do estado civil por sexo evidencia algumas diferenças entre homens e mulheres. Assim:⁵⁰

	Homens	Mulheres
Casados/as	48%	45%
Solteiros/as	44%	38%

⁴⁸ Censos 2011, in

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=107624784&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2 (consultado a 11 outubro 2018).

⁴⁹ *Ibidem*

⁵⁰ *Ibidem*

Divorciados/as	5%	6%
Viúvos/as	3%	11%

Quadro 3 - Estado civil por sexo (INE, Censos 2011)

De acordo com a análise à organização familiar feita pelo INE, com base nos Censos 2011, o número de casais sem filhos cresceu e diminuiu o número de casais com filhos. Havendo mais famílias monoparentais e indivíduos a viver sozinhos.

2. Visão teológica da família

A Igreja Católica considera, para os católicos, que a família deve ter origem no matrimónio, visto como um sacramento e não como mero contrato celebrado entre um homem e uma mulher. O matrimónio é um vínculo sagrado, que traduz o amor dos cônjuges unidos de livre vontade, perante Deus. A instituição familiar, do ponto de vista cristão, constitui a primeira comunidade onde o ser humano cresce, se desenvolve e cria os primeiros laços de confiança com os outros.

Pretende-se abordar esta temática tendo por base a Sagrada Escritura e alguns documentos do Magistério da Igreja Católica.

2.1. A família na Bíblia

Neste ponto são apresentados alguns fundamentos e aspetos relevantes encontrados na Sagrada Escritura, que podem ajudar a aprofundar a realidade da família.

2.1.1. Antigo Testamento

Para o povo Hebreu, a família era composta por um grupo alargado; este incluía todas as pessoas do mesmo sangue ou que viviam no mesmo espaço residencial. O pai, chefe da família, e a mãe, lideravam esta comunidade, embora fossem abrangidos todos os outros membros que podiam não ser descendentes, como os escravos, empregados ou hóspedes. Era a célula social mais reduzida da organização do povo. Toda a vida social da história do Antigo Testamento se agregava em torno da unidade familiar, pelo que o indivíduo não podia

persistir senão ligado à sua família⁵¹. As profissões e o comércio eram hereditários, passando assim os ofícios de pais para filhos.

Toda a realidade criada por Deus participa da intenção amorosa de Deus que dá o Ser a todas as suas criaturas. Mas são o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus, que possuem toda a honorabilidade deste amor criador (Gn 1, 26-27). Ser “imagem e semelhança” de Deus que é amor e comunhão pessoal, significa que o homem é chamado a realizar a sua existência no amor e a dar testemunho do amor. O amor é a vocação original do ser humano. Assim, homem e mulher são abençoados por Deus e é-lhes dada a missão, na complementaridade dos sexos, de crescerem e se multiplicarem, dominando sobre todos os seres vivos e povoando a superfície da terra (Gn 1, 28).

Mas será na medida em que cada um deles seja capaz de conhecer o outro, de se transcender a si próprio, na relação de complementaridade, que poderá fazer dessa união um caminho para Deus. Por isso, homem e mulher deixarão a casa dos pais para se unirem um ao outro, cumprindo o propósito de Deus de criarem uma nova família (Gn 2, 25). Desta passagem deriva então o fundamento do Sacramento do matrimônio, fonte de vida e de amor vivida pelo casal e perpetuada nos filhos. Ambos possuem responsabilidade nesta aliança de amor.

Através de Abraão, Deus constrói uma nova aliança de amor, dando-lhe uma descendência que será tão numerosa quanto as estrelas do céu (Gn 15, 5). Mais tarde, Deus estabelece aliança com Moisés, confirmada através do amor de Deus para com o Povo de Israel. Por entre provas de amor, infidelidades e conversões, o caminho do povo pelo deserto, rumo à terra prometida, é, de certo modo, metáfora da mesma aliança fiel que o casal é chamado a seguir.

No livro *Cântico dos Cânticos*, um poema de amor, Deus utiliza a imagem de dois jovens apaixonados que esperam ansiosamente o encontro, para simbolizar a Sua relação com o povo. Este poema lírico foi interpretado como a relação que tem Deus com o seu povo, ou até mesmo Cristo (esposo) com a sua Igreja. Poderia ainda abranger a relação íntima de amor que Deus tem com cada crente. Exalta-se a fidelidade, a expectativa, o desejo, que o amado sente pela amada e vice-versa (cfr Can 2, 11 ss).

⁵¹ C. SAULNIER, B. ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, Paulus, São Paulo (Brasil), 1983, 43-49.

Esta aliança de amor é infringida muitas vezes pelo povo, mas nunca por Deus. Mais tarde, na instituição do matrimónio como sacramento, M^a Dolores López Guzmán, apresenta três aspetos: a fidelidade (*para sempre*), qualidade que Deus sempre respeitou e nunca infringiu, embora os homens sempre a pusessem em causa, adorando outros deuses; a indissolubilidade (*abraço*), o compromisso total e definitivo que Deus assume com a humanidade e a procriação (*multiplicando-se*), o amor verdadeiro não se fecha sobre si próprio, mas é fecundo, vai muito mais além dos dois que se amam, ao ponto de gerar uma vida nova⁵².

2.1.2. Novo Testamento

No Evangelho de Lucas, são relatados alguns aspetos dos primeiros anos da vida de Jesus. “Desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses factos em seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2, 51-52).

Viveu a sua juventude em Nazaré, como qualquer jovem judeu da sua idade. No entanto, inicia a sua vida pública para realizar a vontade de Deus e colocar em prática a sua missão profética. Ao iniciar o ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos e era, conforme se supunha, filho de José, filho de Eli.

No Novo Testamento, Jesus vem renovar e dar pleno cumprimento à Antiga Aliança que Deus tinha realizado com o seu povo, selando essa Aliança com a sua própria vida, dando assim o testemunho último do amor. Deste modo, Jesus deu exemplo de como os cristãos em geral se devem amar e de um modo especial os esposos. Deixando o desafio “amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 15, 12).

São Paulo apresenta o matrimónio cristão como um grande mistério, incentivando os esposos a amarem-se do mesmo modo que Cristo ama a sua Igreja,

“sede submissos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres o sejam a seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos. E vós, marido, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho

⁵² Cfr M. LÓPEZ GUZMÁN, “Mucho más que entregarse”, *Sal Terrae*, 99 (2011) 565-578.

da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5, 21-27).

Estabelecendo assim uma analogia entre Cristo e a Igreja.

Na passagem bíblica 1Cor. 7, 1-13, São Paulo incita os esposos à lealdade e a conservarem-se juntos, amando-se e cuidando-se mutuamente. Descreve, nesta e noutras cartas (Col 3, 18-25), os principais direitos e deveres dos esposos e o modo como se devem relacionar. Preocupa-se também em dar orientações de como os cristãos se devem relacionar no seio da família, tendo por base o respeito, a paciência e a humildade.

Na tradição cristã, é possível apresentar a sagrada família de Nazaré como modelo de projeto de fé entre eles. Sendo Maria o verdadeiro exemplo de entrega e dedicação a Deus. Fiel até ao fim da sua vida, preocupa-se em amar o seu filho, mesmo que tantas vezes não compreenda totalmente o significado dos seus atos ou das suas palavras. Tal como é referido em Lc 2, 48, em que Maria questiona o seu filho. “Meu filho, por que agiste assim connosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos”.

José, o esposo fiel que coopera com os planos de Deus. Através do seu trabalho e como judeu fiel, vive em Nazaré, cumprindo também ele o que Deus lhe pede.

O Evangelho pouco narra acerca do dia-a-dia da sagrada família, especialmente ao longo da vida privada de Jesus, embora a tradição da Igreja tenha sempre privilegiado o papel dos pais de Jesus na cooperação que deram para que fosse possível o projeto redentor de Deus.

2.2. A família nos documentos do Magistério

São muitos os documentos do Magistério que falam da importância da família para o desenvolvimento e a realização humana. Foram selecionados alguns destes, que se revelam mais significativos para o estudo em causa: Constituição *Gaudium et Spes*, 1965, V Assembleia do Sínodo dos Bispos, 1980, Exortação *Familiaris Consortio*, 1981, *Relatio Synodi*, 2014, *Relatio Finalis*, 2015 e Exortação *Amoris Laetitia*, 2016.

2.2.1. Concílio Vaticano II – *Gaudium et Spes*

A Constituição *Gaudium et Spes*, apresenta uma definição bastante completa sobre a família cristã:

“A íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, ou seja, pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do ato humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana”⁵³.

A Constituição Pastoral do Concílio propõe como tarefa principal debruçar-se sobre os problemas humanos e sociais, declarando que a Igreja se sente em profunda comunhão com a humanidade. No Capítulo II do documento, o Concílio reflete sobre alguns dos problemas do mundo atual, surgindo o tema da família. A comunidade humana, modo de vida ao qual são chamados os homens e mulheres, através de relações de profundo respeito e amor, tem a sua manifestação mais concreta na vida familiar. Dos vários tipos de comunidades humanas, a família apresenta-se como aquela que nasce do amor entre o homem e a mulher, e é com base nessa união de respeito e entrega mútua que se constrói um novo projeto de vida a dois, abençoado por Deus.

O documento apresenta uma reflexão sobre o matrimónio e a família no mundo atual, referindo alguns dos problemas que podem ameaçar o projeto de vida familiar. Segue-se um ponto acerca do amor conjugal, apelando à veracidade, entrega e fidelidade dos esposos a esse amor. De facto, o amor do casal deve estar aberto a um dos dons desta união que são os filhos. Deste modo, Deus pede a cooperação dos pais na tarefa criadora da humanidade, recuperando a ideia da Constituição *Lumen Gentium* do papel da família enquanto “igreja doméstica”. Como assegura o documento,

⁵³ *Gaudium et Spes*, 48. Doravante usaremos a sigla GS.

“a família é como que uma escola de valorização humana. Para que esteja em condições de alcançar a plenitude da sua vida e missão, exige, porém, a benévola comunhão de almas e o comum acordo dos esposos, e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos”⁵⁴.

O respeito pela vida humana é outro aspeto sobre o qual o documento reflete, fazendo referência a este critério de base para todas as decisões, tantas vezes complicadas, que o casal tem de tomar. Referem-se certos problemas morais que lhe estão associados, assim como o aborto, o infanticídio, o respeito nas relações sexuais, etc⁵⁵.

Por fim, o Concílio encoraja os esposos a dignificarem o matrimónio e a família, sendo testemunho na sociedade, sobretudo num tempo em que o casamento vem caindo em descrédito. Através da fidelidade e perseverança,

“os cristãos, resgatando o tempo presente e distinguindo o que é eterno das formas mutáveis, promovam com empenho o bem do matrimónio e da família, com o testemunho da própria vida e cooperando com os homens de boa vontade; deste modo, superando as dificuldades, proverão às necessidades e vantagens da família, de acordo com os novos tempos”⁵⁶.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* operou uma mudança radical na forma de conceber, ensinar e fundamentar a perspectiva cristã da instituição familiar.

2.2.2. Concílio Vaticano II – *Gravissimum Educationis*

O n.º 3 da Declaração do Concílio Vaticano II, *Gravissimum educationis* de 1965, refere que

“os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente

⁵⁴ GS, 52

⁵⁵ GS, 51

⁵⁶ GS, 52

poderá ser suprida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade. [...] O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade. Portanto, além dos direitos dos pais e de outros a quem os pais confiam uma parte do trabalho de educação, há certos deveres e direitos que competem à sociedade civil, enquanto pertence a esta ordenar o que se requer para o bem comum temporal. Faz parte dos seus deveres promover de vários modos a educação da juventude: defender os deveres e direitos dos pais e de outros que colaboram na educação e auxiliá-los; segundo o princípio da subsidiariedade, ultimar a obra da educação, se falharem os esforços dos pais e das outras sociedades, tendo, todavia, em consideração, os desejos dos pais; além disso, fundar escolas e instituições próprias, na medida em que o bem comum o exigir”⁵⁷.

2.2.3. Família no Direito Canónico

O Direito Canónico surge com o propósito de organizar e manter a ordem de acordo com os anseios da vida em comunidade e dos princípios divinos instituídos e difundidos pela Igreja Católica. A Igreja atua dentro do seu campo de atuação, assim como o Estado o faz. O direito estatal e o eclesiástico colaboram reciprocamente, sendo que muitas das manifestações sociais reveladas no Estado são de interesse religioso e vice-versa, como por exemplo, o casamento e a instituição da família. Ambos os institutos, convergem-se em realidades originárias, as quais se submetem a determinadas formalidades, traçadas por meio de regras existentes tanto no Direito Civil como no Direito Canónico.

No cânone 1055 do Código de Direito Canónico de 1984 pode ler-se

“o pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda a vida, ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à

⁵⁷ Concílio Vaticano II, *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, in http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html (consultado a 15 de novembro de 2018).

procriação e educação da prole, entre os batizados foi elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de sacramento”⁵⁸.

Este estabelece uma relação direta entre o pacto matrimonial e a educação dos filhos.

O cânone 1057 do Código de Direito Canónico vai reforçar duas propriedades essenciais ao matrimónio cristão: a unidade e a indissolubilidade. Sendo estas essenciais, excluí-las do consentimento torna nulo o pacto conjugal. Pela mesma razão, o divórcio civil não dissolve o vínculo conjugal de um casamento válido⁵⁹. Vínculo conjugal que nasce do consentimento entre “pessoas hábeis”⁶⁰ que não podem ignorar que o “matrimónio é uma união permanente entre um homem e uma mulher, ordenada à procriação de filhos, mediante alguma cooperação sexual”⁶¹.

No cânone 1135 é destacada a igualdade de deveres e direitos dos cônjuges “no que concerne ao consórcio da vida conjugal”⁶². Acresce, no cânone 1136, o dever de os pais “darem aos filhos educação tanto física, social e cultural, como moral e religiosa.”⁶³ Neste faz-se notar a obrigação e o direito prioritário que os pais têm na educação dos filhos.

Os cânones apresentados abordam fundamentalmente a instituição do matrimónio e da família, enquanto realidades que não podem ser estudadas de modo isolado, pois não existe matrimónio sem a família.

2.2.4. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 1981

A Exortação Apostólica sobre a família, intitulada *Familiaris Consortio*, de 1981, foi inspirada e motivada pelo anterior Sínodo dos Bispos de 1980. Deste Sínodo saíram algumas inquietações dos Bispos de todo o mundo, relativamente ao sacramento do matrimónio, assim como à situação de tantas famílias das suas dioceses que apresentavam, já naqueles anos, dificuldade em viverem a lealdade ao sacramento do matrimónio.

⁵⁸ P. LOMBARDIA, J. ARRIETA, *Código de direito civil anotado*, Theologica, Braga, 1984, 645.

⁵⁹ *Ibidem*, 646

⁶⁰ *Ibidem*, 646

⁶¹ *Ibidem*, 675

⁶² *Ibidem*, 708

⁶³ *Ibidem*, 708

O Papa enceta a sua Exortação fazendo o ponto da situação da família cristã, nos seus aspetos positivos, assim como nas suas maiores adversidades. Face a uma cultura que se apresenta contrária aos valores essenciais da família, o documento afirma:

“Por um lado, de facto, existe uma consciência mais viva da liberdade pessoal e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimónio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos; há, além disso, a consciência da necessidade de que se desenvolvam relações entre as famílias por uma ajuda recíproca espiritual e material, a descoberta de novo da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa. Por outro lado, contudo, não faltam sinais de degradação preocupante de alguns valores fundamentais: uma errada conceção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente dos divórcios; a praga do aborto; o recurso cada vez mais frequente à esterilização; a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva”⁶⁴.

Perante estas forças contrárias, que deixam em tensão os cristãos que pretendem viver o seu matrimónio em fidelidade, executando através da família a fundação na sociedade do Reino de Deus, o documento desenvolve-se evidenciando o valor e a riqueza do matrimónio e da família.

A *Familiaris Consortio* reforça muitas das ideias já anteriormente expressas na *Gaudium et Spes*; pronuncia-se sobre o principal fundamento do matrimónio, um Deus que é amor e que deseja estabelecer com os homens uma aliança de amor. Nesta comunidade doméstica, o amor servirá de alimento à união dos esposos e à ulterior procriação e educação dos filhos. Além disso, a família é ainda sinal sacramental de Cristo. Assim como Cristo tem a Igreja como esposa, os esposos devem amar-se e estabelecer entre si uma união que será testemunho salvífico. Como consequência,

⁶⁴ FC, 6

“o matrimónio e a família cristã edificam a Igreja. Na família, de facto, a pessoa humana não só é gerada e progressivamente introduzida, mediante a educação, na comunidade humana, mas graças à regeneração do batismo e à educação pela fé, é introduzida também na família de Deus, que é a Igreja”⁶⁵.

Na III parte da Exortação, o Papa apresenta os quatro deveres principais da família: a formação da comunidade de pessoas, o serviço da vida, a participação no desenvolvimento da sociedade, a participação na vida e na missão da Igreja.

O documento termina com uma abordagem aos problemas relacionados com a Pastoral familiar, seus desafios e fins. Advertindo os responsáveis para a necessidade de acompanharem os jovens casais. Este acompanhamento e orientação são da maior importância, num meio social em que os valores essenciais vão sendo progressivamente relativizados e desacreditados. Relativamente aos batizados que se divorciam e voltam a casar pelo civil, afirma-se que devem ser integrados nas comunidades cristãs nas diversas maneiras possíveis. A lógica que guia os números 84-86 do documento é a de integração, chave de um sólido acompanhamento pastoral. A Igreja mostra-se mãe, dizendo aos divorciados tornados a casar pelo civil para estarem conscientes da sua pertença ao “Corpo de Cristo que é a Igreja”, vivendo como irmão e irmã para poderem aceder ao sacramento da eucaristia e da confissão. Tendo o propósito de afirmar que estas pessoas não perderam a sua vocação ao bem de todos, a sua missão na Igreja.

Na conclusão da Exortação Apostólica, o Papa exorta os cristãos a que amem a família, apresentando como modelo a sagrada família de Nazaré:

“Amar a família significa saber estimar os seus valores e possibilidades, promovendo-os sempre. Amar a família significa descobrir os perigos e os males que a ameaçam, para poder superá-los. Amar a família significa empenhar-se em criar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento”⁶⁶.

⁶⁵ *Ibidem*, 15

⁶⁶ *Ibidem*, 85

O Papa Francisco, pouco tempo depois da sua eleição, em 2013, convoca a III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, no ano 2014.

2.2.5. *Relatio Synodi da III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, 2014*

O relatório do Sínodo dos Bispos sobre *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização* foi elaborado tendo presente a complexa realidade que envolve as famílias. De ressaltar o perigo crescente de um individualismo exasperado que adultera os vínculos familiares, a crise da fé que ganha território, a difusão da pornografia e da comercialização do corpo, e a diminuição demográfica.

Posto isto, a Igreja teve

“necessidade de dizer uma palavra de verdade e de esperança. Partindo da convicção de que o homem provém de Deus e, por conseguinte, de que uma reflexão capaz de voltar a propor as grandes interrogações sobre o significado do ser homem pode encontrar um terreno fértil nas expectativas mais profundas da humanidade. Os grandes valores do matrimónio e da família cristã correspondem à investigação que atravessa a existência humana, inclusive numa época caracterizada pelo individualismo e pelo hedonismo”⁶⁷.

A reflexão apresentada no *Relatio Synodi* tem por base o olhar de Jesus Cristo. O próprio confirma a união indissolúvel entre o homem e a mulher. Esta não deve ser entendida como uma obrigação imposta às pessoas, mas sim como um dom oferecido às pessoas unidas em matrimónio. “De Cristo, através da Igreja, o matrimónio e a família recebem a graça necessária para dar testemunho do amor de Deus e para levar uma vida de comunhão”⁶⁸.

A preocupação da Igreja relativamente às pessoas que o contraíram matrimónio civil, que são divorciadas e tornadas a casar, ou que simplesmente convivem, é notória. Em vários

⁶⁷ III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos de 2014, *Relatio Synodi Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, (18 de outubro de 2014), 11, in http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi_familia_po.html#O_olhar_sobre_Cristo:_o_Evangelho_da_fam%C3%ADlia (consultado a 2 de novembro de 2018).

⁶⁸ *Ibidem*, 16

números do *Relatio Synodi* surge esta inquietação que leva os bispos sinodais a refletirem e a encontrarem respostas para os desafios. A Igreja assume claramente que

“deve acompanhar com atenção e cuidado os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e confuso, restituindo-lhes confiança e esperança como a luz do farol de um porto ou de uma tocha levada ao povo para iluminar quantos perderam a rota ou se encontram no meio da tempestade”⁶⁹.

Havendo necessidade de acompanhar pastoralmente os separados, os divorciados, os abandonados. O perdão pela injustiça sofrida não é fácil, mas trata-se de um caminho que a graça torna possível.

O documento busca uma iluminação bíblico-teológica sobre a realidade que circunda as famílias, apresenta a missão da família *ad intra* e *ad extra* e traça perspectivas pastorais.

2.2.6. *Relatio Finalis da XIV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, 2015*

A Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos reuniu-se em 2015, para refletir acerca da vocação e da missão da família. Dando seguimento a alguns dos aspetos elencados no *Relatio Synodi*.

Na I parte, a Igreja escuta as famílias, tomando assim consciência das suas realidades e desafios. Pretendendo fortalecê-las e ajudá-las a aceitar a sua missão, infundindo-lhes coragem e esperança a partir da misericórdia de Deus. Perante os diferentes contextos socioeconómicos, a Igreja reflete sobre a solidão e a precariedade, que fragilizam as relações e levam a estilos de vida egoístas; a economia e equidade, uma vez que

“o condicionamento material e económico tem uma influência sobre a vida familiar em dois sentidos: pode contribuir para o seu crescimento e facilitar o seu desabrochar, ou impedir o seu florescimento, a sua unidade e a sua coerência. As coerções económicas excluem as famílias do acesso à educação, à vida cultural e à vida social ativa. O atual sistema económico produz diversas formas de exclusão

⁶⁹ *Ibidem*, 28

social. As famílias sofrem de modo particular por causa dos problemas relativos ao trabalho”⁷⁰;

a pobreza e exclusão, consequência do sistema económico atual, que muitas vezes tornam os pobres invisíveis aos olhos da sociedade.

No capítulo III, da I parte, a consideração recai sobre a família, inclusão e sociedade. Destaco especialmente a importância da presença dos avós na família, enquanto “elo de junção entre as gerações”, facilitadores de um equilíbrio psicoafetivo e “transmissores de tradições e de costumes, de valores e de virtudes, nos quais os mais jovens podem reconhecer as próprias raízes”⁷¹. Também neste capítulo, está presente a preocupação em refletir sobre as pessoas com necessidades especiais, as pessoas não casadas, os migrantes, os refugiados e os perseguidos. Para estes, a Igreja, família de Deus, deseja ser casa acolhedora.

No final da I parte, os padres sinodais reforçam a relevância da vida afetiva, apresentando o matrimónio cristão como “um forte antídoto contra a tentação de uma existência individual fechada em si mesma”⁷². A Igreja assume a necessidade de haver um cuidado pastoral que tenha em consideração a pluralidade das situações concretas que surgem na vida conjugal e familiar.

A perspectiva da família no plano de Deus é descrita na II parte do *Relatio Finalis*, onde é feita uma abordagem à família na Sagrada Escritura, no Magistério da Igreja e na doutrina cristã, terminando com indicadores que permite ao casal trabalhar a plenitude eclesial da família. Deve existir no casal discernimento das respetivas obrigações, realização do bem, cuidado pelo amor que tem um pelo outro, disponibilidade para se colocar ao serviço da comunidade, e encontrar na misericórdia forma de restituir a confiança e a esperança familiar.

A Igreja não impõe ideais, mas acompanha no caminho. Pois, frente a situações difíceis e a famílias feridas, é necessário sempre recordar um princípio geral: “Saibam os pastores que,

⁷⁰ XIV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos de 2015, *Relatio Finalis A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, (24 de outubro de 2015), 14, in http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html (consultado a 2 de novembro de 2018).

⁷¹ *Ibidem*, 18

⁷² *Ibidem*, 30

por amor à verdade, somos obrigados a discernir bem as situações.”⁷³ O grau de responsabilidade não é igual em todos os casos, e podem existir fatores que limitam a capacidade de decisão

A III parte do documento aborda a missão da família. Trata-se de uma secção importante, pois designa a família como principal sujeito, atribuindo-lhe um papel ativo. São abordados temas como o da preparação para o matrimónio, dos primeiros anos da vida familiar, da responsabilidade geradora no seu sentido mais amplo, da educação dos filhos, da espiritualidade familiar e da abertura para a missão. E é, também, nesta parte que se aborda o tema do acompanhamento pastoral e das situações complexas.

A instância fundamental da III parte é a que coloca a vida familiar como um desafio atual, belo e capaz de dar sentido a uma vida humana. O III capítulo da terceira parte da *Relatio Finalis* aborda o tema das situações complexas. Dando resposta à questão: como é que a Igreja se deve posicionar face às famílias feridas e aos fracassos? A atitude fundamental aparece descrita através das seguintes palavras: discernimento, acompanhamento, integração e reconciliação.

2.2.7. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, 2016

Foi com base na esperança e na noção da urgência em agir de forma a contrariar a tendência de rotura, que o Santo Padre convocou os Sínodos dos Bispos, dedicados exclusivamente às questões que afetam as famílias na atualidade. Estes Sínodos foram a base da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, na qual são reafirmadas as linhas orientadoras para uma vivência familiar sã. Onde matrimónio e a família são vistos como realidade pessoal e social, iluminada pela realidade existencial de um amor que conduz à alegria: “o sacramento do matrimónio não é uma convenção social, um rito vazio ou o mero sinal externo dum compromisso”⁷⁴, e

“na sua união de amor, os esposos experimentam a beleza da paternidade e da maternidade; partilham projetos e fadigas, anseios e preocupações; aprendem a cuidar um do outro e a perdoar-se mutuamente. Neste amor, celebram os seus

⁷³ FC, 84

⁷⁴ FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 72.

momentos felizes e apoiam-se nos episódios difíceis da história da sua vida. A beleza do dom recíproco e gratuito, a alegria pela vida que nasce e a amorosa solicitude de todos os seus membros, desde os pequeninos aos idosos, são apenas alguns dos frutos que tornam única e insubstituível a resposta à vocação da família”⁷⁵.

O Papa Francisco afirma na Exortação, que a misericórdia e o perdão são também frutos do amor⁷⁶. Tendo

“esperança nos que mantém a valorização nas relações familiares, baseadas no respeito. Muitos estimam a força da graça que experimentam na Reconciliação sacramental e na Eucaristia, que lhes permite enfrentar os desafios do matrimónio e da família”⁷⁷.

Nestas famílias encontra-se o exemplo e modelo de como enfrentar os desafios e avançar de forma a solidificar a família. A *Amoris Laetitia* jamais pretendeu, com a sua visão renovadora, questionar ou pôr em causa a doutrina da indissolubilidade do matrimónio. O divórcio é visto, pelo documento, como um drama que está a afetar fortemente a sociedade contemporânea:

“O divórcio é um mal, e é muito preocupante o aumento do número de divórcios. Por isso, a nossa tarefa pastoral mais importante relativamente às famílias é reforçar o amor e ajudar a curar as feridas, para podermos impedir o avanço deste drama do nosso tempo”⁷⁸.

A *Amoris Laetitia* continua a ensinar a revelação de Jesus sobre o matrimónio com o máximo rigor e fidelidade, destacando o carácter sacramental deste, que a partir de Jesus adquiriu a plenitude, sinal de união de Cristo com a Igreja.

⁷⁵ *Amoris Laetitia*, 88. Doravante usaremos a sigla AL.

⁷⁶ AL, 27

⁷⁷ AL, 38

⁷⁸ AL, 246

“O matrimónio cristão, reflexo da união entre Cristo e sua Igreja, realiza-se plenamente na união entre um homem e uma mulher, que se doam reciprocamente com um amor exclusivo e livre fidelidade, pertencem-se até à morte e abrem à transmissão da vida, consagrados pelo sacramento que lhe confere a graça para se constituírem como Igreja doméstica e serem fermento de vida nova para a sociedade”⁷⁹.

A *Amoris Laetitia* não parte de uma análise sob o ponto de vista da lei canónica, mas da conceção do matrimónio como “sinal da aliança de amor entre Deus e seu Povo, entre Jesus e a Igreja. Essa realidade é a fonte da espiritualidade do matrimónio cristão”⁸⁰. Assim, a partir deste ponto de vista, é necessário que se perceba que a abordagem da questão se torna mais flexível. Assim nada impede de identificar a existência de vários componentes que são valores nestas situações complicadas ou desiguais, podendo em certos casos levar à concretização do ideal matrimonial, tal como afirma a Exortação:

“Algumas formas de união contradizem radicalmente este ideal, enquanto outras o realizam pelo menos de forma parcial e analógica. Os Padres sinodais afirmam que a Igreja não deixa de valorizar os elementos construtivos nas situações que ainda não correspondem ou já não correspondem à sua doutrina sobre o matrimónio”⁸¹.

Ao longo do texto surgem possíveis respostas para os problemas que têm sido a razão de tanto sofrimento para as famílias e que muitas vezes culminam na separação. Para além disso, há também propostas de como os pastores deveriam proceder diante de pessoas feridas, em crise e em rutura.

Após a reflexão exposta, é pertinente salientar que o documento apresentado recorda essencialmente que o ideal pleno do matrimónio deve ser anunciado pela Igreja. Ressaltando também a grandiosidade, a riqueza e a profundidade do texto que coloca em evidência os

⁷⁹ *AL*, 292

⁸⁰ E. SANTOS, *A Relação Matrimonial na Atualidade: Provocações para uma Reflexão*, 336, in <http://revistaeclesiacabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/203> (consultado a 29 de novembro de 2018).

⁸¹ *AL*, 292

gestos de Jesus, o Bom Pastor, o rosto da misericórdia do Pai. Havendo um apelo muito forte para o acolhimento das famílias que vivem em situações complexas, propondo-lhes uma caminha de discernimento, à luz do ideal pleno do matrimónio e da família, e que acima de tudo se integrem, pois muitas destas famílias não têm outro lugar para buscar conforto, uma palavra de incentivo, senão na casa do Pai.

3. Família e educação

Sendo a família uma das principais responsáveis do desenvolvimento integral da criança, é pertinente refletir sobre a sua responsabilidade na transmissão da fé. A instituição familiar apresenta-se, nos dias de hoje, numa situação paradoxal. Por um lado, atribui-se um grande valor aos laços familiares. Por outro lado, a família tornou-se uma encruzilhada de inúmeras fragilidades: os laços afetivos tendem a romper-se, as ruturas conjugais são mais frequentes e as famílias reestruturadas são uma constante.

Tendo em conta estes aspetos, é necessário restaurar a dignidade cultural e a centralidade social da família, de forma a fortalecer a sua força geradora de relações. Sendo na família que se começa a construir, defender e promover o “nós” da humanidade.

“A dimensão “familiar”, que se aprende na família, estende-se às diferentes formas da sociedade até à família das nações. Há como um fio condutor que une família com a família dos povos e das nações. As características de “familiaridade” são um grande desafio diante do anonimato e do individualismo das sociedades contemporâneas”⁸².

O direito e dever de educar por parte dos pais é essencial, insubstituível e inalienável e, portanto, não delegável a outros. “Educar é ainda um ato difícilimo, inacabado, e sempre imperfeito”⁸³.

⁸² V. PAGLIA, “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, *Eborensia*, Ano 29/50 (2016), 20.

⁸³ M. CARNEIRO, “Um filho é um sítio único, é uma possibilidade única. É uma aventura, é uma dádiva”, *Boletim Salesiano* 543 (2014), 15.

“É a partir das interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade, a forma de negociar e de lidar com o conflito no contexto de uma relação vertical. É ainda no contexto desta interação que se desenvolve o sentido de filiação e de pertença familiar”⁸⁴.

O Papa Francisco, em vários documentos, chama à atenção para estes aspetos e reforça a família enquanto “célula da sociedade”. Onde todos contribuem para um projeto comum, para o bem comum, reforçando e promovendo a individualidade de cada um. Através das diferentes dinâmicas familiares, o indivíduo recebe os valores fundamentais para viver em sociedade: o amor, a fraternidade e o respeito mútuo. Valores que mais tarde se transformam em gratuidade, solidariedade e subsidiariedade.

O amor que a família dá à criança, ajuda-a a sair do seu egoísmo, para que aprenda a viver com os outros. “No âmbito social, isto supõe assumir que a gratuidade não é complementar, mas requisito necessário para a justiça. O que somos e temos foi-nos confiado para o colocarmos ao serviço dos outros – de graça recebemos, de graça damos”⁸⁵.

A fraternidade recebida na família, ajuda a criança a estruturar e praticar gestos de solidariedade para com os que a rodeiam, aprendendo a ser responsável pelos outros. A família forma no sentido do desenvolvimento da dignidade pessoal, segundo todas as suas dimensões, inclusive a dimensão social. Pode dizer-se que a família constitui uma comunidade de amor e de solidariedade, imprescindível para o ensino e a transmissão dos valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais para o desenvolvimento e bem-estar da criança e da sociedade. A família ajuda a crescer na liberdade e na responsabilidade, requisitos indispensáveis para qualquer tarefa na sociedade moderna. Neste sentido o Papa Bento XVI afirma:

“uma das maiores tarefas da família é a de formar pessoas livres e responsáveis. Por isso os pais devem ir desenvolvendo nos seus filhos a liberdade, da qual durante algum tempo são tutores. Se estes veem que os seus pais e em geral os adultos que

⁸⁴ J. SOUSA, “As famílias como projetos de vida: o desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade”, *Saber e Educar* 11 (2006), 42.

⁸⁵ PAPA FRANCISCO, *Como ser família*, 2015, in <http://www.leigos.pt/index.php/documentos/818-como-ser-familia>, (consultado a 3 de julho de 2018).

os rodeiam vivem a vida com alegria e entusiasmo, apesar das dificuldades, crescerá neles mais facilmente esse prazer imenso de viver que os ajudará a suplantar certamente os possíveis obstáculos e contrariedades que a vida humana comporta. Além disso, quando a família não se fecha em si mesma, os filhos vão aprendendo que toda a pessoa é digna de ser amada, e que existe uma fraternidade fundamental universal entre todos os seres humanos”⁸⁶.

Num discurso do Papa Francisco no *Obssevatore Romano*, a 9 de julho de 2015 é reforçado que o respeito pelo outro se aprende na família e, mais tarde se traduz em subsidiariedade, ou seja, “assumir que a nossa opção não é necessariamente a única legítima, é um sadio exercício de humanidade”⁸⁷.

A família prepara a criança para a vida e conseqüentemente para a procura do religioso. A necessidade do transcendente e de participar nele depende, em grande medida, da envolvimento familiar. Assim, a família é responsável pelo exercício da missão evangelizadora. Na *Lumen Gentium*, afirma-se que o modo de evangelizar adquire “uma particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo”⁸⁸. A família é a “igreja doméstica”, “a família, como a Igreja, tem por dever ser o espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia”⁸⁹. “Na família, como numa igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé”⁹⁰. Para o Papa a família é também “uma escola de valorização humana”, que “proclama em voz alta as virtudes presentes do Reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada. E deste modo, pelo exemplo e pelo testemunho, argui o mundo do pecado e ilumina aqueles que buscam a verdade”⁹¹.

Através do vínculo que se estabelece entre a família, é possível a criança ir adquirindo

⁸⁶ BENTO XVI, Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo.html (consultado a 18 de março de 2019).

⁸⁷ *Ibidem*

⁸⁸ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição *Lumen Gentium*, 35.

⁸⁹ PAULO VI, Exortação *Evangelii Nuntiandi*, 71.

⁹⁰ *Lumen Gentium*, 11. Doravante usaremos a sigla LG.

⁹¹ LG, 34

formas fundamentais de comunicação, entre elas, a oração. Permitindo à criança desenvolver a dimensão religiosa da comunicação, que no Cristianismo é impregnada de amor, amor de Deus que se dá à criança e que esta oferece aos outros.

As crianças necessitam de imagens, de gestos que transpareçam o desejo de Deus, que é em nome de Deus que se ama o próximo e por ele fazemos grandes esforços, precisam de ver e ouvir testemunhos de fé que os fascine para que elas por si mesmas, em função do que viram e ouvirem, possam aderir progressivamente à fé⁹².

Havendo necessidade de assegurar a evangelização,

“olhar a família, no contexto da catequese, é ter em consideração a globalidade das suas funções educativas e o seu contributo para a construção da comunidade de fé e da sociedade. Por isso, também, é aceitar o desafio que já colocara o Papa João Paulo II: estimar os seus valores e possibilidades, promovendo-os; descobrir os perigos e os males que a ameaçam, para poder superá-los; empenhar-se em criar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento; dar-lhe novamente razões de confiança em si mesma”⁹³.

⁹² *AL*, 288

⁹³ C. SÁ CARVALHO, “Para uma Evangelização inovadora – Dar razões de confiança à família”, *Theologica*, Vol. XLVII (2012) 598.

CAPÍTULO II: FAMÍLIA: UM CONTEXTO DE ESTUDO

1. A Escola, promotora de educação. EMRC, proposta de caminho

Para que serve a Educação? Que métodos são utilizados na Educação? E quais são os Processos Educativos? Henrique Leitão⁹⁴ refere que a educação deve ser vista como “um processo pelo qual a relação do educando com as coisas muda na medida em que as coisas adquirem um novo valor”, ou seja, o aluno toma consciência de uma realidade que está em permanente mudança que faz com que este se ponha a caminho, que comece a estudar, permitindo-lhe ganhar mais autonomia, de forma a reconhecer as suas potencialidades e limitações no processo de aprendizagem. Aprender é algo que acontece interiormente, que desperta o aluno para um novo atrativo, que o faz querer saber, querer conhecer e querer participar na realidade. O educador deve ajudar o aluno nesta caminhada de descoberta da realidade, demonstrando-lhe o fascínio e interesse que esta tem.

Desta forma, a pessoa educada (que teve uma educação com base na descoberta intrínseca da realidade) manifesta interesse por tudo o que a rodeia. Esses diferentes interesses culminam numa sociedade heterogénea, onde cada um dos indivíduos encontra o seu lugar e faz parte integrante dessa mesma sociedade. Ao contrário, a pessoa que não teve a sorte de ser educada, manifesta interesses pouco divergentes, levando a uma sociedade de interesses uniformizados/homogéneos.

Ressaltam as seguintes ideias: a escola tem por base as crenças sociais da comunidade onde se encontra; os alunos devem encontrar na escola uma narrativa que lhes permita conhecer a realidade ou realidades; a escola deve ser um meio, através do qual os alunos desenvolvem diferentes interesses; o educador não é um mero “transmissor de informação” mas sim um permanente entusiasta da realidade que o rodeia, passando esse entusiasmo aos alunos; ser educado pressupõe mudança interior, transformação; a escola é um convite, que os alunos e toda a comunidade educativa podem ou não aceitar. Um convite a encarar a realidade com uma nova alegria, intensidade, empenho e seriedade.

⁹⁴ H. LEITÃO, *A Inutilidade da Educação, apontamentos proporcionados pelo professor.*

A escola apresenta-se como uma instituição que possibilita aos alunos a aquisição de aprendizagens, sendo estas sistemáticas e estruturadas para um público específico, com o objetivo de integrar os alunos na sociedade, pois permite-lhes alcançarem e desenvolverem as aprendizagens tidas como necessárias e úteis para viverem em relação com os outros. O ambiente escolar é um dos lugares onde se aprende a viver em comunhão, em sociedade, e onde, supostamente, se respeita a diversidade. A aquisição de aprendizagens que coloquem em destaque o sentido de partilha, o altruísmo, o brio na realização das tarefas, o viver sem violência, o colaborar com os outros, a responsabilidade pelas nossas ações e gestos, levam à construção e desenvolvimento de um indivíduo civilizado, pronto para viver em sociedade. Aprender estes valores em ambiente escolar, quer na sala de aula, quer no recreio, ajuda a atenuar as diferenças e a valorizar a igualdade.

A escola tem igual dever de aprovisionar os alunos de “ferramentas” para pensarem por si sós, ajudando-os a questionar e opinar sobre diversas temáticas. Deste modo, a escola é um espaço que forma consciências, que ensina os alunos a serem críticos, para que tenham um pensamento livre e sistematizado. Só com espírito autónomo os jovens serão capazes de se distanciar daquilo que são as “verdades do seu tempo”, e ter capacidade para modificar o que estiver errado. A escola revela-se assim um lugar de formação de cidadãos para a sociedade de cada época, tentando responder às necessidades desta.

O espaço escolar é fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, não só no que toca às aprendizagens em sala de aula, mas à globalidade das vivências proporcionadas.

“A mudança mais importante que as novas exigências trouxeram à educação é a de ela incorporar, de forma sistemática, a tarefa da formação da personalidade. O desempenho produtivo e o desempenho da cidadania requerem o desenvolvimento de uma série de capacidades que não se formam espontaneamente, nem através da mera aquisição de informações ou conhecimentos”⁹⁵.

Sabendo que a mudança faz parte do processo de crescimento e desenvolvimento do ser humano, é necessário perceber que este se encontra num mundo que não escolheu e onde tem

⁹⁵ J. TEDESCU, *O novo projeto educativo*, Fundação Manuel Leão, 2000, 40.

que aprender a desenvolver as suas capacidades, passando do “*caos*” para o “*cosmos*”. Tornando-se progressivamente um *empalavrador* da realidade que o circunda. Para que isto aconteça, torna-se imprescindível que o Ser Humano desenvolva o processo de acolhimento e reconhecimento. Este processo permite a integração dos indivíduos na sociedade, a construção da sua identidade enquanto pessoa, a transmissão da cultura e da tradição, a capacidade do Ser Humano em cada presente lembrar o passado e antecipar o futuro, o *empalavramento* e a possibilidade de encontrar as respostas mais adequadas para o sentido da sua existência.

O processo de acolhimento e reconhecimento é feito desde o nascimento até à morte, desenvolvendo-se através de três estruturas: *codescendência*, *coresidência* e *cotranscendência*. **Codescendência**, pois é através da família e nela que sempre tiveram lugar as transmissões mais dominantes e consideráveis. A língua materna possibilita ao Ser Humano a capacidade de construir um mundo com sentido e significado humano e, simultaneamente, aptidão para se relacionar com os outros, fazendo com que as relações fundadas não sejam tão-somente biológicas e instintivas. No seio da família, o Ser Humano aprende a dizer e a dizer-se; **Coresidência**, pois é o “espaço social” que o Ser Humano desenvolve, possibilitando a construção de um “nós” e da sociedade/cidade. Nesta encontramos a presença constante da cultura, permitindo-nos afirmar que para o Ser Humano não há possibilidade extracultural. Assim, o Ser Humano precisa de apreender e alcançar as aptidões que lhe facilitem a realização cultural e **Cotranscendência**, pois as transmissões ocorridas neste contexto são essenciais ao Ser Humano, para que este possa assumir e expressar a sua humanidade, agrupando-se em torno de um mesmo corpo de crenças e práticas simbólicas (*plus*). Esta estrutura privilegia a linguagem simbólica, pois o Ser Humano sabe-se capaz de símbolos, reconhecendo estes como uma realidade que traduz a sua condição.

Estas “ferramentas e competências” vão reforçar a ideia de que o Ser Humano, afinal, aprende a ser, humano. E no decorrer desta aprendizagem, o homem percebe-se enquanto *homos religiosus*, sendo impossível a existência humana sem conceber a dimensão religiosa, pois a religião é parte da cultura, independentemente do que cada um pensa sobre a religião, esta encontra a sua expressão na cultura, e a própria cultura apresenta dimensões religiosas. Desta forma, percebemos que a religião tem de estar preparada para as expressões culturais provisórias de uma cultura em permanente mudança, por exemplo

“a construção da identidade pessoal passa por um processo muito mais dinâmico e muito menos estável. Em cada aqui e agora os indivíduos são desafiados a reordenar e repensar a sua existência para responder às interpelações que constantemente lhe vão surgindo, de tal modo que é possível falar-se na construção da identidade como sendo o resultado de uma “*bricolage de sentidos*”. A identidade é, nesta linha, um processo sempre a ser realizado e sempre possível de transformação”⁹⁶.

Neste sentido, a religião pertence à própria estrutura do humano, havendo uma predisposição responsorial que mantém o Ser Humano aberto e o religa à alteridade de Deus e do próximo (discurso da estrutura ou do *religare*). A experiência religiosa concretiza-se em cada tempo e cada espaço, implicando assim diversidade nas opções culturais e religiosas e, nos processos de leitura e tradução do fenómeno religioso (discurso da história ou do *relegere*). E “para que o Ser Humano seja religiosamente criativo ele tem que livremente e ativamente assumir-se como responsável da resposta que deve dar no contexto da abertura que estruturalmente o marca”⁹⁷.

Mas, toda a cultura tem fraquezas e limites, que comprometerão a forma como se vive o religioso, o que significa que a cultura impõe limites (transfiguração social e cultural; mais riqueza, mas também mais pobreza; mais liberdade e novas formas de servidão; metamorfose na mentalidade e nos modos de sentir; uma fé cada vez mais pessoal; inquietação entre esperança e receio) à própria religião. Por vezes, estes limites tornam a religião desprovida de formas e fórmulas da história e da cultura, revelando analfabetismo religioso. Este deve-se às diferentes opções de vida, à falta de contacto com o religioso e a grande quebra que se deu no contacto com o religioso no espaço escolar, surgindo a religião como um “**acontecimento acontecido**” (transmissão do passado sem recriação. Mutismo dos membros da comunidade, pois os caminhos já estão escolhidos) ou como “**religião vazia**” (capacidade religiosa estrutural que não se realiza por causa da privação nas formas históricas e culturais).

Para além destas duas formas de religião é possível salientar a religião como “**acontecimento que acontece**” (transmissão do passado, mas recriando-o aqui e agora,

⁹⁶ J. AMBROSIO, *A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais*, 10, apontamentos proporcionados pelo professor.

⁹⁷ J. AMBROSIO, *O fenómeno religioso*, 36, apontamentos proporcionados pelo professor.

renovando a tradição e favorecendo a relação entre cultura, história e religião), a religião como **“caminho de salvação”** (o discurso e as práticas dos crentes são indicados como caminhos de salvação, sendo submetidos a um estrito controlo por parte da hierarquia eclesiástica)⁹⁸ e a religião como **“projeto de salvação”** (estas tentam traduzir no percurso histórico a possibilidade de abertura e experiência ao Absoluto estruturante da condição humana. Enquanto projetos de salvação as religiões são acontecimentos que acontecem.

Segundo Lluís Duch⁹⁹ a dissolução da narração como forma comunicativa religiosa e pedagógica levou a atual crise religiosa. Então, a disciplina de EMRC deve surgir como acontecimento que acontece com vista à construção do futuro a partir da memória. Os professores de EMRC, podem ser uma preciosa ajuda para educar no humanismo e nos valores da cidadania, edificando uma civilização mais solidária e mais pacífica, levando os alunos a alcançar uma maturidade cognitiva, afetiva e de liberdade.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, embora de caráter facultativo, assume um papel fundamental no seio da instituição escolar, pois

“responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”¹⁰⁰.

A própria Lei de Bases do Sistema Educativo reconhece a importância da Educação Moral e Religiosa Católica e expressa princípios onde é possível enquadrar esta disciplina. Atendendo à relevância de que se reveste a educação integral da pessoa humana, a EMRC é nitidamente a resposta da Igreja a todo aquele que estiver disponível para compreender o Cristianismo e a sua ligação com as demais visões do mundo. A experiência de utilização dos conteúdos da EMRC, bem como as mutações socioculturais que se foram fazendo sentir na sociedade, reclamam, a indispensabilidade de uma abordagem ao ensino da religião no contexto educativo desta

⁹⁸ J. AMBROSIO, *A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais*, 21, apontamentos proporcionados pelo professor.

⁹⁹ J. AMBROSIO, *A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais*, 23-24, apontamentos proporcionados pelo professor.

¹⁰⁰ Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, *Lei de Bases de Sistema Educativo*, Artigo 2º, 4.

disciplina.

E, uma vez que, a disciplina de EMRC tem em conta a experiência humana, visa o encontro, é marcada pela necessidade de dar atenção ao outro e de se abrir ao outro, ajudando os alunos a perceber que o seu “eu” só pode existir na relação com o outro e para o outro. revela que o cristianismo não é uma sociedade alternativa, mas sim uma visão inspiradora que quer levar as pessoas a cooperar na construção da “cidade”.

Posto isto, a EMRC não deve ser uma obrigação da fé cristã, mas sim proposta de um caminho, onde o dever do professor é ajudar o aluno a crescer e a formar a sua identidade, respeitando sempre as escolhas daqueles. Cabe sempre ao aluno tomar decisões concretas sobre a sua existência e o respeito pela sua autonomia do aluno é essencial para que este esteja disponível para aceitar outras perspetivas que eventualmente não correspondam à sua.

“Em contexto escolar, o que importa é que os alunos sejam confrontados com os valores e orientações cristãs, com a mundividência cristã, e reconheçam os argumentos que sustentam esta mundividência, sem que necessariamente a aceitem na sua vida concreta. Este último passo é deixado à consciência de cada um, sem que o professor tenha que proceder a uma avaliação concreta da sua realização. Se o que queremos é que os nossos alunos cresçam moralmente, então é necessário que percebam que a própria consciência é o lugar onde toda a decisão é tomada e daqui decorre a responsabilidade individual”¹⁰¹.

A EMRC quer, desta forma, ajudar os alunos a procurar o sentido último da realidade, avançando assim com a proposta cristã, na qual encontramos a relevância do “eu enquanto tu”, ou seja, o ser humano só é verdadeiramente livre, quando o é em relação com os outros, conduzindo ao desenvolvimento da própria identidade pessoal e à autoafirmação da mesma, “que acontece sempre no processo de vai e vem a partir da interioridade do eu mais pessoal para os outros, e vice-versa”¹⁰².

¹⁰¹ J. AMBROSIO, *A opção metodológica em EMRC, apontamentos proporcionados pelo professor.*

¹⁰² J. AMBROSIO, *EMRC e cidadania, apontamentos proporcionados pelo professor.*

2. Enquadramento do conteúdo da UL3 no currículo de EMRC

A temática desenvolvida na *Unidade Letiva 3 do 5.º ano - A família, comunidade de amor* revela-se, à partida, um campo incerto e de alguma ambiguidade. As famílias são diferentes e a perceção que os alunos têm destas é, certamente, pessoal e recheada de experiências de carácter subjetivo. Este poderia ser visto como um aspeto difícil de trabalhar com os alunos, mas esta diferenciação de conceitos e experiências, pode enriquecer a aprendizagem.

Este terceiro tema trabalhado com os alunos vem no seguimento de um programa que começa por introduzir conteúdos relacionados com os grupos e as mudanças sociais vividas nesta faixa etária. São temáticas sentidas diariamente pelos alunos, tornando-as assim mais próximas e pessoais. Seguindo este “fio condutor”, a família apresenta-se como o berço da humanidade, onde a criança nasce, se desenvolve e onde encontra o apoio necessário para enfrentar as mudanças do quotidiano e da vida.

O facto da UL3 ser trabalhada no 5.º ano permite à professora estagiária desenvolver aspetos que se aproximam da realidade vivida pelos alunos, contudo é importante ter em conta a *magia* que ainda envolve algumas das crenças dos alunos nesta faixa etária. A família mantém-se como referencial, sendo os pais cada vez menos “deificados e onipotentes”. A família é o contexto originário da formação da identidade pessoal e social.

3. Metas e objetivos da UL3: A família, comunidade de amor

O principal objetivo da professora estagiária teve por base as metas e objetivos estabelecidos pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã para esta unidade letiva. Nas planificações procurou-se escolher estratégias que fossem motivadoras para os alunos, enquadrando-as ao longo das aulas para criar dinamismo e levar os alunos a participar. O processo de aprendizagem foi mais centrado no aluno, havendo sempre a noção da figura do professor enquanto educador e mediador na aquisição de conteúdos. Ao ser feita esta gestão, considerou-se importante manter alguma coerência na estrutura das aulas, principalmente para que o trabalho das Unidades Letivas seguintes fosse mais coeso e estruturado.

Neste sentido, surge o quadro relativa às metas e objetivos do currículo de EMRC, segundo a edição do Programa de EMRC de 2014 (*Quadro 4*).

Programa de EMRC para UL3 5ºano, edição 2014	
Metas	Objetivos
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	1. Reconhecer as diferentes funções da família
	2. Identificar o projeto de Deus para a família
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	3. Promover os valores do amor na vida familiar
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé	4. Valorizar a participação de todos na vida em família.

Quadro 4 - Metas e objetivos do Programa de EMRC para UL 3 5ºano, edição 2014 ¹⁰³

Olhando para as metas trabalhadas ao longo da UL3, é perceptível a ênfase colocada na relação entre cultura e fé, sendo a identidade cristã vivida através de um profundo processo de diálogo com a cultura onde se encontra inserida e da qual faz parte, pois a “Igreja não está no mundo, na sociedade, na cidade para dominar, mas, pelo contrário, para prestar um serviço e um serviço de humanização”¹⁰⁴. Esta capacidade de reconhecer a cultura e a fé como forma de vivenciar o mundo, permite ao aluno tomar consciência da realidade que o rodeia e interagir com esta consoante os desafios que vão surgindo. Na UL3, o principal desafio prende-se com o grupo família. Perante este, pede-se ao aluno que primeiramente reconheça os diferentes aspetos que se relacionam com a família; para depois identificar o projeto que Deus tem para a família e através deste, promover os verdadeiros valores que devem fazer parte da família, culminando com a valorização da família em si e dos elementos que a constituem. Estes objetivos devem ser trabalhados consoante o ambiente, a cultura e o meio que rodeia os alunos, sabendo de antemão que estes aspetos influenciam em grande medida o conceito de família que os alunos têm e as suas vivências familiares.

Para que as metas e objetivos pudessem ser trabalhados de forma contextualizada, é

¹⁰³ C. SÁ CARVALHO, D. PEDRINHO, E. URBANO, F. MOITA, J. AMBRÓSIO & SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: finalidades, metas, objetivos e conteúdos*, SNEC, Moscavide, 2014, 58-59.

¹⁰⁴ J. AMBROSIO, “Identidade Cristã e Cidade dos Homens”, *Didaskalia*, Vol. XXXVII (2007), Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa, 316.

imprescindível conhecer a perspectiva psicológica apontada pelo SNEC sobre as dimensões humana, religiosa e ético-moral para esta faixa etária do 2.º ciclo.

Dimensão da Experiência Humana	Dimensão da Reflexão Religiosa	Dimensão da Interpretação Ético-moral
<p>Crescente consciência de si e da diferenciação entre capacidades e fragilidades, associadas a emoções de orgulho e vergonha. Perceção de que os outros interpretam os acontecimentos e podem desconstruí-los e de que o comportamento pode esconder sentimentos e intenções. Mantém-se a importância referencial da família, mas os pais são cada vez menos deificados e onnipotentes. Os colegas e vizinhos proporcionam companhia, pontos de vista e experiências intelectual e emocionalmente relevantes. A liderança dos grupos de amigos é errática e autoritária. Ainda não há uma diferenciação clara entre o jogo competitivo e aprendizagem escolar.</p>	<p>Ultrapassa as limitações do pensamento intuitivo. Tenta reproduzir explicações lógicas: falha por falta de experiência. Mensagens entendidas literalmente, mesmo as mais simbólicas. Interpretação antropomórfica. Entendem a missão de Cristo. Apreciação mais espiritual do facto religioso, mas com algumas noções ainda mágicas.</p>	<p>Sensibilidade para a convenção social. Só segue as regras quando são do seu interesse. Na partilha, é justo o que é igual. Se bem que considera que os pontos de vista podem ser diferentes, o acento fixa-se no próprio ponto de vista. Empatia alargada aos desconhecidos. Cooperação e compromisso crescentes. Vergonha e culpa face ao erro moral. Desejo crescente de ajudar como objetivo pessoal.</p>

Quadro 5 - Caracterização psicológica dos alunos do 2.º ciclo segundo o Programa de EMRC ¹⁰⁵

¹⁰⁵ C. SÁ CARVALHO, D. PEDRINHO, E. URBANO, F. MOITA, J. AMBRÓSIO & SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: finalidades, metas, objetivos e conteúdos*, 166.

Importa ainda ter em conta que a aquisição e desenvolvimento das competências enunciadas exige uma aprendizagem prévia de conteúdos e conhecimentos. A finalidade última é sempre, fortalecer os saberes e competências apreendidos nos mais variados contextos, pois ser competente é sinónimo de estar capacitado para estabelecer relações entre diferentes conhecimentos, sejam eles do mesmo ou de outro âmbito disciplinar.

Assim, procura-se seguir um processo de ensino-aprendizagem em que os alunos são vistos como construtores da sua aprendizagem beneficiando de pedagogias ativas, de forma a promover a participação dos alunos no ato educativo, a fim de desenvolver competências vitais.

CAPÍTULO III: FAMÍLIA: ANÁLISE E REFLEXÃO DA PRÁTICA ENSINO SUPERVISIONADA

1. Objeto de estudo

O objeto de estudo deste trabalho, realizado no âmbito do estágio de prática de ensino supervisionada do mestrado em ciências religiosas da Universidade Católica Portuguesa, com os alunos das turmas C e D do 5.º ano da Escola Damião de Góis, é a do entendimento que os alunos têm do conceito de família enquanto núcleo familiar, apoiado no conteúdo programática da *UL3 - A Família, comunidade de amor*, da disciplina de EMRC.

2. Caracterização da realidade

2.1. Caracterização da Escola Básica 2-3 Damião de Góis¹⁰⁶

Tendo por base o estudo de Arends, que considera o ensino uma forma de arte, onde os professores devem também conhecer e dominar as técnicas para melhorar as aprendizagens dos alunos, conhecendo a realidade dos seus alunos, de forma a adotar estratégias motivadoras para estes, é importante conhecer as características dos alunos, os seus valores e as expectativas das comunidades onde se inserem. Uma vez que não existem fórmulas ou receitas para ensinar, é importante que o professor conheça a realidade do mundo envolvente da criança, para assim perspetivar os objetivos do ensino, tendo sempre como horizonte ajudar os alunos a tornarem-se independentes, autónomos e responsáveis. Da mesma forma que é fundamental ter um conhecimento do meio onde a escola está inserida, de modo a entender o papel da escola para aquela comunidade¹⁰⁷.

A escola pertence a todas as crianças e todas devem ver o seu potencial maximizado. A

¹⁰⁶ A caracterização da Escola EB23 Damião de Góis foi feita com base nas informações fornecidas pelo professor cooperante António José, pela colega Susana Querido e também pela pesquisa feita na internet.

¹⁰⁷ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1997, 60-80, 143-150.

diversidade dentro da sala de aula passou a ser uma realidade, onde o professor deve ir ao encontro de cada aluno. Tendo por base todos estes aspetos, é apresentada, de seguida a caracterização da escola e da turma onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada.

A escola Básica Damião de Góis (2,3) de Lisboa está situada no Bairro dos Lóios, na rua Cassiano, pertencente à freguesia de Marvila, Concelho de Lisboa. Integrou-se na escola sede Agrupamento de Escolas D. Dinis (AEDD) em 26 de abril de 2013. A escola sede é o antigo Liceu Nacional D. Dinis de Marvila, que iniciou em 1972, com a capacidade de integrar 900 alunos. Desde 1973 abriu o Curso Noturno mantendo-se até aos dias de hoje. O agrupamento sofreu uma reestruturação em 2002 sob o projeto de intervenção de modernização realizada pelo Parque Escolar.

A escola sede tem como oferta formativa o 3.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário, nas suas vertentes de prosseguimento de estudos (cursos científico -humanísticos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades) e de ensino profissional (cursos profissionais de Técnico de Apoio à Infância, Técnico de Gestão e Programação de Sistemas de Informação, Técnico de Multimédia, Técnico de Gestão de Apoio às Instalações Desportivas e Técnico Auxiliar de Saúde (este em fase de extinção, com turma apenas no 12.º ano). A oferta formativa inclui ainda cursos em regime noturno, com Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), na vertente escolar (básico e secundário). Funciona ainda o terceiro ano de um curso de dupla certificação, na área de Eletrónica, Automação e Computadores.

O Agrupamento de Escolas D. Dinis é composto por oito escolas: a escola sede, Escola Secundária D. Dinis, a Escola Básica Damião de Góis, a Escola Básica de Marvila, a Escola Básica Professor Agostinho da Silva, a Escola Básica de Lóios, a Escola Básica Dr. João dos Santos, a Escola Básica Luíza Neto Jorge e a Escola Básica n.º 195.



Figura 1 - Edifício principal da Escola Damião de Góis

A sua história

A Escola Básica Damião de Góis de Lisboa iniciou a sua atividade em 1983/84, adotou como seu patrono Damião de Góis, reconhecido no séc. XVI como um ilustre historiador e humanista português, que ligou Portugal e Europa. A oferta educativa nesta escola inclui turmas dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, um curso vocacional de 2.º ciclo de Desporto e Espaços Verdes, com as áreas de Jardinagem, Produção Agrícola e Desporto, e um curso vocacional de 3.º ciclo de Espaços Verdes, com as áreas de jardinagem e Produção Agrícola. Funciona ainda o curso de educação e formação (CEF) de Jardinagem e Espaços Verdes.

É constituída por cinco pavilhões, existindo coberturas entre si. No pavilhão A, composto por dois pisos, situam-se a sala de professores, sala de Diretores de Turma, sala de receção a Encarregados de Educação, sala de Assistentes Operacionais, Biblioteca, sala TIC, Direção, arquivo e reprografia.

Os pavilhões B e C, ambos de dois pisos, são constituídos por doze salas de aula cada um. Aqui estão incluídos o laboratório de física e química, biologia, sala de educação visual e sala de educação tecnológica e sala de música. Todas as salas têm computador, mas nem todas têm projetor e tela. O mobiliário das salas é tradicional e apresenta algum desgaste. No pavilhão D estão situados o refeitório, a sala de alunos, papelaria e sala do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família).

Conta ainda com um pavilhão gimnodesportivo e um campo exterior de jogos. O espaço

exterior da escola apresenta um cuidado pela Natureza, onde existem bastantes espaços verdes.



Figura 2 - Pavilhão B, Escola Damião Góis



Figura 3 - Campo exterior/Pátio, Escola Damião Góis

Contexto Social

O Bairro onde se insere a escola foi projetado e construído para uma população prioritária ligada às Forças Armadas e Policiais e do Ministério da Justiça. No final da década de 60 e início da década de 70, o plano foi cumprido tendo também uma forte componente de famílias que migraram do Centro e Norte do país. Pós 25 de Abril, houve um surto de ocupação de casas na generalidade dos Bairros da Freguesia de Marvila que transformou a caracterização

de base da população projetada.

A pressão migrante em Lisboa e a falta de condições de habitabilidade em diversos espaços da cidade levou à criação de vários bairros sociais, incluindo a Freguesia de Marvila, e consequentes realojamentos. A zona envolvente da escola tem uma média de 7500 habitantes, onde existe uma grande diversidade cultural. É composta por portugueses, guineenses, angolanos, moçambicanos, são tomenses, cabo-verdianos, indianos e famílias de etnia cigana, muitos deles já de 2.^a ou 3.^a geração. A nível etário predomina a população jovem e a terceira idade. Devido à diversidade cultural, ética e racial e aos problemas que foram surgindo no espaço escolar, o Agrupamento de Escolas D. Dinis herdou a tipologia TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3) do anterior Agrupamento de Escolas Damião de Góis. Tal como indica Arends a diversidade a nível cultural, de etnia e de raça apresenta um dos maiores desafios para os professores, especialmente porque as questões de desigualdade étnica e racial que ainda existem na sociedade se refletem na escola e na sala de aula. Este é um aspeto fulcral na escola Damião de Góis, pois estas diferenças geram conflitos e desentendimentos que nem sempre são passíveis de resolução. Todo o contexto familiar e cultural envolve os alunos numa dinâmica muito particular e quase inacessível para os que observam de fora. Perante este cenário, a escola teve de encontrar algumas estratégias de modo a que os alunos desenvolvessem competências escolares e sociais, como por exemplo o cuidado com cada aluno, a especificidade necessária de cada caso e o desenvolvimento de vários projetos sociais de intervenção que motivem e consigam dar resposta a algumas necessidades das crianças e jovens (os projetos são mencionados de seguida) da freguesia de Marvila.

Os alunos que frequentam a escola são na sua maioria residentes dos bairros que compõe a freguesia de Marvila, tendo grande parte dos alunos carências socioeconómicas e financeiras. Além das carências financeiras é notória alguma desmotivação perante os processos de aprendizagem. A escola nem sempre é percebida como uma mais-valia para a sua vida adulta e realização pessoal. Tal como refere Arends, este acontecimento está ligado ao facto de muitos jovens receberem uma educação inferior, onde os seus familiares possuem uma formação baixa (este aspeto é refletido na caracterização da turma).

Projetos Sociais de intervenção no meio

- Projeto Intervir

Projeto Intervir tem como objetivo a prevenção de comportamentos de risco e/ou a promoção de hábitos de vida saudáveis. Este projeto intervém junto de crianças e jovens nas escolas da freguesia de Marvila, nomeadamente, na E.B. 1 Dr. João dos Santos, na E.B. 1 N.º 195, na E.B. 1 do Bairro do Armador, na E.B. 1 do Bairro do Condado, na E.B. 1 do Bairro dos Lóios, E.B. 1 Manuel Teixeira Gomes, E.B. 2+ 3 de Marvila, na E.B. 2+3 Damião de Góis e E.B. 1 Luíza Neto Jorge. Para além das atividades nas escolas (Programas de Promoção de Competências Pessoais e Sociais; Conversas com Pais e Gabinete de Apoio à Criança), o projeto trabalha com os jovens da freguesia através da ocupação de tempos livres e atividades de promoção de competências pessoais e sociais.

- Projeto +

O Projeto + ajuda o desenvolvimento social e comunitário das crianças e jovens, sendo desenvolvido pela junta de freguesia de Marvila. Tem três eixos de ação de intervenção prioritária: crianças e jovens em risco; empreendedorismo e empregabilidade; desenvolvimento e capacitação comunitários. Tendo como objetivo geral, contribuir para o combate à exclusão e pobreza nesta zona da freguesia, o Projeto + tem os seguintes objetivos específicos:

- Contribuir para a melhoria do desempenho escolar e aquisição de novas competências por parte das crianças e jovens da comunidade;
- Promover novas oportunidades para as crianças e jovens, através de abordagens integradas com a escola e a família;
- Combater o desemprego local, através da promoção do empreendedorismo e da empregabilidade, entre os jovens e os adultos residentes na comunidade;
- Contribuir para a capacitação dos recursos endógenos e instituições da comunidade, de modo a que adquiram ou reforcem competências necessárias para se assumirem como atores centrais do seu próprio processo de desenvolvimento;
- Adotar, adaptando, projetos e intervenções sociais já testados com sucesso noutros bairros sociais do país;
- Contribuir para a inovação social na cidade de Lisboa.

Para além destes dois projetos, o agrupamento de Escolas D. Dinis sentiu necessidade de criar diferentes respostas para diferentes problemas que surgiam, tendo desenvolvido outros projetos que se apresentam no quadro em baixo.

Outros Projetos e Clubes	Principais objetivos
Amor ao Quadrado	Trabalhar competências na área da Matemática.
Clube ArtMedia	Promover e divulgar o Cinema de Animação e a Multimédia .
Clube Europeu	Desenvolver nos jovens um sentimento de pertença para com a Europa e o Mundo, investindo na formação dos alunos, conscientes dos seus direitos e deveres, para que os mesmos possam intervir, direta e ativamente, na construção de uma cidadania consciente e ativa.
Clube ExperimentArt	
Clube de Alemão	Realizar atividades de enriquecimento cultural e linguístico, através de atividades lúdicas.
Clube de Robótica	Aproximar os alunos às novas tecnologias da informação e comunicação, no contexto de uma atividade extracurricular interessante e lúdica, onde se experimenta e aplica os conhecimentos adquiridos durante as aulas da componente de formação técnica.
Desporto Escolar	Promover o acesso à prática desportiva regular de qualidade, com o objetivo de contribuir para a promoção do sucesso escolar dos alunos, de estilos de vida saudáveis e de valores e princípios associados a uma cidadania ativa.
Educação para a Saúde e Sexualidade	Dotar as crianças e os jovens de conhecimentos, atitudes e valores que os ajudem a fazer opções e a tomar decisões adequadas à sua saúde e ao seu bem-estar físico, social e mental, bem como a saúde dos que os rodeiam, conferindo-lhes assim um papel interventivo.
Eco-Escolas	Encorajar o desenvolvimento de atividades, visando a melhoria do desempenho ambiental das escolas, contribuindo para a alteração de comportamentos e do impacto das preocupações ambientais nas diferentes gerações, reconhecendo e premiando o trabalho por elas desenvolvido.

Erasmus +	Preparar para uma participação ativa e criativa na vida cultural da própria região. Conhecer os lugares mais importantes, monumentos e lendas da região. Ensinar a respeitar a cultura nacional. Comparar as suas raízes com os outros países europeus. Reconstruir a cooperação entre países parceiros.
Esgrima Histórica	Estudar, praticar, ensinar e desenvolver as artes marciais históricas ocidentais.
Matemática e Jogos de Estratégia	Ajudar a criar contextos de aprendizagem significativos.
“Para ti se não faltares”	Melhorar o sucesso escolar. Melhorar as competências ao nível da língua portuguesa, matemática e tecnologias de informação e comunicação. Desenvolver competências pessoais e sociais contribuindo assim para a melhoria individual das dimensões do "saber ser" e "saber estar". Promover a adoção de estilos de vida saudável e à prática desportiva.
Plano Nacional de Cinema	Desenvolver um programa de literacia para o cinema e de divulgação de obras cinematográficas nacionais junto do público escolar, garantindo instrumentos essenciais e leitura e interpretação de obras cinematográficas junto dos alunos.
Oficina da Ciência	Divulgar a cultura científica e tecnológica.

Quadro 6 - Projetos desenvolvidos no Agrupamento de Escolas D. Dinis

Partindo do pressuposto que o sucesso depende da “utilização de estratégias motivadoras derivadas das perspetivas, assim como o da utilização de estratégias que ajudem um grupo de indivíduos a tornarem-se uma comunidade de aprendizagem produtiva”¹⁰⁸, importa agora deter-me numa caracterização do público-alvo da minha ação e tentar compreender através de alguns indicadores de ordem familiar, social, cultural e académica quem constitui o meu grupo-turma e quais as implicações que essas especificidades têm na minha ação educativa e no relacionamento interpessoal.

¹⁰⁸ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw-Hill, Madrid, 2008, 152.

2.2. Caracterização da turma 5.º C/D

A turma de EMRC é composta por dezoito alunos de duas turmas diferentes, o 5.ºC e o 5.ºD. Da turma C, seis alunas e um aluno e da turma D, seis alunos e cinco alunas. Importa referir que o aluno da turma C teve fraca assiduidade ao longo do ano letivo, tendo estado presente na aula apenas duas vezes. Esta situação foi falada em núcleo de estágio, tendo havido intervenção junto do aluno por parte do professor cooperante e por mim, a fim de percebermos o motivo da sua ausência. Apesar dos esforços, o aluno não se mostrou interessado em fazer parte do processo de ensino/aprendizagem.

A maioria dos alunos tem 10 anos, à exceção de uma aluna que tem 11 anos, como resultado de uma retenção. Todos os alunos são de nacionalidade portuguesa, residindo na zona de Chelas. Apenas uma aluna reside na zona de Benfica.

Relativamente aos irmãos que estudam no mesmo agrupamento, oito alunos referem não ter irmãos a estudar no agrupamento de escolas D. Dinis; quatro têm um irmão a estudar no mesmo agrupamento; quatro têm dois irmãos a estudar no mesmo agrupamento e apenas um aluno tem três irmãos a estudar no mesmo agrupamento. Este aspeto prende-se com o facto da maioria dos alunos terem irmãos mais velhos que já não frequentam a escola, ou terem irmãos mais novos, que ainda se encontram no jardim de infância ou na pré-primária.

Em termos de constituição familiar, como se pode observar no gráfico 1, a maioria dos alunos vivem com os pais e os irmãos, isto é 47%, o que corresponde a oito alunos. Quatro situações, ou seja, 23%, residem com a mãe, os irmãos e familiares (avó, tia ou primos), não havendo referência à figura paterna. Outros 18%, ou seja, três alunos que residem com a mãe, o padrasto e os irmãos. E 6% dos alunos vivem com a mãe e os irmãos ou com os avós e os irmãos. Este estudo permite-me perceber as diferentes estruturas familiares que envolvem os alunos de EMRC, das turmas 5.ºC e 5.ºD, havendo famílias nucleares, constituídas pelos pais e os seus filhos, famílias recompostas, que resultam de uniões em que pelo menos um dos cônjuges traz para o novo casamento o(s) seu(s) filho(s) dependente(s), famílias monoparentais, que são constituídas por um dos pais e os seus filhos e famílias extensas, que são compostas pela família nuclear e outros parentes.



Gráfico 2 - Com quem vives?

Quanto à idade, as mães apresentam idades entre os 27 e os 47 anos, sendo a média de idades 36 anos. Os pais apresentam idades entre os 29 e os 51 anos, sendo a média de idades 42 anos. Este dado permite perceber que na turma existem alunos que são os primeiros filhos de casais jovens e outros são os mais novos de uma linhagem de irmãos, sendo os pais, pessoas mais velhas.

As famílias na sua maioria são de classe média e classe média baixa, onde são notórias as carências socioeconómicas da maioria dos alunos. Como indica o gráfico 2 a maioria da turma, 88%, usufrui de apoio social, espelhando a realidade do contexto social envolvente.

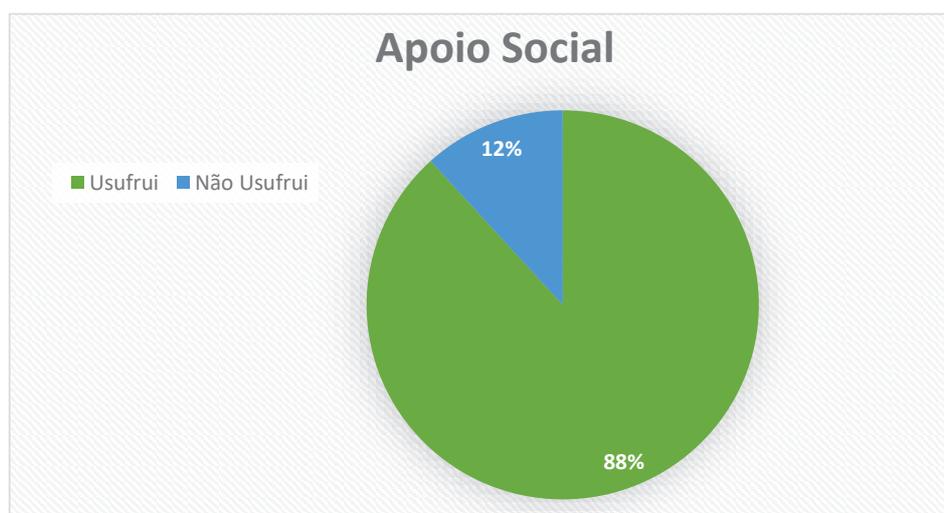


Gráfico 3 - Beneficiário da Segurança Social

Quanto às habilitações escolares dos encarregados de educação e responsáveis pelas crianças, constata-se que a maioria tem o 7.º ano ou 8.º ano (3.º ciclo), a seguir o 4.º ano de escolaridade (1.º ciclo). Cinco o 12.º ano (secundário) e três o 5.º ano de escolaridade (2.º ciclo).

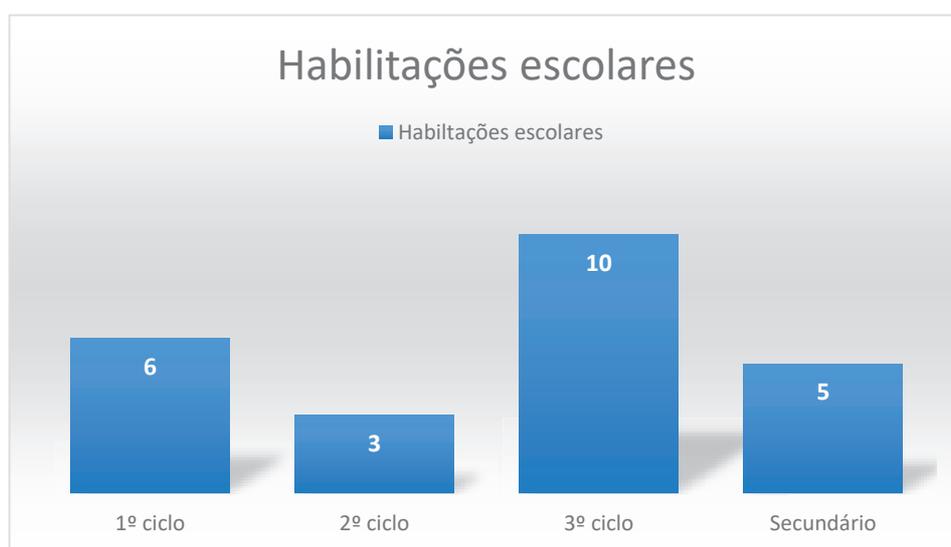


Gráfico 4 - Habilitações escolares dos Encarregados de Educação

Esta leitura indica a possível dificuldade que alguns destes encarregados de educação ou responsáveis pela criança têm em acompanhar os seus educandos nas tarefas escolares. De acordo com a socióloga Anália Torres uma parte substancial das diferenças no desempenho educacional está associada à escolaridade dos pais, o que sugere a continuidade de mecanismos de desigualdade de oportunidades num quadro geral de democratização da educação¹⁰⁹.

O nível de escolaridade tem reflexo na profissão exercida, havendo um profissional de saúde e um especialista das engenharias. Os restantes enquadram-se na categoria de vendedores e de trabalhadores não qualificados (cozinheira, empregada de balcão, ama, eletricista, pedreiro, limpezas, cabeleireira).

¹⁰⁹ A. TORRES, *Estudo longitudinal de uma geração nascida nos anos 90 do século XX em Portugal*, Conferência de Apresentação de Resultados do Projeto: *EPITeen24*, Reproduzir ou contrariar o destino social? in <http://capp.iscsp.ulisboa.pt/pt/reproduzir-ou-contrariar-o-destino-social-estudo-longitudinal-de-uma-geracao-nascida-nos-anos-90-do-seculo-xx-em-portugal> (consultado a 11 outubro 2018).

Em termos globais os discentes apresentaram um comportamento adequado à sala de aula, cumprindo as regras, embora por vezes apresentassem níveis de atenção/concentração irregulares. O grupo de alunos na sua maioria evidenciou interesse, empenho, autonomia e responsabilidade face ao seu processo de aprendizagem, apresentando alguns métodos de trabalho.

Os alunos demonstraram interesse e sensibilidade perante os conteúdos que lhe são mais familiares no seu quotidiano, sendo bastante participativos no decorrer das aulas. São alunos que gostam de aprender e tirar boas notas, encaram a escola como um meio para “chegar mais longe” e “para ser alguém no futuro”. Quando questionados sobre o que querem fazer profissionalmente no futuro, as respostas foram diversificadas, bióloga marinha, professora de 1.º ciclo, médico, futebolista, advogada, pintora, manicure, massagista e bombeiro.

O grupo de alunos apresenta diversidade a nível cultural, de etnia e de raça. Este aspeto revelou-se desafiante, “especialmente porque as desigualdades étnicas e raciais e as questões de intolerância que ainda existem na sociedade, se refletem nas escolas e nas salas de aula”¹¹⁰, tendo sido importante ir ao encontro da cultura de cada um, de forma a integrá-los e a sentirem a escola como um local de oportunidades e de desenvolvimento pessoal, para além das aprendizagens científicas.

Foi necessário reajustar alguns aspetos comunicativos, para que os alunos se identificassem com a disciplina e com os conteúdos apresentados. É importante com isto perceber que

“professores e os seus alunos ocupam com frequência várias culturas diferentes, cada uma com crenças e valores únicos, assim como diferentes formas de comunicação. Esta situação leva a uma descontinuidade e a uma dificuldade de comunicação entre a casa e a escola”¹¹¹.

Quanto à vivência da fé, oito alunos vão à eucaristia. Destes, sete frequentam a catequese. Os restantes não desenvolvem qualquer tipo de atividade que se relacione com a vivência cristã. Este aspeto permite que os alunos com alguma vivência na fé partilhem as suas

¹¹⁰ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 2008, 60.

¹¹¹ *Ibidem*, 62.

experiências e conhecimentos, sendo um “apoio” às aulas de EMRC.

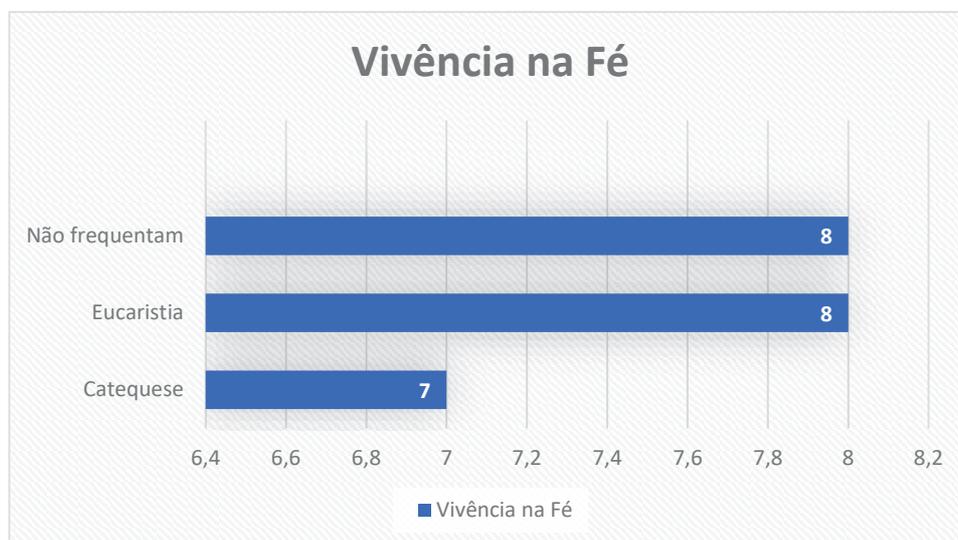


Gráfico 5 - Vivência dos alunos na Fé

A maioria dos alunos opta pela disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica com o objetivo de conhecerem um pouco melhor a religião, aprofundarem questões culturais e por gostarem da dinâmica da disciplina.

A generalidade dos dados expostos na caracterização da turma teve por base o inquérito que se encontra no anexo I.

3. Metodologia

Neste ponto é identificada a problemática que norteia o estudo, bem como a definição dos objetivos específicos. Aqui procede-se, ainda à descrição da metodologia e respetivos métodos e procedimentos selecionados para a realização desta investigação. Tendo em conta o tempo disponível para a realização deste estudo, bem como o tipo de investigação pretendida, optou-se por se realizar um estudo exploratório, assente na investigação qualitativa.

O tema escolhido foi sendo suportado pelo estágio, estreitando as observações com o que efetivamente se pretendia abordar neste trabalho. Surgiu, assim, o interesse de estudar a forma como as crianças percebem o conceito de família.

3.1. Identificação do problema

Tal como referido anteriormente, este relatório é resultado do trabalho realizado durante o estágio nas turmas C e D, do 5.º ano na Escola Damião de Góis e para a identificação da problemática, em muito contribuiu a investigação teórica que foi sendo feita durante o percurso académico. Assim, e, depois de alguma reflexão, é possível afirmar que a problemática gira em torno da questão, “Que conceção de família têm as crianças?”.

3.2. Objetivos do estudo

Partindo da problemática definida e dos objetivos estipulados pelo Programa de EMRC, edição 2014, apresentado no Capítulo II deste trabalho, foram elaborados objetivos específicos que norteiam o estudo e servem, também, de enquadramento às questões desenvolvidas para o questionário. Assim, são definidos dois objetivos, nomeadamente:

1. Identificar a conceção de família construída pelas crianças.
2. Explorar a influência da *Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor* na conceção de família apresentada pelas crianças.

3.3. Estratégia de investigação

Atendendo à problemática em estudo, “Que conceção de família têm as crianças?”, pretende-se, acima de tudo, tentar compreender a relevância da *Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor*, no conceito de família apresentado pelas crianças. Para esse fim, foi utilizado um método misto, com recurso a estratégias qualitativas e quantitativas, uma vez que os dados recolhidos (questionários e observação não estruturada), promovem preferencialmente esta abordagem.

As duas abordagens foram combinadas com o intuito de promover a técnica de amostragem, onde a abordagem quantitativa foi utilizada para preparar terreno para a investigação qualitativa.

3.4. Instrumentos e técnicas utilizadas

Para Freixo¹¹², os principais meios de recolha de informação são a “entrevista”, a

¹¹² M. FREIXO, *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*, Instituto Piaget, Lisboa, 2013, 192.

“observação” e o “questionário”, admitindo, contudo, a existência de outros, mas derivados da “observação”. Neste estudo foram privilegiadas as técnicas de observação e questionário.

Sabendo que a observação não estruturada é, normalmente, adotada em situações em que as condições para o uso da observação sistemática não são viáveis, quer por limitações de tempo e de oportunidade, quer pela dificuldade em planejar devidamente, o investigador tem maior liberdade de ação, o que poderá trazer maior subjetividade ao estudo.

Relativamente ao questionário, este é um instrumento de recolha de dados cujo preenchimento fica a cargo do informante. Como todas as outras técnicas, apresenta vantagens e inconvenientes. No tocante às vantagens destacam-se as seguintes: ser barato e garantir o anonimato do informante (maior autenticidade nas respostas). Em termos de desvantagens, são referidas as seguintes: haver dificuldade na interpretação das perguntas, não ser aplicável a analfabetos e permitir a resposta em grupo.

Concretamente, neste estudo, o questionário dispunha de perguntas abertas, que permitem total liberdade de resposta e são muito úteis quando se dispõe de pouca informação sobre o tema ou quando se pretende estudar um determinado aspeto em profundidade.

O questionário apostado aos alunos é o mesmo, tendo sido aplicado em dois momentos diferentes. Um dos momentos antes da leção da *UL 3 – A Família, comunidade de amor*, no dia 16 de janeiro de 2018 e, o outro momento, posterior à leção da UL 3, a 10 de abril de 2018.

CAPÍTULO IV: FAMÍLIA: OS RESULTADOS OBTIDOS

As questões apresentadas nos questionários pretendem abordar algumas concepções relativas à representação de família que os alunos da turma 5.º C/D possuem. Para tal, o questionário foi elaborado de forma a trabalhar aspetos como os da concepção, estrutura, valores e vivência familiar. A última questão pretende contrastar a concepção de família ideal, que os alunos apresentam, com a realidade que os circunda.

1. Apresentação e análise dos resultados dos questionários

A análise de resultados teve por base o questionário apresentado no anexo I, que foi aplicado a 17 alunos presentes na aula. Num total de 34 questionários foram analisados 30, pois 4 destes questionários revelaram imprecisões e lacunas que não possibilitavam uma análise séria dos dados.

Os questionários estão identificados da seguinte forma:

1a/2a - 1º questionário da aluna a (1a). 2º questionário da aluna a (2a).	1i/2i
1b/2b	1j/2j
1c/2c	1l/2l
1d/2d	1m/2m
1e/2e	1n/2n
1f/2f	1o/2º
1g/2g	1p/2p
1h/2h	1i/2i

Quadro 7 - Identificação dos questionários

Inicialmente foi feita uma análise aluno a aluno, onde foram comparadas as respostas dadas no 1.º questionário com as do 2.º questionário.

Aluna a)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Grupo	Laços de união
Pessoas	Partes
Alegria	<u>Divide</u> (presente do indicativo)
<u>Traz</u> (imperativo)	<u>É</u> (presente do indicativo)

Quadro 8 - Aluna a) O que é para ti a família?

As duas respostas apontam num sentido afetivo e de relação entre os membros da família. Contudo no 2.º questionário, a aluna completa a resposta utilizando uma das expressões utilizadas na UL3 do 5.º ano, “laços de união”, recorrendo assim ao conteúdo apreendido, acentuando a importância dos laços que se criam na família e a união como elemento essencial para a estrutura familiar.

O “grupo de pessoas” a que se refere no 1.º questionário dá lugar a “várias partes” que se dividem em boas ou más, deixando de haver um sentido generalizado de família e passando a uma perceção mais particular desta, diria mesmo, mais pessoal, havendo uma clara referência ao seu sentir, de um lado a mãe e o padrasto, do outro, o pai e a madrasta. Duas famílias diferentes, com as quais a aluna cria laços e nas quais encontra o seu lugar.

O verbo “traz”, utilizado no 1.º questionário encontra-se no imperativo, dando a sensação de que a família deve trazer, perante um pedido, ordem, convite, a alegria às pessoas do grupo, expressando assim um desejo, algo que a aluna quer que se realize.

No 2.º questionário, os verbos “é” e “divide”, utilizados encontram-se no presente do indicativo, expressando uma ação que ocorre no exato momento e que se designa como uma ação habitual. Para a aluna, a família é, sem dúvida, boa ou má e a divisão dos elementos da família é uma realidade consciente e assumida por ela que, ainda assim, vê laços a serem criados e a unirem as diferentes partes da família.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
------------------	------------------

1) Minha (determinante possessivo) mãe	1) Minha (determinante possessivo) mãe
2) Meu (determinante possessivo) padrasto	2) Pai
3) Irmãos	3) Madrasta
4) Primos	4) Padrasto
5) Madrasta	5) Tios
6) Pai	6) Irmãos
7) Tios	7) Primos
8) Avós	8) Avós
9) Todas as pessoas que <u>adoro</u> (presente do indicativo)	

Quadro 9 - Aluna a) Quem faz parte da família?

Do 1.º questionário para o 2.º perdeu-se “todas as pessoas que adoro”, passando a haver uma noção mais restrita do sentido de família e de quem faz parte desta.

Pareceu importante enumerar os elementos da família que surgem nos dois questionários, pois o único que se mantém, em primeiro lugar, é a “minha mãe”. Notória a relevância da mãe para esta aluna, que nos dois questionários é acompanhada do determinante possessivo “minha”, indicando posse, proximidade.

O padrasto perde o determinante possessivo “meu” no 2.º questionário e passa a ser enumerado em quarto lugar, deixando de haver o sentimento de posse da aluna em relação a este, indicando um possível distanciamento ou reajuste na estrutura familiar.

O pai e a madrasta que no 1.º questionário eram enumerados em sexto e quinto lugares, respetivamente, passam a ocupar o segundo e terceiro lugares, no 2.º questionário.

É importante analisar estes resultados e perceber que as “partes” referidas na primeira pergunta afetam a forma de ver a família, parecendo não haver compatibilidade entre a “parte” da família do pai e a “parte” da família da mãe. Contudo, é notória a cultura de grupo desta família, onde os primos, tios e avós têm um papel relevante e de destaque dentro da família, podendo as relações variar consoante a classe social, a zona de residência, a escolaridade e outros fatores. Os primos, tios e avós são assim uma fonte de suporte adicional.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor	1) Respeito
2) Carinho	2) Alegria
3) Alegria	3) Amor

4) Tristeza 5) Risotas 6) Aprender	4) Zanga 5) Tristeza
--	-------------------------

Quadro 10 - Aluna a) Que valores estão presentes na vida família?

Do 1.º questionário para o 2.º, a aluna apresenta um amadurecimento nas respostas e uma maior reflexão. Na resposta do 1.º questionário, os valores mencionados são: amor, carinho, alegria, risotas e aprender, havendo referência à tristeza. No 2.º questionário, mais importante que as risotas e o carinho são o respeito pelos outros e por si, seguido da alegria e do amor, havendo referência à tristeza e à zanga. A aluna tem a noção do quanto é importante ter valores na vida familiar, mas não deixa de parte os conflitos que surgem na família, conflitos que levam a zangas e à tristeza.

No 1.º questionário há uma vontade da aluna aprender com a família, aspeto que não se verifica no 2.º questionário. Porquê? Por esquecimento? Porque não existe um sujeito que assuma esta função de ensinar? Porque o que a família tem para ensinar não interessa a esta faixa etária? Parece que a resposta vai buscar um pouco de cada uma das sugestões apresentadas anteriormente.

As duas respostas da aluna revelam que esta não tem uma noção clara do que são valores, pois acrescenta palavras como “zanga” e “tristeza”, mas, ainda assim é de destacar a seriedade com que as respostas foram dadas.

4.ª pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
1) <u>Aprender</u> 2) <u>Ralhar</u> 3) <u>Brincar</u> 4) <u>Trabalhar</u> 5) União (o mais importante)	1) <u>Conviver</u> (Infinitivo impessoal) 2) <u>Rever</u> (Infinitivo impessoal) 3) Memórias 4) <u>Fazer</u> (Infinitivo impessoal) piadas 5) <u>Dar</u> (Infinitivo impessoal) passeios 6) <u>Saber ser</u> (Infinitivo impessoal) alegre

Quadro 11 - Aluna a) O que é viver em família?

Do 1.º para o 2.º questionário alteram-se todas as palavras que exprimem o que é viver em família. Enquanto no 1.º questionário implicava aprender, ralhar, brincar, trabalhar e o mais importante, a união. No 2.º questionário, viver em família é conviver, rever, fazer piadas, dar

passeios, saber ser alegre e ter memórias. Neste há uma referência a aspetos mais concretos que possibilitam à aluna viver em família e que parecem fundamentais para a estrutura desta. As piadas e os passeios trazem experiências enriquecedoras para a vivência familiar. Outro aspeto interessante é o “saber ser alegre”, requisito necessário, apesar de ainda não adquirido na totalidade dos membros da família. Parece ser esta a chave para se viver em família, pelo menos para esta aluna.

As memórias referidas no 2.º questionário deixam transparecer algo importante que não se quer esquecer e que traz algum conforto em situações de maior conflito. Arriscaria momentos ou pessoas relevantes que se perderam e que são essenciais para manter a família estruturada.

Todos os verbos utilizados encontram-se no infinitivo impessoal, apresentando assim um sentido genérico ou indefinido, não havendo um sujeito definido, dando a indicação de que as tarefas elencadas anteriormente são aspetos a ter em consideração por todos os membros da família e não especificamente só para um ou dois. Toda a família deve ser responsável pela forma como vivem e como se estruturam.

5.ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Muitos anos sem se <u>desmoronar</u> (infinitivo impessoal), com amor, alegria e muitas coisas importantes.	Quando <u>está</u> (presente do indicativo) tudo bem mas também <u>está</u> (presente do indicativo) alguma coisa mal.

Quadro 12 - Aluna a) O que é uma família saudável?

Nesta pergunta a aluna apresenta, de forma geral, aspetos que considera relevantes para uma família saudável. Curioso que no 1.º questionário sente a necessidade de quantificar e revelar que uma família saudável implica “muitos anos sem se desmoronar”. Muitos anos de partilha e vivência conjunta, que lhes permitem manter-se unidos. No entanto, o verbo “desmoronar” utilizado, é forte e marca, em grande medida, a visão da família desta criança. Sendo um verbo com uma conotação negativa, utilizado para descrever situações em que se “deita abaixo”, “abate”, “derruba”, “arrasa”, “cai”... Perante isto, é perceptível a preocupação da aluna face à sua família, que poderá correr o risco de se destruturar caso não exista entre eles amor, alegria e outras coisas importantes. A resposta genuína e sincera dada pela aluna revela alguma reflexão e noção da realidade que a envolve. Este é um assunto que lhe

desperta interesse e para o qual tenta encontrar soluções.

No 2.º questionário, a resposta revela tomada de consciência de vários aspetos familiares. A aluna percebe que numa família saudável deve estar tudo bem, mas que por vezes poderão surgir situações para resolver e situações que trazem aspetos negativos. Este confronto de ideias apresentado pela aluna é característico em situações de rutura familiar, divórcio, perda... havendo uma perceção real dos factos/acontecimentos. Neste caso, a criança organiza e aprende a lidar com a novidade, mesmo que esta lhe traga alguns dissabores.

A aluna envolve-se facilmente no tema e consegue perceber de forma clara e concisa aspetos relacionados com a sua vivência familiar.

Aluna b)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Coisas Importantes Vida	Coisa Importante Vida Apoio Segurança Local onde <u>recebo</u> (presente do indicativo) mais amor no mundo

Quadro 13 - Aluna b) O que é para ti a família?

Do 1.º questionário para o 2.º houve uma evolução relativamente ao conceito de família. A aluna após a apreensão dos novos conteúdos da *UL3 – A família, comunidade de amor* consegue acrescentar conceitos como: apoio, segurança e amor. A família não é apenas a coisa mais importante da sua vida, o seu núcleo, o seu alicerce, mas também o local onde se sente segura, com a qual pode contar e também onde ama e é amada. Resposta mais maturada e de algum crescimento interior que permite à aluna reconhecer na família qualidades que antes não lhe eram associadas.

Quanto ao verbo encontrado no 2.º questionário, “recebo”, encontra-se no presente do indicativo, o que dá a entender que esta é uma ação que ocorre no exato momento em que é descrita e que é habitual. É permanente, esta receber mais amor na família. Para a aluna, a família é o lugar de destaque, o sítio privilegiado para se estar, aprender e ser feliz. E mais,

é onde recebe “mais amor no mundo”, não há sítio que se compare e onde ela encontre mais amor. Esta experiência positiva da vivência familiar cria na aluna confiança para que consiga enfrentar os restantes desafios que o dia a dia lhe coloca. É, sem dúvida, uma criança com um forte suporte familiar.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Tios	1) Pais
2) Tias	2) Tios
3) Primos	3) Avós
4) Primas	4) Primos
5) Minha mãe	5) Irmão
6) Avós	6) Padrinhos
	7) Ariana
	8) Diogo
	9) Animais

Quadro 14 - Aluna b) Quem faz parte da família?

No 1.º questionário, a aluna refere os tios em primeiro, seguidos dos primos e só em quarto lugar surge a “minha mãe”. Aspeto revelador de alguma tensão ou desentendimento, mas ainda assim, a mãe é acompanhada do determinante possessivo “minha”, o que indica posse da aluna relativamente à mãe, sentimento de pertença e de carinho por esta.

No 2.º questionário, desaparece a “minha mãe” para dar lugar aos pais, podendo ser indicativo de um ambiente familiar mais estável e com a presença do pai e da mãe como casal, um só que toma decisões e que caminha lado a lado. Ainda assim, os tios continuam a ser, para a aluna, membros essenciais na família, surgem em segundo lugar. Possivelmente conferem à família a união e equilíbrio necessários.

O irmão aparece agora depois dos avós e dos primos, podendo a diferença de idades pode ser a explicação possível para este facto, não havendo identificação com as atividades e/ou gostos do outro.

Depois da abordagem da UL3, a aluna inclui na sua resposta dois amigos, amigos que considera família e com os quais vivencia experiências que considera cruciais para o seu desenvolvimento.

A abordagem de família e os elementos que constituem esta, sofre um acrescento do 1.º

para o 2.º questionário, mencionando agora o irmão, os padrinhos, os amigos e os animais. A noção de família surge mais alargada, cabendo nesta, elementos que no questionário anterior não eram destacados.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Carinho	1) Amor
2) Amor	2) Amizade
3) Amizade	3) Confiança
4) Respeito	4) Fieldade

Quadro 15 - Aluna b) Que valores estão presentes na vida família?

Para esta aluna, valores como o amor e a amizade são essenciais na vida familiar. Os dois surgem nos questionários. No 1.º questionário, o amor surge em segundo lugar e no 2.º questionário passa para o primeiro lugar. Já a amizade passa do terceiro lugar para o segundo. Indicativo da afetividade e cumplicidade que deve existir na vida familiar, pois quem ama, cuida e protege.

Termos como carinho e respeito perderam relevância, dando lugar à confiança e fieldade. A aluna incluiu o carinho no enorme valor que é o amor, conseguindo este comportar tantos outros valores. Relativamente ao respeito, é possível que a eventualidade de confiar e ser fiel ao outro possa abarcar a capacidade que é desenvolvida para respeitar as pessoas da família e fora desta. Passou a ser importante para a aluna confiar em si e nos outros, e estes confiarem nela. A confiança garante equilíbrio pessoal e social, quando se confia, encontra-se espaço para se desenvolver o “eu” e o “tu”, encontra-se abertura para ser e para desenvolver a capacidade de confiar em si e nas suas potencialidades, reconhecendo também, as limitações.

Quanto ao valor da fieldade, que advém do latim *fidelitas*¹¹³, a aluna expressa a importância da lealdade e fidelidade entre os membros da família. Sendo relevante o cumprimento de promessas estabelecidas para que se mantenha o sentimento de confiança entre a família.

¹¹³ Conceito de *fidelitas* in <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fidelidade> (consultado a 22 março 2019).

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Estar</u> (infinitivo impessoal) Conjunto Família Bons e maus Momentos	<u>Serem</u> (infinitivo impessoal) Amigos Uns dos outros

Quadro 16 - Aluna b) O que é viver em família?

No 1.º questionário, a aluna utiliza o verbo “estar” no infinitivo impessoal, não havendo referência a um sujeito concreto. Este sentido genérico ou indefinido sugere que toda a família deve estar disposta a vivenciar os bons e maus momentos, pois cabe a todos a responsabilidade de se envolverem e darem resposta a aspetos do quotidiano.

Já no 2.º questionário, o verbo “serem” está no infinitivo pessoal, significa isto que o verbo atribui um agente ao processo verbal, flexionando-se. Neste caso o sujeito implícito será “eles”, dando ênfase aos membros da família, para que “eles” sejam amigos uns dos outros. Se no 1.º questionário não existia um sujeito implícito, no 2.º questionário a aluna faz questão de reforçar quem se deve responsabilizar pela vivência familiar.

No 1.º questionário, a vivência familiar passa por estarem juntos em qualquer momento, seja este bom ou mau. A aluna apela ao compromisso e à necessidade de manter este independentemente das situações envolventes. Família que mantém o “conjunto” e faz deste “conjunto” reforço para a estabilidade familiar e resolução de conflitos.

No questionário posterior, a vivência familiar não evidencia o “estar em conjunto”, mas antes o “serem uns com os outros”. Amadurece a ideia de família e com ela a importância de que cada membro da família deve “ser” para o outro, mais do que “estar” importa “ser” realmente, exprimindo assim a consciência da existência dos outros ao seu redor e na sua vida familiar.

Esta ideia do “ser” que se desenvolve no seio familiar permite à aluna adquirir as ferramentas necessárias para em sociedade se relacionar com o “outro”, respeitando-o e aceitando-o na sua diferença.

5.^a pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Não <u>ter</u> (infinitivo impessoal) muitas discussões, mais tempo juntos	Uma família com amor, saudade

Quadro 17 - Aluna b) O que é uma família saudável?

No 1.º questionário, a aluna deixa transparecer alguns aspetos que podem ser melhorados na sua família. Sem indicar concretamente os sujeitos envolvidos – afirmação, suplantada no tempo verbal utilizado, infinitivo impessoal – dá a entender o quanto é importante que as discussões na família sejam cada vez menos, assim como a necessidade de os membros da família passarem mais tempo juntos, para que em conjunto encontrem soluções que colmatem os aspetos menos positivos da vivência familiar. É curioso como a aluna apresenta o problema, “as discussões”, mas de seguida, na mesma resposta, sugere uma possível solução, “passarem mais tempo juntos”. A maturidade da resposta deixa antever a envolvência desta aluna nas questões ligadas à família. Claramente a aluna compreende que o conflito é, por vezes, necessário, mas que não deve ser uma constante.

No 2.º questionário, família saudável é descrita como uma “família com amor e saudade”. Também aqui a aluna tenta encontrar um equilíbrio entre aquilo que lhe confere positivismo, o “amor”, e aquilo que a deixa mais apreensiva, a “saudade”. Ainda assim, é interessante uma criança com 10 anos fazer referência a um tempo que implica algum pesar, alguma mágoa. Talvez, a aluna tenha lembranças de pessoas ausentes, momentos passados ou de alguma coisa de que se vê privada.

Esta aluna revela uma clara capacidade de entendimento quanto à vivência familiar, pois os aspetos positivos e negativos surgem, confrontam-se e tentam encontrar respostas.

Aluna c)

1.^a pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Amam</u> <u>Cuidam</u> <u>Ajudam</u>	<u>Poder contar</u> <u>Confiar</u>
} (Infinitivo impessoal) Quando <u>preciso</u> (presente do indicativo)	} (Infinitivo impessoal) For <u>preciso</u> (presente do indicativo) <u>Rir, brincar, cuidar</u> (Infinitivo impessoal)

Quadro 18 - Aluna c) O que é para ti a família?

Para a aluna, família são aqueles que “a amam, cuidam e ajudam quando é preciso.” O tempo verbal apresentado, infinitivo impessoal, sugere que a ação referida não tem um sujeito definido. Não é um desejo, uma expectativa da aluna, é uma realidade. A família ama-a, cuida dela e ajuda-a. Ela sente que estas ações têm lugar no ambiente familiar do qual faz parte e no qual se sente incluída.

Na resposta é possível perceber aspectos como a complementaridade, a cumplicidade e a empatia que definem a relação entre os membros desta família. Sobressai o “quando preciso”, ou seja, a disponibilidade para o outro e a capacidade de perceber no outro as fragilidades. Para que em conjunto encontrem soluções passíveis de crescimento e amadurecimento.

No 2.º questionário, a aluna refere a importância de “poder contar” com a família e “confiar” nesta. Estes são dois pontos importantes para a aluna apesar de associados a estes não estar um sujeito concreto, o que leva à hipótese, de este ser um desejo e não uma realidade, ou seja, no dia a dia, a aluna anseia por poder contar e confiar na família, mas nem sempre sente essa possibilidade como efetiva.

Relativamente à resposta do questionário anterior, mantém-se o “sempre que for preciso”, a hipótese em aberto da família estar por perto em momentos de maior dificuldade. Extremamente positivo este ponto de vista da aluna, que encontra na família o seu abrigo, quando necessário, sabendo que pode ir e pode sempre regressar ao sítio que a conforta.

São acrescentados, no 2.º questionário, verbos como rir, brincar e ajudar. Os dois primeiros remetem para a ideia de diversão, entretenimento, passatempo... ambos no infinitivo impessoal, ou seja, a aluna fala de uma ação sem sujeito definido. Uma ação que pode contemplar qualquer membro da família, desde que assim o desejem. Também é perceptível a necessidade de existir na família espaço para essas brincadeiras e diversão. Que por alguma razão, não são suficientes para a aluna.

Quanto ao terceiro verbo, “cuidar”, surge também no 1.º questionário, e mais uma vez reforça a importância da família enquanto cuidadora, enquanto célula viva que presta os cuidados necessários a todos os seus membros.

Nas duas respostas mantém-se o conceito de família, havendo nestas aspectos maturados e de grande relevância.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Pais	1) Pais
2) Irmãos	2) Tios
3) Avós	3) Irmãos
4) Tios	4) Alguns primos
	5) Cristiana

Quadro 19 - Aluna c) Quem faz parte da família?

Na questão “quem faz parte da família?”, a aluna refere os pais em primeiro lugar nos dois questionários, mas, relativamente aos outros elementos existem variações do 1.º para o 2.º questionário. Veja-se, no 1.º questionário, os irmãos ocupam o segundo lugar e os tios o quarto lugar. No 2.º questionário, os tios passam a ocupar o segundo lugar e os irmãos o terceiro lugar, dando a noção de que a vivência familiar sofreu alterações e que o papel dos tios passou a ser extremamente relevante para a estrutura familiar. Já os irmãos continuam a ser mencionados apesar de ocuparem um lugar abaixo do questionário anterior. Neste caso, não parece ser significativo.

Os avós deixam de constar na lista de pessoas que fazem parte da família. As hipóteses encontradas para este facto são: distanciamento dos avós face à família, morte dos avós ou esquecimento da aluna em mencionar estes, sendo a última hipótese pouco consensual com o perfil da aluna, que sempre se revelou atenta e preocupada com os elementos constituintes da família.

No 2.º questionário, a aluna acrescenta “alguns primos” e a Cristiana, uma amiga. Despertou curiosidade o termo que antecede os “primos”, pois apenas “alguns” são considerados família, outros não são incluídos, não são mencionados, nem lembrados.

Incluir a amiga na resposta do 2.º questionário atribui ao conceito de família uma menção mais alargada, família não são apenas aqueles que partilham entre si laços de sangue, mas também aqueles que acompanham e com os quais se estabelecem laços de união e amizade. Este foi um dos aspetos trabalhados nas aulas de EMRC, na *UL3 – A família, comunidade de amor*. O conceito de família visto tradicionalmente e na atualidade.

3.^a pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor 2) Carinho 3) <u>Brincar</u> (infinitivo impessoal)	1) Amor 2) Carinho 3) Respeito 4) Ajuda 5) Amizade

Quadro 20 - Aluna c) Que valores estão presentes na vida família?

Na vida familiar da aluna estão presentes valores como o amor e o carinho. Contudo, no 1.º questionário, a aluna acrescenta o verbo “brincar”, no infinitivo impessoal. A este verbo não está associado um sujeito, deixando a ideia de que esta ação representa uma vontade da aluna e que ainda não foi concretizada pelos membros da família.

Para além do amor e carinho, a aluna acrescenta no 2.º questionário valores como o respeito, a ajuda e a amizade, complementando assim a ideia de família e os valores que envolvem esta.

Após a leção da UL3, a aluna revelou capacidade reflexiva e colocou no seu horizonte, o respeito que deve existir entre os elementos da família, pelos outros e pela sociedade, em geral; a ajuda que se revela fulcral em qualquer relacionamento e a amizade que se faz acompanhar pelo cuidado ao outro, a ternura e o carinho.

Parece que nesta família houve claramente uma aposta nos valores e na formação humana dos elementos que a constituem, havendo preocupação em acompanhar e adequar valores consoante o crescimento de cada membro da família.

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Brincar</u> (infinitivo impessoal) <u>Poder-nos</u> (infinitivo) <u>Ajudar</u> (infinitivo impessoal) Uns aos outros E <u>rir</u> (infinitivo impessoal)	<u>Poder rir, brincar, compartilhar e relembrar</u> (infinitivo impessoal) Momentos

Quadro 21 - Aluna c) O que é viver em família?

Viver em família para a aluna relaciona-se, no 1.º questionário, com a capacidade de brincar, rir e ajudar os outros. A maioria dos verbos encontram-se no infinitivo impessoal,

não havendo um sujeito definido para desenvolver a ação. Podendo qualquer um dos membros da família ser responsável por brincar, rir ou ajudar.

A frase “poder-nos ajudar uns aos outros” coloca a aluna no decorrer da ação, também ela ajuda e é ajudada pela família. Este é um aspeto revelador de reflexão e compromisso, a aluna não se destitui da sua responsabilidade em ajudar o outro, ela interpreta os acontecimentos e interpela os envolvidos, fazendo parte da história da família.

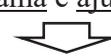
No 2.º questionário, mantém-se verbos como “rir” e “brincar”. A repetição destes leva a crer que estas ações são, para a aluna, importantes e parte integrante da estrutura familiar.

Acrescenta dois verbos que remetem para ações conjuntas, ações que implicam laços e relação. O verbo “compartilhar”, revela que a aluna participa na ação, partilha com alguém e que a família, na sua perspetiva, também o deve fazer. A partilhar enriquece a vida daqueles que dela fazem parte, possibilitando a relação entre os membros da família.

Já o verbo “relembrar” deixa transparecer a importância das recordações e memórias, havendo por parte da aluna a necessidade de manter estas e de as tornar presentes na vida familiar. Recordar momentos parece ser um ponto significativo para a vivência familiar. Momentos que os mantenham unidos e em sintonia uns com os outros, momentos que os recordem das dificuldades superadas em conjunto, momentos de esforço, alegria, tristeza, dúvida, angústia... mas acima de tudo, momentos em família.

Viver em família é a possibilidade de crescer tendo por perto elementos que ajudam a superar as dificuldades do quotidiano.

5.ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
É <u>conviver</u> (infinitivo impessoal) É <u>viver</u> (infinitivo impessoal) com saúde	Tem discussões, mas também <u>ama e ajuda</u>  (presente do indicativo)

Quadro 22 - Aluna c) O que é uma família saudável?

No 1.º questionário, a aluna identifica a família saudável como aquela que convive e vive com saúde. Os verbos apresentados encontram-se no infinitivo impessoal, a ação não está relacionada a nenhuma pessoa concreta, sendo o seu sentido genérico ou indefinido.

A família que convive, que vive juntamente com o outro e estabelece laços que perduram no tempo é para a aluna um facto que merece atenção e preocupação. Viver em família

implica aceitar o outro e ser aceite, levando cada um dos familiares a encontrar o seu lugar na família e a conviver.

Quanto ao “viver com saúde” é possível interpretar de duas formas. Na primeira, a aluna pensa a família saudável como aquela em que os seus membros vivem de forma a contribuírem para o desenvolvimento das relações no interior da mesma; na segunda, a aluna refere-se apenas à saúde física e psicológica dos elementos constituintes da família, considerando este aspeto fulcral para a designação de família saudável.

Na resposta dada ao 2.º questionário, a perceção da aluna relativamente ao assunto altera-se e amadurece, passando a considerar família saudável, um conjunto de pessoas que discute, mas que também ama e ajuda. A noção de família torna-se mais próxima da realidade e representativa de possíveis situações do dia a dia.

Os verbos apresentados nesta resposta encontram-se no presente do indicativo, “ama” e “ajuda”, indicando uma ação que decorre no exato momento em que é narrada, sendo esta habitual, ou seja, a família saudável ama e ajuda permanentemente os elementos que a constituem.

Os conceitos explorados na UL3 permitiram desenvolver, nesta aluna, uma reflexão séria e amadurecida da realidade familiar, permitindo-lhe tomar consciência sobre determinados assuntos que anteriormente se revelavam pouco significativos.

Aluno d)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Sentido de <u>viver</u> (infinitivo impessoal) <i>Grande</i> (adjetivo) apoio Boa companhia	Razão de <u>viver</u> (infinitivo impessoal) Uma força Melhor coisa do mundo e arredores

Quadro 23 - Aluno d) O que é para ti a família?

Nas duas respostas, o aluno utiliza diversos nomes, como “sentido”, “apoio”, “companhia”, “razão”, “força”, “mundo” e “arredores”. Estes conferem à família uma definição feita através de atributos.

No 1.º questionário, a família é identificada como aquela que dá vida, a que possibilita vivências e através da qual o mundo se torna um lugar mais atrativo e harmonioso. Pela família e com a família faz “sentido viver”. Este “sentido” deixa antever a importância que

o aluno dá à vivência familiar, tornando-a parte central da sua existência.

O verbo “viver” é utilizado nos dois questionários, e estando no infinitivo impessoal, permite ao aluno dar a conhecer a grandeza da ação. Não tendo um sujeito definido, cabe a todos os membros da família a responsabilidade de viver e, mais importante, de dar sentido às vivências.

Ainda no 1.º questionário, o aluno define a família, também como um “grande apoio”. É nela que encontra o apoio necessário para o dia a dia, para os momentos que compõem a vida. Repare-se que o aluno afirma que este apoio prestado é “grande”. O adjetivo utilizado expressa a magnitude deste gesto, que ultrapassa o razoável e atinge a grandeza.

A definição termina com a frase “uma boa companhia”. A família deste aluno, para além de dar sentido à vida e ser um grande apoio, é vista como aquela com a qual se vivem bons momentos e onde a companhia dos elementos que a constituem é agradável e desejada.

As reticências deixam no “ar” alguns aspetos que não se escreveram, ou porque não houve tempo, ou porque o aluno não quis escrever ou porque tudo o resto é pouco significativo perante o que já se disse.

No 2.º questionário, o aluno mantém a opinião sobre a família enquanto responsável pelo sentido da vida, mas não é a única razão de viver, é uma das, pois, ele afirma “uma razão de viver”. Para além da família, surgiram com o seu crescimento, outras razões que dão sentido à vida.

A família deixa de ser “apoio” e “companhia” e passa a ser designada como “uma força”, dando a sensação de que nada a derruba e que em família tudo é possível superar. Talvez haja neste termo um pouco de verdade e de fantasia, ou seja, uma certa tendência para achar que os membros da família são dotados de “poderes especiais”, que os tornam fortes e capazes de realizar feitos únicos.

O aluno completa a definição com a seguinte frase “a melhor coisa do mundo e arredores”. O que o aluno sente pela família é tão grandioso que ultrapassa qualquer definição terrena, está para além de tudo o que se possa imaginar e conhecer.

Os atributos utilizados para definir família são de uma enorme riqueza sentimental. Para o aluno, a família é o seu pilar, onde encontra tudo o que necessita para crescer em harmonia e equilíbrio. A relação entre ele e a família é muito forte.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Meu pai 2) Minha mãe 3) Meu irmão 4) Meus tios 5) tias 6) Avós 7) Avôs 8) Primos 9) Primas 10) Padrinho 11) Madrinha 12) Amigos	1) Todos os que me rodeiam

Quadro 24 - Aluno d) Quem faz parte da família?

À pergunta “quem faz parte da família?”, o aluno responde utilizando alguns determinantes possessivos, “meu”, “minha” e “meus”. Estes acompanham nomes como “pai”, “mãe”, “irmão” e “tios”. Indicando posse, proximidade entre o aluno e os familiares referidos anteriormente. O pai, a mãe e o irmão são enumerados por esta mesma ordem, destaque para a família nuclear, que surge como uma estrutura de forte apoio e relação entre os elementos constituintes.

Também os “tios” são acompanhados do determinante possessivo “meus”, existindo com estes uma relação de pertença, ou seja, os tios pertencem a este aluno, fazem parte da sua vivência diária e integram nesta, aspetos essenciais para o seu crescimento.

Os restantes elementos da família são enumerados pela seguinte ordem: 5.º tias; 6.º avós; 7.º avôs; 8.º primos; 9.º primas; 10.º padrinho; 11.º madrinha; 12.º amigos. Surgem sem o determinante possessivo, talvez porque o aluno não os sente tão próximos de si ou tão envolvidos na vivência familiar.

Curioso observar que todos os géneros masculinos surgem primeiro que o género feminino, à exceção das “avós” que são enumeradas antes dos “avôs”. Sendo rapaz, é natural existir maior identificação com os membros masculinos, fazendo deles exemplos e modelos a seguir. A figura da “avó” tem uma conotação afetiva implícita, a sua “maturidade afetiva” permite um relacionamento privilegiado com os netos, onde impera o respeito e o “colinho”.

Os amigos são referidos como parte da família. Nesta fase dos 10/11 anos, os pares

começam a ser parte integrante do processo de crescimento e do reconhecimento do outro, possibilitando assim a tomada de consciência do “eu” e do “tu”.

No 2.º questionário, o aluno não enumera as pessoas que fazem parte da família, mas, afirma que “todos os que os rodeiam são família”. Que significa esta resposta?

Os que o rodeiam são aqueles com quem estabelece laços de amizade e união? Os que o rodeiam são os que o envolvem e abrangem? Os que o rodeiam são todos os que se cruzam com ele no dia a dia? Tendo em conta as informações e o perfil do aluno, é possível considerar as duas primeiras abordagens para justificar a resposta dada. Família são aqueles com os quais, o aluno cria laços, que se fortalecem através da cumplicidade e união.

Assim, para este aluno a resposta do 1.º para o 2.º questionário não é muito díspar, pois a segunda resposta pode conter os nomes apresentados na primeira resposta.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor 2) Carinho 3) Nos maus momentos <u>estar</u> (infinitivo impessoal) lá aquele irmão a <u>dizer</u> (infinitivo impessoal) “calma, isso <u>resolve-se</u> ” (presente do indicativo) 4) Solidariedade	1) Amor 2) Carinho 3) Chatice 4) Disciplina 5) Fraternidade

Quadro 25 - Aluno d) Que valores estão presentes na vida familiar?

Nos dois questionários, os primeiros valores presentes na família são o amor e o carinho. Valores que se revelam fulcrais para o aluno e para a vivência familiar.

No 1.º questionário, o aluno revela a importância de, nos maus momentos, existir “aquele irmão” que ajuda a acalmar e manter o otimismo. Este aspeto é revelador da consciência que o aluno tem da realidade, que tanto pode ter bons como maus momentos, sabendo que nestes momentos é possível contar com “aquele irmão”. Em contextos socioculturais como Chelas, a parceria estabelecida entre diferentes grupos tem um laço muito forte de irmandade e de camaradagem. Por isso, não surpreende que para o aluno “aquele irmão”, não seja o irmão de sangue, mas antes alguém com quem estabelece um forte laço de irmandade, alguém capaz de manter a serenidade necessária para enfrentar os desafios e encontrar soluções. A expressão usada pelo aluno é “calma, isso resolve-se”. O verbo resolver encontra-se no

presente do indicativo, exprimindo uma ação concreta, que se realiza no exato momento.

Outro valor referido no 1.º questionário é a solidariedade. A família deve manter a capacidade de entreatajuda, fazendo com que todos os membros se sintam responsáveis uns pelos outros. Para o aluno, este é um valor primordial no relacionamento familiar. Ajudar implica sair de si para encontrar o outro.

No 2.º questionário, para além dos valores como o “amor” e “carinho”, surgem “chatice”, “disciplina” e “fraternidade”. Estes dão, possivelmente, resposta a situações para as quais as regras e limites eram impreteríveis. É importante para a criança perceber que existem regra que a limitam e ajudam a desenvolver competências e formar carácter de forma adequada. Daí o aluno, elencar a “disciplina” como um valor presente na família.

A “chatice” pode implicar aspetos comuns do dia a dia ou alguma situação mais grave e para a qual é necessário o “amor” e o “carinho” para encontrar a resposta. Perante aquilo que causa inquietação ou preocupação, o importante é, para o aluno, permanecer em família e confiar nesta.

A “fraternidade” é referida no 2.º questionário, surgindo como amor ou afeto em relação ao próximo. A irmandade é valor essencial e complementar à família.

4.ª pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
Viver bem com algumas (quantificador existencial) discussões, algumas (quantificador existencial) graças	Viver em sociedade e em amizade

Quadro 26 - Aluno d) O que é viver em família?

Viver em família implica, para o aluno, relação e convivência. No 1.º questionário, surge a noção de que na família podem surgir “algumas discussões”, mas também “algumas graças”. As discussões são representativas dos conflitos que por vezes geram discórdia entre os elementos da família. A maioria das vezes, conflito não implica caos ou destruturação, mas antes reconfiguração de alguns sistemas antigos e acomodados. Neste sentido, o conflito pode ser positivo, pois leva à mudança.

O termo “graças” pode ter três tipo de análise; a família concede aos seus elementos alguma benevolência, a família manifesta atos e ditos que alegram ou a família tem diversos dons que a tornam especial e única. Os três significados podem retratar esta família, que se

apresenta disponível para o outro, mas que também torna a vivência diária uma aventura positiva, recheada de sentido, de humor e boa disposição, havendo espaço para acolher e desenvolver os dons que fazem parte desta.

Na primeira resposta, os nomes estão acompanhados do quantificador existencial “algumas”, revelando que a família, de forma vaga e imprecisa discute e tem graças. O aluno não consegue precisar ao certo o que ocorre com maior frequência, mas tem noção de que esses aspetos influenciam a vivência familiar e a forma como todos se relacionam. Reconhece que viver em família implica uma gestão entre situações simples e situações mais complexas, para as quais a família deve estar preparada.

Já no 2.º questionário, o foco da vivência familiar incide na capacidade de “viver em sociedade”, ou seja, o aluno pensa a família em relação com os outros, havendo a clara percepção de que esta estabelece laços com outros elementos, fora do círculo familiar, e que esses laços são significativos e influenciam as ligações familiares.

Aliás, a família permite ao aluno crescer e “treinar” a forma como deve desenvolver as relações em sociedade. Os pais, irmãos, avós, tios, primos, padrinhos... são essenciais para que a criança experiencie relacionamentos e para que perceba como deve agir com os outros, adquirindo valores como o respeito, a compreensão, a cooperação...

Para além da vivência em sociedade, o aluno acrescenta o “viver em amizade”. É importante criar entre os elementos da família sentimentos de empatia e de proximidade. De forma, a que as relações possam ser duradouras e imprescindíveis no dia a dia. O aluno pensa na família, não só como uma instituição dotada de obrigatoriedades, mas também como um grupo de pessoas que criam entre si relações de amizade, entreajuda, afeto e proximidade.

Do 1.º para o 2.º questionário, o aluno desenvolveu a capacidade de pensar na família em relação com a sociedade, tendo noção de que aspetos exteriores à família podem influenciar esta, sendo necessário aprender a lidar com as consequências provocadas por esses.

5ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
<i>Estável</i> (adjetivo) Sem discussões	Sem problemas Sem discussões

Quadro 27 - Aluno d) O que é uma família saudável?

Família saudável para este aluno é acompanhada do adjetivo “estável”, ou seja, algo que é firme e duradouro. Família que se mantém unida independentemente do que aconteça. A estabilidade traz conforto e segurança. De certa forma, o que o aluno refere é a possibilidade de numa família saudável se poder crescer confiante, tendo assim mais capacidade para realizar qualquer tarefa e/ou desafio.

Surge nesta resposta o desejo de não existirem discussões na família saudável. Para o aluno, a discussão é entendida como algo negativo e fraturante, talvez porque as discussões tenham levado a ruturas ou reestruturações familiares, que foram encaradas como negativas.

O ideal de família está associado às ideias anteriormente descritas, havendo no imaginário do aluno a possibilidade da sua existência. Também no 2.º questionário, se mantém a ilusão de que a família saudável é aquela que não tem problemas, nem discute. Esta afirmação deixa transparecer algumas noções mágicas que estruturam o seu pensamento. Apesar do confronto entre os pensamentos e a realidade ser cada vez maior. O aluno ainda encontra conforto nesta visão de família.

Nas respostas anteriores, o aluno apresenta uma visão amadurecida de família. Nesta resposta é possível perceber claramente que a família saudável e a família do aluno têm poucos aspetos em comum, pois a visão de família saudável é a de uma família ideal, criada apenas na imaginação do aluno.

Aluno e)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
A minha (determinante possessivo) <i>boa</i> , <i>fantástica</i> (adjetivos) Amor, amizade, carinho	Amor, amizade, alegria e carinho

Quadro 28 - Aluna e) O que é para ti a família?

A aluna responde com base na sua família, utilizando o determinante possessivo “minha”. Assim, para ela, a família é “boa e fantástica”. O primeiro adjetivo dá à família a conotação de aprovação, de algo que é considerado positivo, que tem bondade, que é favorável, que cumpre os seus deveres, que é adequado, deixando antever o positivismo que envolve esta família.

Quanto ao adjetivo “fantástica”, confere à família aspectos pertencentes à fantasia, ao imaginário, ao fictício, querendo a aluna revelar que a sua família está para além do real, ultrapassando qualquer definição terrena. A família é fantástica e isso torna-se única e especial.

Ainda no 1.º questionário, a aluna faz referência ao “amor, amizade e carinho” que caracterizam a família. Três nomes que designam e nomeiam a família. Quanto ao primeiro, “amor”, a aluna percebe que, apesar dos diferentes modelos familiares, o amor entre os seus membros é essencial, pois ajuda a superar as diferenças, aceitando cada um e a sua respetiva peculiaridade.

A “amizade” surge acoplada ao “amor”, que preza a lealdade e a comunhão entre os membros da família. Compartilhar as próprias experiências e incentivar, contribui para o fortalecimento dos indivíduos, tornando-os mais aptos para enfrentar os desafios que surgem ao longo da vida. Para a aluna, estes são valores que caracterizam a sua vivência familiar.

Completando a resposta, a aluna refere o “carinho”, como um dos sentimentos a ter na família. Sentimento de ternura e afeto que deve unir os membros da família, fazendo-os estabelecer relação uns com os outros.

No 2.º questionário, não é apresentada uma resposta completa. Contudo, a aluna acrescenta ao “amor, amizade e carinho”, a “alegria”, apresentando esta como característica complementar à vivência familiar. Em família, os momentos de alegria e boa disposição são oportunidade para reforçar laços e desenvolver relações, tendo consciência de que a ideia de alegria é eminentemente pessoal (um modo de vida pode ser alegre para uns e desagradável para outros).

Nesta resposta, a aluna não utiliza o determinante possessivo “minha”. Talvez a resposta não tenha por base a sua família e as características que envolvem esta.

Nas duas respostas, a aluna realça apenas características positivas da família, deixando de parte aspectos negativos. Surge a dúvida se a aluna o terá feito por desconhecimento de causa, por alguma imaturidade ou por estar a tentar responder àquilo que lhe parece o mais acertado, apesar de não corresponder à realidade. Fica a dúvida, mas também a certeza de que nas próximas respostas surgirão novos dados que poderão colmatar estas incertezas.

2.^a pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Meus (determinante possessivo) tios	1) Mãe
2) Primos	2) Pai
3) Pais	3) Irmã
4) Irmã	4) Cadelas
5) Cadelas	5) Avós
6) Eu	6) Tios
7) Meus (determinante possessivo) pássaros	7) Tias
8) Meus (determinante possessivo) avós	8) Primos
	9) Primas
	10) Pássaros

Quadro 29 - Aluna e) *Quem faz parte da família?*

No 1.º questionário, a aluna enumera as pessoas da família pela seguinte ordem: 1.º “meus tios”; 2.º “primos”; 3.º “pais”; 4.º “irmã”; 5.º “cadelas”; 6.º “eu”; 7.º “meus pássaros” e 8.º “meus avós”. Os “pais” surgem em terceiro lugar, estando os “tios” e os “primos” em primeiro e segundo, respetivamente. Este aspeto parece revelar o papel assumido pelos tios em algum momento da vida familiar, sendo um pilar importante para a estabilidade emocional desta aluna. Os tios surgem associados ao determinante possessivo “meus”, dando a ideia de pertença. Estes pertencem à aluna, são parte da sua vida e da sua identidade.

Os “primos”, talvez filhos dos tios, são componente integrante da família, com os quais estabelece laços e partilha afinidades.

Quanto aos “pais”, é de notar que aparecem no plural, não havendo uma referência à individualidade da mãe e do pai. Querirá isto dizer que a união entre o casal é forte e permite à aluna sentir essa complementaridade? Ou a relação entre a aluna e os pais atravessa uma fase de maior distanciamento?

Em quarto lugar é referida a “irmã”, em quinto as “cadelas” e em sexto “eu”. Os animais são parte da família e, por isso, a aluna os coloca-os antes de si, sendo importantes e excelentes companheiros de brincadeiras. Neles é possível encontrar conforto e companhia.

Para além das cadelas, a aluna elenca em sétimo lugar os “meus pássaros”, mais uma vez o determinante possessivo, que indica a posse da aluna para com os animais referidos. Em último, surgem os “meus avós”, aqueles que fazem, inevitavelmente, parte da estrutura familiar. A aluna encontra neles o abrigo necessário.

No 2.º questionário, a ordem altera-se, mas, os elementos constituintes da família mantêm-se. Em 1.º a “mãe”; 2.º o “pai”; 3.º a “irmã”; 4.º as “cadelas”; 5.º os “avós”; 6.º os “tios”; 7.º as “tias”; 8.º os “primos”; 9.º as “primas” e 10.º os “pássaros”.

Nesta resposta, a “mãe” e o “pai” são elencados em primeiro, havendo o cuidado de destacar a individualidade de cada um. Importante perceber a relevância destes para a aluna, enquanto figuras que contribuem para o seu desenvolvimento pessoal e social. Os pais ajudam assim na transmissão de valores morais e éticos sólidos, contribuindo para a formação do carácter da aluna.

As “cadelas” continuam a ter um lugar de destaque, dando indicação clara do papel que ocupam na vida da aluna. Já os “avós”, passam para o meio da tabela, aspeto revelador de alguma reestruturação dos papéis de cada um dos membros da família. Também o lugar ocupado pelos “tios” e “primos” merece reflexão, uma vez que passam do primeiro e segundo lugares para o sexto e sétimo, sinal de menor intervenção por parte destes na vida familiar ou de um possível afastamento. Mas, seja como for, continuam a ser considerados elementos constituintes da família.

Para a aluna, família não é apenas um núcleo restrito, mas um grupo alargado, do qual fazem parte vários membros. A cultura de grupo encontra-se bastante interiorizada no seio desta família.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amizade	1) Amor
2) Amor	2) Amizade
3) Carinho	3) Carinho
4) Alegria	4) Ajuda
5) <u>Rir</u> (infinitivo impessoal)	
6) Saúde	

Quadro 30 - Aluna e) Que valores estão presentes na vida família?

Os valores presentes na família são a “amizade”, o “amor”, o “carinho”, a “alegria”, “rir” e a “saúde”, importantes para a estrutura familiar da aluna. Ter na família exemplos de amizade, amor e carinho é essencial para criar relações afetivas e de afinidade entre os membros da família, possibilitando à aluna desenvolver aspetos de carácter emocional e

social.

A alegria reflete a capacidade de cada um exteriorizar sentimentos positivos e de agrado para com determinada situação. Para a aluna, este é um valor significativo, pois implica boa disposição e disponibilidade para estar com o outro. Associado a este valor está o verbo “rir”, no infinitivo impessoal, não havendo um sujeito definido para a ação indicada. Logo, qualquer elemento da família pode assegurar este feito e ser responsável por proporcionar momentos de diversão e desconcentração aos outros.

A aluna acrescenta a “saúde” como elemento necessário para a vivência familiar, enquanto estado de completo bem-estar físico, mental e social, havendo associação direta com o estilo de vida dos membros da família, devendo estes perceber quais os comportamentos que devem adotar. A saúde surge na resposta não como valor, mas como algo essencial e necessário para que tudo o resto se desenvolva *a posteriori*. Tendo saúde, os membros da família conseguem dar resposta a outros desafios e problemáticas.

No 2.º questionário, mantém-se valores como o “amor”, “amizade” e “carinho” e acrescenta-se o valor da “ajuda”. Este pode ser interpretado enquanto forma de favorecer, facilitar ou contribuir para que outrem faça alguma coisa. A ajuda requer a presença de outro, outro que se compromete e se disponibiliza a estar e a dar-se. Nesta família é possível que tenha sido um valor que se foi desenvolvendo e interiorizando como relevante e necessário.

Estar para o outro requer tempo e “treino”. Estes dois pontos foram, possivelmente, trabalhados até se tornarem presentes no quotidiano desta aluna.

À família cabe a tarefa de educar e formar para a vida. Neste sentido, a criança que desenvolve desde pequena, valores como o “amor”, “amizade”, “carinho” e “ajuda” tem futuramente a capacidade de aceitar e acolher as diferenças dos outros, vendo nestas, possibilidade de aprendizagem e relação.

4.ª pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
Bonito	Amor e carinho

Quadro 31 - Aluna e) O que é viver em família?

Do 1.º para o 2.º questionário é perceptível uma evolução na resposta. A aluna apreendeu os conteúdos e amadureceu a temática, deixando de ser apenas “bonito” viver em família

para uma vivência que requer valores como o “amor e carinho”. Também na análise da questão anterior é possível observar estes dois valores. O destaque que a aluna lhes confere é significativo, revelando assim a importância do amor e carinho na relação entre os membros da família, tendo a noção de que sem estes não é possível criar alicerces que mantenham a família estável e unida.

A expressão utilizada no 1.º questionário, “viver em família é bonito”, é reflexo de alguma imaturidade, pois a aluna associa à família uma característica pouco significativa. Ainda assim, pode mencionar-se que a família é, para a aluna, uma agradável surpresa, na qual se sente integrada e totalmente apoiada, onde existe espaço para desenvolver características individuais e de grupo. A forma como os membros da família vivem e interagem é aprovada pela aluna.

5.ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Família que alimenta bem os seus filhos e família	É uma família

Quadro 32 - Aluna e) O que é uma família saudável?

Quanto à questão n.º 5, não foi possível apresentar uma análise coerente e precisa, uma vez que a aluna deixou a pergunta do 2.º questionário incompleta e no 1.º questionário não percebeu o sentido da pergunta, dando uma resposta relacionada com a alimentação. Este aspeto realça, mais uma vez, a imaturidade da aluna relativamente a assuntos como este da família.

Aluno f)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Ser</u> (infinitivo impessoal) <i>feliz</i> (adjetivo) <u>Cuidar</u> (infinitivo impessoal) <u>Ajudar</u> (infinitivo impessoal)	<u>Viver</u> (infinitivo impessoal) todos <i>juntos</i> (adjetivo) <u>Serem</u> (infinitivo pessoal) <i>respeitado</i> (adjetivo) com amor, carinho e amizade

Quadro 33 - Aluno f) O que é para ti a família?

No 1.º questionário, a aluna refere que a família é “ser feliz, cuidar e ajudar”. Utiliza três

verbos significativos, “ser”, “cuidar” e “ajudar”. Estando estes no infinitivo impessoal, referem-se a uma ideia genérica, sem sujeito determinado, ou seja, não estão relacionados a nenhum indivíduo concreto, podendo qualquer membro da família assumir as ações referidas.

Olhando mais especificamente para cada um dos verbos, é possível verificar que o verbo “ser”, neste caso, serve para ligar o sujeito (família) à característica que lhe é atribuída (feliz), realçando a capacidade de a família estar, ficar ou se tornar feliz, exprimindo a realidade vivida pela família.

Ao verbo “cuidar” está associado o tratar de, ter cuidado em, interessar-se por, responsabilizar-se por, prestar atenção a, envolvendo sempre o outro e a forma como se deve estar atento aos que nos rodeiam. Este verbo exige carinho e atenção para estar e fazer parte da vivência da pessoa. Quem ama, cuida. No seguimento do verbo “cuidar”, a aluna refere o verbo “ajudar”. Para além do cuidado que se deve ter com a família, é conveniente estar atento e perceber quando e quem precisa de ajuda. Sabendo que, a ajuda requer capacidade para “sair de si” e ir ao encontro do outro, das suas potencialidades e fragilidades, contribuindo para que o outro desenvolva ações propícias a solucionar problemas/desafios. Este tipo de ação obedece normalmente a um sentimento altruísta e de generosidade.

A definição de família, desta aluna, é elencada por diversas ações, que dão a conhecer o que a família é e o que faz.

O adjetivo “feliz” é acompanhado pelo verbo “ser” dando a entender a felicidade que faz parte da família e que caracteriza esta, felicidade que culmina na realização pessoal e familiar.

No 2.º questionário, a aluna destaca a vivência em conjunto, onde há respeito, amor, carinho e amizade. Nesta resposta, o verbo “viver”, no infinito impessoal, aponta para uma ação genérica, sem sujeito definido. Sendo responsabilidade de toda a família encontrar aspetos que os mantenham unidos.

Quanto ao verbo “ser”, é apresentado no infinitivo pessoal, “serem”, fazendo referência à 3.ª pessoa do plural. “Eles” que fazem parte da família, são responsáveis por se fazerem respeitar e por respeitarem os outros. Aqui, a aluna revela o quanto é importante todos os membros da família terem um papel ativo na construção de laços afetivos e de valores orientadores.

Os adjetivos utilizados pela aluna são “juntos” e “respeitados”, ambos no plural,

indicando, mais uma vez, a responsabilidade de todos os membros e classificando a família positivamente como aquela que tem capacidade para viver em conjunto e onde é possível serem respeitados e aceites tal como são. Para completar a resposta, a aluna descreve a família através de três atributos, “amor”, “carinho” e “amizade”. A sua família estabelece com os membros uma ligação afetiva, que os induz a aproximarem-se, protegerem-se ou a conservarem as relações que têm, desenvolvendo entre eles sentimentos de ternura, entendimento, concordância e simpatia.

Parece ter havido uma evolução do 1.º para o 2.º questionário, onde, através da sua experiência pessoal e familiar, a aluna deu a conhecer o que é para si a família.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Mãe	1) Avós
2) Pai	2) Pais
3) Avós	3) Primos
4) Netos	4) Tios
5) Irmãos/ãs	5) Filhos
6) Primos/as	6) Animais (cães e peixes)
7) Tios/as	
8) Eu	

Quadro 34 - Aluna f) Quem faz parte da família?

A aluna elenca os seguintes elementos como constituintes da família: “mãe”, “pai”, “avós”, “netos”, “irmãos/ãs”, “primos/as”, “tios/as” e “eu”. A ordem apresentada tem por base a noção de família alargada. A mãe e o pai são os elementos de destaque e sobre eles recai a responsabilidade de educar e cuidar as crianças, dotando-as de instrumentos adequados para viverem em sociedade, favorecendo as suas experiências, estimulando a curiosidade de conhecer e agir, desenvolvendo o sentido crítico, ajudando a criança a ter respeito por si e pelos outros. Os avós são parte integrante neste processo educativo, surgindo em terceiro lugar, com a função de ajudar os pais nos cuidados a dar às crianças e reforçar laços com estas. A cumplicidade entre avós e netos é de extrema importância para o equilíbrio emocional da criança. Avós significam enriquecimento familiar, perpetuação da história, oportunidade de aprender a relacionar-se, experiência social, ampliação do vocabulário, estímulo para a aprendizagem.

Os irmãos surgem em quinto lugar, deixando transparecer algumas fragilidades na relação. É possível que os momentos entre irmãos não sejam muitos e que a relação se apresente pouco sólida.

Os primos e os tios são família e, provavelmente, complementam e ajudam a estruturar esta. Mais uma vez, surge a noção da cultura de grupo, que oferece abrigo, afeto e cuidados adequados à fase de desenvolvimento dos seus membros.

Por fim, a aluna faz referência a si própria, demonstrando o lugar que ocupa na família. É possível analisar este de duas formas: a aluna tem o seu lugar na família e tem consciência disso ou a aluna coloca a hipótese de, na família ser a que tem o papel mais irrelevante e de, por vezes, não ser “vista” pelos restantes membros.

No 2.º questionário, a ordem altera-se, os avós passam para o primeiro lugar, os pais para segundo, os primos para terceiro, os tios para quarto, os filhos para quinto e por último, os animais. A que se deve esta reestruturação? É possível que a intervenção dos avós tenha sido necessária para reorganizar alguns aspetos familiares, que através da ajuda destes se tenham criado novas ligações, permitindo um vínculo mais forte entre a aluna e os avós.

Se no 1.º questionário, os irmãos surgiam em quinto lugar, no 2.º questionário não são elencados, havendo um possível distanciamento entre eles, seja ao nível de interesses, seja a nível físico.

O espaço de tempo entre a realização do 1.º questionário e o 2.º pode justificar as alterações assinaladas anteriormente, tendo havido a possibilidade de a família sofrer diversas alterações na sua constituição, estrutura, atribuição de papéis.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor 2) Carinho 3) Amizade	1) Amor 2) Amizade 3) Carinho 4) Respeito 5) Harmonia

Quadro 35 - Aluna f) Que valores estão presentes na vida família?

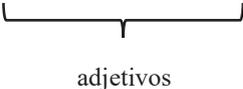
Do 1.º para o 2.º questionário mantém-se valores como o “amor”, o “carinho” e a “amizade”, significativos para a aluna, pois representam a ligação afetiva, a dedicação e a

cumplicidade entre os membros da família.

No 2.º questionário são acrescentados os valores do “respeito” e da “harmonia”. O primeiro refere-se a uma atitude de valorização e de reconhecimento do outro. Para a aluna, respeitar e ser respeitada passou a ser parte integrante dos valores familiares. A capacidade de esta reconhecer este valor, revela maturidade e apreensão de alguns dos conteúdos abordados na Unidade Letiva 3, do 5.º ano. Quanto ao segundo valor apresentado, a “harmonia”, representa para a aluna a possibilidade de entendimento entre as pessoas. Estando diariamente presente na família, traz às crianças, estabilidade emocional e a hipótese de se relacionarem com os outros de forma adequada.

Tendo a aluna consciência de que todos têm algo a melhorar na família, a harmonia é vista como valor fundamental para o bem-estar desta e conseqüentemente traz benefícios à educação e ao desenvolvimento das crianças.

4.ª pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Estar</u> (infinitivo impessoal) em família	<u>Ser</u> (infinitivo impessoal)
<u>Ficar</u> (infinitivo impessoal) feliz	<i>respeitado, ajudante, carinhoso, etc</i>
<u>Sorrir</u> (infinitivo impessoal) em família	 adjetivos

Quadro 36 - Aluna f) O que é viver em família?

No 1.º questionário, viver em família implica “estar em família, ficar feliz, sorrir em família”. É possível encontrar três verbos no infinitivo impessoal, não havendo qualquer referência ao sujeito que pratica a ação, podendo qualquer membro da família “estar, ficar e/ou sorrir”.

A aluna opta por conotar a família através de ações que implicam o “estar”, ou seja, a capacidade de se envolver com outros e se tornar presente nos momentos de maior e menor importância. “Estar para” ou “estar com” implica disponibilidade e reconhecimento do outro como parte do “eu” e do “nós”; o “ficar” indica a possibilidade de os membros da família permanecerem felizes, tornando-os responsáveis pelos gestos e ações que levam à realização, satisfação de cada um; o “sorrir” reforça a ação anterior, havendo a necessidade de, em família, desenvolver momentos que tragam a felicidade conjunta, que permitam maior coesão

e relação entre os elementos que constituem a família.

A família é adjetivada como “feliz”, reportando para uma vivência agradável, positiva e de realização quer a nível pessoal quer a nível social.

Enquanto no 1.º questionário havia uma preocupação com a forma como a família vive com o outro e para o outro, no 2.º questionário existe uma clara referência ao sujeito e à sua individualidade. Veja-se que a aluna refere que viver em família é “ser respeitado, ajudante, carinhoso, etc”. Estar na família não é apenas fazer parte e ser mais um, mas é encontrar o seu espaço, fazendo-se respeitar, ajudando e sendo carinhoso.

Talvez o desenvolvimento emocional da aluna a tenha levado a afirmar algumas das suas características, tornando-a mais virada para si e para as suas necessidades. Esta aluna, em termos de idade cronológica, é a mais velha, estando numa fase de desenvolvimento diferente dos colegas da turma, aspeto que pode justificar a resposta apresentada.

A procura do ser e da identidade torna-se imprescindível para que consiga dar resposta ao “quem sou eu?”. É um ser em construção, que procura nos pares aspetos com os quais se identifica, sem descuidar os exemplos familiares que a envolvem. Na família procura o respeito, ou seja, que os membros desta a tenham em consideração e reconheçam nela qualidades inerentes; procura ajudar e ser ajudada, revelando o papel ativo que quer assumir na família, contribuindo para que outrem faça alguma coisa; e procura ser carinhosa, realçando a importância dos afetos na vida familiar, sendo responsável por dar e também receber estes, carinho que se manifesta através de uma relação de amor e cuidado para com o outro.

A frase termina com “etc”, deixando no “ar” a possibilidade de acrescentar à vivência familiar outros aspetos.

5.ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Ajudar</u> (infinitivo impessoal) a família sempre (advérbio de tempo) que <u>precisam</u> (presente do indicativo)	<u>Ter</u> (infinitivo impessoal) muito (advérbio quantidade e grau) amor, amizade e carinho

Quadro 37 - Aluna f) O que é uma família saudável?

O conceito de família saudável surge no 1.º questionário associado à ajuda entre os familiares, sempre que for preciso. O verbo “ajudar” é empregue no infinitivo impessoal, não

tendo sujeito adjudicado à ação, podendo qualquer um dos membros da família ser responsável por tais atos. Espera-se que na família haja capacidade para ajudar sempre que seja necessário. O advérbio de tempo “sempre”, acrescenta informação circunstancial temporal à frase, indicando que em todos os momentos, e de forma contínua e constante, a família deve estar disponível para os seus membros, sobretudo quando estes precisam, tendo a noção de que confiar no outro é acabar com as incertezas, facilitando o relacionamento pessoal. A abertura ao outro traz a possibilidade de autoconhecimento e o fortalecimento de laços.

No 2.º questionário perde-se a noção de “ajudar” o outro para dar lugar ao “ter”. Ter, não no sentido material, mas afetivo e emocional, desenvolvendo na aluna a ideia de posse e de algum egocentrismo. Na análise das respostas anteriores, verificou-se este aspeto que, muito provavelmente, se prende com a fase de desenvolvimento em que a aluna se encontra, a pré-adolescência.

O “ter” é acompanhado do advérbio de quantidade e grau “muito”, evocando assim uma “quantidade” indeterminada de amor, amizade e carinho presentes na família. Para a aluna, uma família saudável deve desenvolver sentimentos que aproximam, protegem e conservam a relação entre os membros da família, sendo assim possível estreitar laços de afetividade, de afinidade e de respeito uns com os outros. O advérbio utilizado indica que esses sentimentos devem ser trabalhados e valorizados no seio familiar. É significativa esta mudança do 1.º para o 2.º questionário, onde se realça a importância do “ter”.

Aluno g)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
<i>Melhor</i> (adjetivo) coisa que <u>pode</u> (presente do indicativo) <u>haver</u> (infinitivo impessoal) no mundo	A fraternidade e <u>é</u> (presente do indicativo) o meu (determinante possessivo) mundo

Quadro 38 - Aluna g) O que é para ti a família?

Para a aluna, a família é a “melhor coisa que pode haver no mundo”. Analisando a frase na sua generalidade, é possível afirmar que a família está acima de todas as outras coisas, que esta confere à aluna tudo o que esta necessita, não havendo no mundo grupo que se compare.

O adjetivo “melhor” acompanha o nome “coisa”, deixando no “ar” alguma ambivalência, sabe-se que há algo que é definido como o mais importante, mas a aluna não identifica o sujeito. No entanto, essa “coisa” apresenta-se como essencial e única no mundo, atribuindo-lhe um enorme valor e sentido. Penso que nesta “coisa” se subentenda “família”.

O verbo “pode” no presente do indicativo revela uma ação que ocorre no exato momento em que é narrada. Já o verbo “haver” encontra-se no infinitivo impessoal, dando um sentido genérico ou indefinido à frase. Os dois representam um valor modal, ou seja, “poder” é o verbo auxiliar e “haver”, o verbo principal. Tendo em conta estes aspetos, é possível afirmar que a aluna vê na família a possibilidade de esta ser a “melhor coisa que pode haver no mundo”.

No 2.º questionário, a família é a “fraternidade” e é o mundo da aluna. Nesta resposta surge um dos termos trabalhados na Unidade Letiva 3, do 5.º ano. A família enquanto elemento de ação fraterna que promove o amor e o afeto em relação ao outro, onde está presente a boa convivência e harmonia. Na família aprende-se a viver a pertença e a estabelecer uma ligação comum, que leva ao projeto de amor.

A aluna identifica na sua família um conjunto de lealdades invisíveis que unem as diversas gerações, dando-lhes tarefas e dádivas.

Ao termo “fraternidade”, a aluna acrescenta “é o meu mundo”. A família “é”, presente do indicativo do verbo ser. A família confere aos seus membros a possibilidade de serem e desenvolverem a sua identidade em grupo. A pertença fortifica os laços e as relações.

O determinante possessivo “meu” reforça o sentir da aluna quanto à família. Esta é o seu mundo, sem a qual é-lhe impossível perceber a realidade e encontrar sentido para a vida, termo conotado de grande relevância e, ao mesmo tempo, dependência. Se pensarmos na grandeza do mundo, percebemos o que a aluna sente relativamente à família.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Mãe	1) Mãe
2) Pai	2) Pai
3) Irmão	3) Irmão
4) Tio Bé	4) Tia
5) Tia Joana	5) Tio
6) Prima Iara	

7) Prima Bruna	6) Primo
8) Primo Martim	7) Primos
9) Avô	8) Avô
10) Avó	9) Avó
...	

Quadro 39 - Aluna f) Quem faz parte da família?

Nos dois questionários, a aluna elenca primeiramente a “mãe”, o “pai” e o “irmão”, ou seja, a família nuclear, aqueles com quem vive e que lhe transmitem os valores essenciais à vida, garantindo assim a sua integração sociocultural e o desenvolvimento psicoafectivo. A aluna reconhece nestes três membros da família uma relevância significativa para o seu crescimento.

No 1.º questionário, os “tios” e os “primos” fazem-se acompanhar dos respetivos nomes, dando-lhes assim uma identidade e um papel específico na envolvência familiar. O facto da aluna os nomear confere-lhes dignidade, importância. No entanto, no 2.º questionário, são apenas elencados os parentescos sem referência aos nomes destes, devido a uma possível generalização, sem atribuição específica de um papel.

O “avô” e a “avó” são mencionados como parte da família, aqueles que ensinam a criança a valorizar e a respeitar o que estes têm para oferecer. Através dos avós, compreende a importância do amor, da família e do legado da sua própria família. Por entre brincadeiras e momentos de seriedade, estes ajudam a criança a desenvolver a personalidade e a construir o futuro. É com os avós que a criança começa a entender o mundo e a ver-se a si própria de uma determinada forma. Uma relação construída com base no amor, de onde saem ensinamentos e conselhos para a vida.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Educação	1) Amizade
2) Amor	2) Carinho
3) Amizade	
4) Felicidade	
5) Alegria	

Quadro 40 - Aluna f) Que valores estão presentes na vida familiar?

No 1.º questionário, os valores familiares são: “educação”, “amor”, “amizade”,

“felicidade” e “alegria”. A aluna apresenta, contrariamente ao que a sociedade promove, a família como principal responsável pela educação das crianças. Tal é importante para a convivência em sociedade, uma vez que é na família que se inicia a vivência em grupo e é nesta que as crianças observam comportamentos, comparam comportamentos e formam conceitos, conceitos internos e externos, aprendidos e, alguns, rejeitados.

Outro valor referido é o “amor”, fundamental para desenvolver e estreitar laços entre os membros da família. Com amor, tudo se torna mais leve e exequível de enfrentar. Assim sendo, é possível afirmar que este valor é imprescindível para a aluna, levando-a a sentir-se protegida pelas pessoas que a envolvem.

A “amizade” vem no seguimento do amor, enquanto sentimento de afeição e simpatia recíprocas entre os elementos da família. O cultivo da amizade está intimamente relacionado com dois objetivos: aprender a querer bem as outras pessoas e aprender a conviver. Assim, a influência do ambiente familiar é decisiva para o desenvolvimento do comportamento social e dos hábitos de amizade, uma vez que a família continua a ser o principal agente de socialização da criança.

A “felicidade” e a “alegria” são enunciadas como valores familiares, abrindo a possibilidade de encontrar na família aspetos que contribuam para um maior bem-estar e satisfação. Na família, os pais pretendem transmitir conhecimentos que possam ser saberes capazes de dar sabor e novo sentido à existência. Da família depende em grande parte a felicidade e o bem-estar.

No 2.º questionário, a aluna apenas refere a “amizade” e acrescenta o “carinho”. Desaparecem os valores da educação, do amor, da felicidade e da alegria. A que se deve este facto? Há possibilidade de serem valores enraizados de tal forma que se considerem perfeitamente naturais e comuns? Ou a aluna dá especial destaque à amizade e ao carinho, esquecendo os restantes valores? De qualquer forma, é importante analisar e refletir sobre esta amizade, sinal de entendimento e afinidade entre os membros da família e o carinho, que surge como possibilidade emocional, afetiva e relacional. Sendo este uma manifestação de solidariedade, compaixão e atenção, a troca de carinho é essencial para o equilíbrio emocional do ser humano.

A aluna encontra, assim, na família, o equilíbrio emocional necessário para desenvolver relações extrafamiliares e traçar objetivos que lhe permitam a realização pessoal.

4.ª pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Viver</u> (infinitivo impessoal) feliz	União
<u>Dar</u> (infinitivo impessoal) carinho	Amor
<u>Estar</u> (infinitivo impessoal) sempre (advérbio) feliz	Fraternidade Carinho

Quadro 41 - Aluna g) O que é viver em família?

Viver em família é, para a aluna, “viver feliz, dar carinho e estar sempre feliz”. São utilizados três verbos, “viver, dar e estar” no infinitivo impessoal, não havendo um sujeito definido para realizar a ação, podendo esta ser praticada por qualquer um dos membros da família.

É explorada a possibilidade de definir a família através das suas vivências, sendo estas felizes e positivas. Não são referidos aspetos menos positivos, dando uma ideia pouco real de família. Uma vez que o conflito e os contratempos são parte da vivência pessoal e social, é inevitável que surjam. O facto de não serem mencionados revela algum desconhecimento ou imaturidade emocional da aluna.

Quanto à frase “dar carinho”, expõe a vontade de ser a responsável neste processo, ou seja, de ser ela quem dá, quem gera, quem dedica afeto ao outro, dando a ideia de que é mais importante dar do que receber, porque quando dá já se sente recompensada pelo seu gesto. A envolvência e compromisso da aluna para com a família é notória e significativa, fazendo todo o sentido dedicar-se ao outro e encontrar no outro o abrigo necessário.

“Estar sempre feliz”, mais do que uma realidade, é uma vontade, um desejo, que revela pouca aptidão para lidar com a tristeza e a frustração. Uma vida sempre feliz implicaria apenas aspetos positivos, não dando a possibilidade de esta crescer. Tendo a aluna 10 anos, o confronto e o conflito são assustadores e requerem maturidade na resolução, por isso é para esta mais fácil colocá-los “de parte” e ambicionar a felicidade permanente.

O advérbio “sempre” transmite a ideia de uma felicidade em todo o tempo e em todos os momentos, conferindo a esta um carácter continuado, estável e firme, que não se coaduna com a realidade. A felicidade é subjetiva e efémera. Estar feliz corresponde a um estado passageiro.

No 2.º questionário, viver em família é descrito através dos seguintes atributos: “união, amor, fraternidade e carinho”, termos desenvolvidos na Unidade Letiva 3, do 5.º ano. Assim,

a união surge como primórdio para manter a família em relação. Estar com o outro e para o outro possibilita o estreitamento de laços, laços que permanecem dia após dia e que permitem estabilidade e segurança a quem os desenvolve.

O amor genuíno presente na família é gerador de confiança e vida. É na família que se encontra a maior manifestação de amor, é com estes que se dividem dificuldades, tristezas, angústias, conquistas, vidas. O amor torna possível a fraternidade, que tende a desenvolver entre os membros da família laços de união, que têm por base o respeito pela dignidade da pessoa e a igualdade de direitos. A família é o lugar original da experiência da fraternidade, onde se reconhece o outro, como irmão. Na família, a aluna aprende a viver o valor da pertença, havendo uma ligação comum ao projeto de amor.

O “carinho” apresenta-se como manifestação visível do amor, através do qual se fortificam laços e criam relações duradouras.

Do 1.º para o 2.º questionário, a vida familiar perde a componente ativa, na qual estão envolvidos os seus membros, para dar lugar a uma reflexão baseada nos sentimentos e valores associados à família.

5.ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Unida e uma família feliz	<u>Compartilhar</u> (infinitivo impessoal) Fraternidade União

Quadro 42 - Aluna g) O que é uma família saudável?

A noção de família saudável apresentada no 1.º questionário espelha a união e a felicidade, dois aspetos fundamentais para a aluna, como já se viu nas análises anteriores. Ela tem a plena noção de que o apoio e a relação entre os membros da família são a principal causa da felicidade e que esta, apesar de subjetiva, proporciona um ambiente agradável e de grande bem-estar.

No 2.º questionário surge o termo “compartilhar”, ou seja, espera-se que os membros da família tenham capacidade para participarem e partilharem, envolverem e deixarem-se envolver nos momentos, vivências e experiências dos restantes familiares. Compartilhar implica dar-se ao outro, sem esperar nada em troca. Sendo a família o primeiro grupo que transmite este valor à criança, recai sobre aquela a responsabilidade de o dar a conhecer,

levando a criança a assumir um papel ativo na interação com o próximo. Mais uma vez, surgem a fraternidade e a união enquanto valores essenciais e constituintes da família saudável, revelando a importância destes para a aluna.

Aluno h)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
É o que me <u>faz</u> (presente do indicativo) <u>viver</u> (infinitivo impessoal) porque <u>são</u> (presente do indicativo) as pessoas mais importantes do mundo e eu não as <u>quero</u> (presente do indicativo) <u>perder</u> (infinitivo impessoal)	É (presente do indicativo) o meu apoio É (presente do indicativo) o meu pilar É (presente do indicativo) o meu coração ↓ Determinante possessivo

Quadro 43 - Aluna h) O que é para ti a família?

A definição de família apresentada no 1.º questionário está repleta de emoções e afetos. A aluna afirma que a família é a força que a “faz viver” e sem a qual tudo se tornaria mais difícil. O verbo “faz”, no presente do indicativo, remete para a permanente responsabilidade da família em relação ao viver da aluna. É por ela e com ela que as vivências se tornam menos pesadas. Acrescenta e justifica este facto dizendo que “são as pessoas mais importantes do mundo”. Recorre ao termo “mundo” para transmitir a grandeza dos seus afetos relativamente às pessoas da sua família. Esta imagem deixa transparecer a importância destes no momento presente. O verbo “são” no presente do indicativo coloca a ação no exato momento em que a aluna a descreve. Completa dizendo “e eu não as quero perder”, sendo esta uma ideia que assusta a aluna, mas que poderá justificar os aspetos mencionados anteriormente. Esta noção de uma possível perda demonstra a capacidade reflexiva da aluna, que percebe claramente que a sua vida depende destas pessoas e que sem elas a sua vivência familiar seria, certamente, diferente. A tomada de consciência de que a perda faz parte da vida, possibilita à aluna encarar a realidade de forma amadurecida e consciente, fazendo-a perceber que não deve desperdiçar o tempo e que cada instante é irrecuperável, devendo ser aproveitado ao máximo.

No 2.º questionário a ideia de família é acompanhada do determinante possessivo “meu”. A família pertence à aluna e a aluna, por sua vez, pertence à família. Esta relação de posse

deixa antever a necessidade que a aluna sente face à família. O determinante “meu” faz-se acompanhar de atributos como “apoio, pilar e coração”. A família é o suporte emocional e social da aluna. A comparação feita com o coração é crucial para se perceber a dimensão atribuída ao termo família. A família revela-se essencial para a vida da aluna e para a forma como esta vivencia os sentimentos e emoções. Ao coração associam-se os aspetos emocionais, por isso a família é definida como “o meu coração”, o mais precioso e valioso.

2.^a pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Mãe	1) Mãe
2) Pai	2) Pai
3) Manas	3) Manas
4) Primos	4) Primos
5) Tias	5) Tios
6) Tios	6) Tias
7) Avós	7) Avós
	8) Cães

Quadro 44 - Aluna h) Quem faz parte da família?

Para esta aluna, a constituição familiar mantém-se do 1.º para o 2.º questionário. São elencados os seguintes elementos: “mãe”, “pai”, “manas”, “primos”, “tias”, “tios” e “avós”. Este aspeto revela estabilidade entre os membros de parentesco consanguíneo e os de parentesco por afinidade.

As relações entre os membros da família tendem a desenvolver-se e manter-se, possibilitando a cada um descobrir o seu espaço, tendo em vista a sua individualidade e simultaneamente a convivência em grupo.

No 2.º questionário, a aluna acrescenta os “cães” à estrutura familiar. Com estes é possível desenvolver uma relação de cumplicidade, ternura, diversão, afeto e responsabilidade. Esta relação traz benefícios psicológicos, fisiológicos e ao nível da socialização.

3.^a pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor	1) Amor
2) Cumplicidade	2) Lealdade

3) Carinho 4) Humildade	3) Carinho
----------------------------	------------

Quadro 45 - Aluna h) Que valores estão presentes na vida família?

Os valores presentes na vida familiar são: “o amor, a cumplicidade, o carinho e a humildade”. A aluna retrata estes como aspetos essenciais para o bem-estar familiar. O amor implica envolvimento emocional, cuidado, respeito e devoção, requer o permanente estar com outro e para o outro. A cumplicidade reforça esta capacidade de dedicação, interajuda, harmonia, companheirismo e entendimento. O carinho é, por sua vez, uma manifestação de solidariedade, compaixão, afeto e atenção que é desenvolvida entre os membros da família.

Os três valores referidos anteriormente proporcionam à família relações fortes, com base nos afetos.

A humildade exige a capacidade de reconhecer os próprios erros, assumindo-os e agindo com simplicidade. A humildade coloca todos no mesmo nível de dignidade, de cordialidade, de respeito e de honestidade, onde ninguém é pior ou melhor do que os outros.

Tendo em conta os valores enunciados, a aluna deixa transparecer vivências familiares bastante enriquecedoras e providas de valores construtivos, sendo possível encontrar uma família atenta ao outro e dotada de instrumentos que permitam o desenvolvimento emocional, psicológico, físico e social dos seus membros.

No 2.º questionário mantém-se o amor e o carinho, deixando de ser mencionados os valores da cumplicidade e da humildade, para dar lugar à lealdade. O crescimento em família possibilita a mudança e o desenvolvimento a todos os níveis. Só assim é possível explicar os valores agora elencados. Para a aluna, o amor e o carinho são estruturas afetivas que lhe permitem uma vivência familiar construtiva e positiva.

Quanto à lealdade, assume agora um lugar importante, lembrando aos membros da família que a responsabilidade, a honestidade, a retidão, a honra e a decência são fulcrais para desenvolver o espírito de grupo e de pertença. A lealdade é encarada como uma virtude que se desenvolve conscientemente e que implica compromisso, ainda que seja perante circunstâncias em mudança ou adversas.

A aluna amadurece a ideia de família e, por sua vez os valores essenciais que devem constar nas vivências familiares, valores que têm referências afetivas e que, simultaneamente, apelam à retidão.

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
Uma coisa feliz porque sem ela quem <u>era</u> (pretérito imperfeito do indicativo) eu	Comunidade de amor

Quadro 46 - Aluna h) O que é viver em família?

A aluna refere que viver em família “é uma coisa feliz porque sem ela quem era eu”. A família, *a priori* é vista como uma “coisa”, sendo-lhe dada uma conotação pouco relevante, mas dando continuidade à frase é possível perceber que é a família quem dá significado à vida da aluna e que a dota de identidade e sentido.

Torna-se perceptível a questão da busca do “eu”. A aluna justifica a necessidade da vivência familiar para encontrar a sua identidade. Uma visão egocêntrica, perfeitamente adequada ao estágio de desenvolvimento da criança. Os outros existem para dar resposta às suas necessidades. O verbo “era”, no pretérito imperfeito do indicativo, reforça este aspeto, pois refere-se a um facto ocorrido no passado, mas que não foi completamente terminado, expressando assim, a ideia de continuidade e de duração no tempo.

Na frase também, é possível perspetivar a importância da família, que preenche a vida da aluna e a torna verdadeiramente feliz, sendo difícil a aluna imaginar uma vida feliz sem a presença daquela.

No 2.º questionário, perde-se a visão egocêntrica da vivência familiar e esta passa a ser experienciada enquanto “comunidade de amor”, aspetos trabalhados ao longo da Unidade Letiva 3, do 5.º ano e que a aluna teve capacidade para encontrar na sua família.

A família, que vive em comunidade, estabelece laços e proporciona aos outros um espaço de afeto, no qual se desenvolvem relações que tendem a ser estáveis e que têm por base o amor. Na família é vivida a experiência do acolhimento dos outros tal como eles são, aprendendo-se a amar e a respeitar as diferenças de cada um.

5.^a pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Unida (adjetivo), amada (adjetivo), <u>ajudam</u> (presente do indicativo) uns aos outros. O mais (advérbio) importante na minha (determinante possessivo) família <u>é</u> (presente do indicativo) a	Que <u>dá</u> (presente do indicativo) tudo (pronomes indefinido) o que <u>tem</u> (presente do indicativo)

humildade	
-----------	--

Quadro 47 - Aluna h) O que é uma família saudável?

A aluna inicia a resposta utilizando dois adjetivos que classificam positivamente a família saudável, “unida e amada”, dando a noção de que uma família deve permanecer unida, independentemente das contrariedades e que o amor deve ser o sentimento que prevalece e reforça os laços afetivos.

Família saudável são também aqueles que se “ajudam uns aos outros”, que enfrentam as adversidades em conjunto e não hesitam em dar de si e do seu tempo ao outro.

A forma verbal “ajudam” encontra-se no presente do indicativo, colocando a ação no exato momento em que é descrita. A ajuda é uma realidade na vivência familiar desta aluna.

A definição prossegue com “o mais importante na minha família é a humildade”. O advérbio “mais” acompanha o adjetivo “importante” e reforça a presença do valor da humildade na família. A humildade não é apenas importante é “o mais importante”, ou seja, está acima de qualquer outro valor. A aluna reforça também a posse sobre a família, utilizando o determinante possessivo “minha”, para que não haja dúvidas que se refere à sua família.

No 2.º questionário, família saudável é aquela “que dá tudo o que tem”. A definição apresentada faz menção ao presente, descrevendo ações que se praticam na família da aluna. Por isso, são utilizadas formas verbais como “dá” e “tem” no presente do indicativo, reforçando assim a ideia anteriormente apresentada.

O termo “tudo” refere-se à família, esta para ser saudável deve dar tudo o que tem. O pronome indefinido remete para a totalidade do que existe, o que é essencial. Assim, a família é responsável por partilhar com os seus membros aquilo que obteve. O verbo “ter” pode implicar a posse de bens materiais e/ou valores. Neste caso, fica a dúvida a qual dos dois se refere a aluna.

Aluno i)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Sem a minha (determinante possessivo) família eu não <u>existia</u> (pretérito imperfeito do indicativo),	<u>Proteger</u> (infinitivo impessoal) do mal, <u>são</u> (presente do indicativo) muito (advérbio) bons

a minha (determinante possessivo) <u>é</u> (presente do indicativo) <i>boa</i> (adjetivo) para mim	para mim, <u>ajudam-me</u> (presente do indicativo) nos momentos mais (advérbio) difíceis
---	--

Quadro 48 - Aluno i) O que é para ti a família?

Para o aluno a sua existência deve-se essencialmente à família. Sem ela, não era possível subsistir. Este é um facto que deixa transparecer a importância da família no quotidiano e na vida do aluno. A sua resposta é assente na realidade que conhece e da qual é parte integrante. A utilização do determinante possessivo “minha”, que antecede o termo “família”, revela a relação de posse e dependência para com esta.

Quanto ao verbo “existia”, encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo, assinalando uma ação passada, mas não concluída, transmitindo a ideia de continuidade e duração. Existência que teve início na família e tem continuidade na família, com a família e para a família. O aluno acrescenta que a família “é boa” para ele. O adjetivo utilizado revela que a família tem bondade, é adequada, favorável e acima de tudo cumpridora dos seus deveres.

No 2.º questionário, a visão existencial da família desaparece para dar lugar a ações que efetivamente são concretizadas pelos membros da família, tais como: “proteger do mal” e a ajuda nos momentos mais difíceis. Surge a noção do mal e a necessidade de a família o proteger de eventuais desaires. Na família encontra o conforto e a segurança necessária para fazer frente aos males do mundo. Também da família vem a ajuda, o auxílio para os momentos mais complicados. O advérbio “mais” reforça a dificuldade encontrada nos momentos, que não são apenas difíceis, mas “mais difíceis”, tornando a intervenção da família absolutamente imprescindível, uma vez que a família surge como o grupo que detém os instrumentos adequados para fazer frente a situações-problema.

A forma verbal “ajudam-me”, no presente do indicativo, coloca a ação no momento enunciado e, faz desta algo recorrente. É habitual, a família desenvolver ações de interajuda.

A ideia de que a família é boa para o aluno mantém-se, sendo reforçada pelo advérbio “muito”, que deixa transparecer o conforto que o aluno sente em ambiente familiar.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Meu (determinante possessivo) pai 2) Minha (determinante possessivo) mãe 3) Tia	1) Eu 2) Minha (determinante possessivo) mãe 3) Minha (determinante possessivo) irmã

4) Minhas (determinante possessivo) irmãs	4) Meu (determinante possessivo) pai
5) Meu (determinante possessivo) irmão	

Quadro 49 - Aluno i) Quem faz parte da família?

É interessante observar que a maioria dos elementos que fazem parte da família são acompanhadas dos determinantes possessivos “meu” ou “minha”, à exceção da “tia”. Esta é incluída na família, mas o aluno não a sente tão próxima, envolvida ou disponível como os restantes membros.

A família mencionada retrata os elementos constituintes do núcleo e a tia. Não há referência aos avós, primos ou padrinhos, sendo uma família mais restrita e de relações mais fechadas sobre si.

No 2.º questionário, surge o “eu”, enquanto elemento que faz parte da família. O seu amadurecimento e crescimento permite-lhe opinar sobre assuntos familiares, envolvendo-o assim nas dinâmicas e interações internas e externas à família. A seguir elenca a “minha mãe”, a “minha irmã” e o “meu pai”, mais uma vez acompanhados do determinante possessivo. A tia e o irmão não são mencionados na resposta, dando a entender um possível distanciamento ou corte na relação. Recorde-se que em relação à tia já se encontrava, no 1.º questionário, algo que fazia prever este desfecho. Relativamente ao irmão, nada indicava o sucedido.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
O nascimento e receber um <i>tablet</i>	1) Amor 2) Ajuda 3) Amizade

Quadro 50 - Aluno i) Que valores estão presentes na vida família?

No 1.º questionário, o aluno não percebe o sentido da pergunta e responde que os valores presentes na vida familiar são “o nascimento e receber um *tablet*”. Atribui uma conotação material aos valores.

No 2.º questionário, a resposta é completamente diferente, revelando crescimento e amadurecimento do tema. Os valores apresentados são: “amor, ajuda e amizade”. Os três complementam-se e conferem à família o papel primordial de proporcionar aos membros

desta a experiência de acolhimento dos outros tal como são, aprendendo a amá-los e a respeitá-los na sua diferença. A família é um espaço de afeto, onde se desenvolvem relações que tendem a ser estáveis e duradouras.

Cada membro da família está capacitado para lutar contra as injustiças cometidas contra si e contra os outros, não ficando indiferente ao sofrimento do outro. A ajuda possibilita o estreitamento de laços e desenvolve a cumplicidade.

Para o aluno, a presença destes valores na família é absolutamente essencial para a estruturação desta.

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Viver</u> (infinitivo impessoal) cada segundo com a minha (determinante possessivo) família	<u>Ajudar</u> (infinitivo impessoal) a família

Quadro 51 - Aluno i) O que é viver em família?

Viver em família implica uma constante proximidade física e emocional, uma resposta pouco real e reveladora de alguma imaturidade. O aluno expressa o desejo de estar sempre com a família e desfrutar desta em todos os momentos ou o aluno refere a importância de aproveitar todos os momentos que passa com a família, tornando-os inesquecíveis e memoráveis. Repare-se que o termo utilizado é “segundo”, o que significa que o tempo é precioso e deve ocupar-se da melhor forma, ou seja com a família.

No 2.º questionário, a vivência familiar tem por base a ajuda, capaz de colocar no mundo pessoas seguras de si, capazes e independentes, que possam alcançar a felicidade, ajudando simultaneamente, os outros a obter essa mesma meta.

Ajudar promove o trabalho em equipa, a convivência saudável, a responsabilidade, a vontade, a autoestima, a disciplina, a solidariedade, a gratidão e o sentido de pertença, fazendo com que se sintam membros ativos na família.

5.^a pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Têm</u> (presente do indicativo) de se <u>ajudar</u> (infinitivo impessoal)	Que <u>dá</u> (presente do indicativo) amor, paz para a vida

Quadro 52 - Aluno i) O que é uma família saudável?

No 1.º questionário, a frase mencionada “têm de se ajudar” remete para uma obrigação, ou seja, a família tem o dever de ajudar os seus membros sempre que seja necessário. Entre eles deve existir entreajuda e compromisso.

Os dois verbos, “ter”, no presente do indicativo, e “ajudar”, no infinitivo impessoal, impelem à necessidade de a ação se desenvolver no exato momento, mas sem especificar o sujeito responsável por esta, podendo qualquer um dos membros da família assumir o papel de ajudante.

No 2.º questionário, a família saudável é aquela “que dá amor, paz para a vida”. Perde-se o sentido de obrigatoriedade e, com base na sua família, o aluno partilha dois valores essenciais: o amor e a paz. A família “dá” gratuitamente e de forma desinteressada, aquilo que promove o crescimento e desenvolvimento de cada um dos seus membros. E o que dá é de tal forma importante que vai servir para a vida, servindo não só para o momento presente como também para o futuro.

A atribuição de valores como o amor e a paz à família, tornam esta responsável pela educação dos seus membros numa perspetiva amorosa e de encontro com o outro, privilegiando a concórdia e a tranquilidade.

Aluno j)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Um grupo que <u>ajuda</u> (presente do indicativo) e que também <u>brinca</u> (presente do indicativo)	<u>São</u> (presente do indicativo) pessoas que nos <u>ajudam</u> (presente do indicativo) quando nós <u>precisamos</u> (presente do indicativo)

Quadro 53 - Aluno j) O que é para ti a família?

A família é para o aluno “um grupo que ajuda e que também brinca”. A noção de grupo deixa antever algumas componentes que se incluem neste, tais como: regras, limites, interajuda, cumplicidade... Aspetos merecedores de reflexão por parte do aluno.

Este grupo coeso e estruturado tem como principal função ajudar os membros da família, contribuindo para que outrem faça alguma coisa, atinja algum objetivo. Para além, da ajuda, a família “também brinca”. É encontrado espaço e tempo para a brincadeira em conjunto, onde os momentos dedicados à diversão ajudam a melhorar o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração, favorecendo a autoconfiança e fortalecendo os laços

familiares e os vínculos afetivos.

As duas formas verbais “ajuda” e “brinca” encontram-se no presente do indicativo, dando à ação uma vivência atual. A criança encontra na sua família espaço para ajudar e brincar.

No 2.º questionário, o “grupo” dá lugar às “pessoas” que ajudam quando é preciso. O valor da ajuda mantém-se e completa-se com a especificidade dos momentos em que esta seja necessária.

Na frase encontram-se três verbos no presente do indicativo, “são”, “precisamos” e “ajudam”. As pessoas que estão presentes no seu dia a dia ajudam sempre que é necessário. O aluno não fala apenas em seu nome, ele refere que a ajuda é prestada quando “nós precisamos”. Que “nós”? os membros da família que estabelecem laços e criam relação.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Meus (determinante possessivo) avós	1) Meu (determinante possessivo) avô
2) Meus (determinante possessivo) tios	2) A avó
3) Meus (determinante possessivo) pais	3) A mãe
4) Meus (determinante possessivo) primos	4) O pai
5) Minhas (determinante possessivo) primas	5) O primo
	6) Os meus (determinante possessivo) irmãos
	7) O tio
	8) A tia

Quadro 54 - Aluno j) Quem faz parte da família?

Na resposta do 1.º questionário, os membros da família são acompanhados dos determinantes possessivos “meus” e “minhas”, revelando a relação de posse do aluno para com estes.

Do 1.º para 2.º questionário, a relação de posse é atribuída apenas ao “avô”, os restantes membros são elencados sem este sentimento de pertença.

Também a ordem pela qual foram dispostos na resposta se alterou, à exceção dos avós, que mantém a primeira posição. Claramente estes ocupam um lugar de destaque na vida deste aluno, sendo possível que sejam estes os principais responsáveis pela sua educação.

Os “tios”, que no 1.º questionário se seguiam aos avós, agora ocupam a última posição da lista, indicando um possível afastamento físico e/ou emocional. Já os “pais” são referidos em segundo lugar, podendo este aspeto indicar uma reestruturação familiar e redefinição dos

papéis familiares.

Os “irmãos” encontram espaço no 2.º questionário, sendo acompanhados do determinante possessivo “meus”, que indica o sentimento de pertença do aluno para com os irmãos. Estes fazem parte das suas vivências e experiências, dando-lhes mais sentido, ênfase.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amizade 2) Amor	1) Carinho 2) Ajuda 3) Respeito 4) Muito (advérbio) amor

Quadro 55 - Aluno j) Que valores estão presentes na vida família?

No 1.º questionário, o aluno refere os valores da “amizade” e do “amor” como base da vivência familiar, valores que se complementam e fortificam na relação com o outro.

O amor e a amizade induzem à aproximação, proteção e conservação da pessoa pela qual se sente afeição, afinidade e carinho.

No 2.º questionário, mantém-se o valor do “amor” e são acrescentados outros como: o “carinho”, a “ajuda” e o “respeito”. Primeiramente é elencado o carinho como essencial para a família, sendo através deste que se desenvolvem as relações afetivas e de cumplicidade. A ajuda é também valorizada pelo aluno, na medida em que é na família que se iniciam as interações capazes de desenvolver a entajuda. O respeito está associado às interações sociais, impedido a pessoa de manifestar atitudes reprováveis em relação a outra. Respeito implica valorização, reconhecimento do outro.

Ao termo “amor”, acrescenta o advérbio “muito”, dando a entender o quanto é importante a família amar o outro, com todas as suas limitações e potencialidades.

Para este aluno, a família deve valorizar e reforçar as relações afetivas e a entajuda entre todos, sem descurar o respeito por si e pelos outros.

4.ª pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Estar</u> (infinitivo impessoal) em harmonia, <u>estarmos</u> (infinitivo pessoal) juntos	Em conjunto

Quadro 56 - Aluno j) O que é viver em família?

O aluno descreve a vivência familiar como o “estar em harmonia, estarmos juntos”. Utiliza o verbo “estar” de duas formas diferentes, um no infinitivo impessoal, quando se refere à harmonia e outro infinitivo pessoal, quando menciona “juntos”. Na primeira situação descrita, espera-se que a harmonia advenha de qualquer um dos membros da família, sem especificação; na segunda situação, o verbo indica que existe um sujeito responsável pela ação e que esta é recíproca. “Estarmos juntos” implica compromisso do aluno para com a família e vice e versa.

Voltando ao termo “harmonia”, esta indica a vontade de o aluno alcançar na família um certo equilíbrio, uma certa estabilidade, que garanta o estreitamento e fortalecimento dos laços familiares.

No 2.º questionário, o aluno não explora a pergunta e o resultado não acrescenta aspetos relevantes para a análise.

5.ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Ter</u> (infinitivo impessoal) felicidade, <u>ter</u> (infinitivo impessoal) muita (quantificador existencial) saúde	Uma família que <u>tem</u> (presente do indicativo) discussões, ajuda e também respeitada

Quadro 57 - Aluno j) O que é uma família saudável?

Família saudável é para o aluno “ter felicidade, ter muita saúde”. Numa primeira análise, verifica-se a interpretação pouco cuidada feita pelo aluno, que responde numa perspetiva de saúde. Contudo, é possível identificar a felicidade como valor a desenvolver no ambiente familiar, por qualquer um dos membros, tal como indica o verbo “ter” no infinitivo impessoal.

No 2.º questionário, a resposta é mais cuidada e amadurecida. Havendo a noção da realidade que o circunda, esta serve de exemplo para a ideia apresentada, “uma família que tem discussões, ajuda e também respeitada”.

A forma verbal “tem”, no presente do indicativo apresenta a ação no exato momento em que é descrita, indicando que as discussões acontecem na família e fazem parte desta. Afinal as diferenças que definem os membros são por vezes catalisadoras de conflito. Mas, apesar das discussões, o aluno volta a reforçar a ajuda e o respeito enquanto valores que sustentam e equilibram a família.

Aluno I)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
A minha (determinante possessivo) família <u>é</u> (presente do indicativo) afastada portanto diríamos que <u>é</u> (presente do indicativo) uma família afastada	Conjunto de pessoas que nos <u>dão</u> (determinante possessivo): amizade, amor, carinho

Quadro 58 - Aluno I) O que é para ti a família?

Numa primeira perspetiva, o aluno adjectiva a sua família como afastada, reforça este aspeto por duas vezes na resposta. O verbo “é”, no presente do indicativo, dá a indicação de que a ação decorre no momento em que é enunciada, logo quando o aluno fala da família afastada estará certamente a referir-se à sua família.

Na resposta, não é possível perceber se a família está afastada física e/ou emocionalmente. Contudo, é perceptível identificar alguma confusão por parte do aluno relativamente ao afastamento dos membros da família.

No 2.º questionário, família é definida como um “conjunto de pessoas que nos dão: amizade, amor, carinho”. A noção “conjunto de pessoas” transmite a ideia de união e relação. Talvez a família afastada tenha resolvido as questões que provocaram o afastamento e resolvido aproximar-se.

E com a aproximação terá sido possível desenvolver valores como a amizade, o amor e o carinho. Que proporcionam aos membros da família um relacionamento de cumplicidade, afeto, harmonia e entajuda. O verbo “dão” encontra-se no presente do indicativo, dando a ideia de que a família é responsável por dar, no exato momento em que narra a ação, os valores elencados.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Meus (determinante possessivo) pais	1) O pai
2) Meus (determinante possessivo) avós	2) A mãe
3) Meus (determinante possessivo) tios	3) O tio
4) Meus (determinante possessivo) primos	4) A tia
	5) Os irmãos
	6) Os primos

	7) As primas 8) Os avós 9) As avós
--	--

Quadro 59 - Aluno I) Quem faz parte da família?

De 1.º para o 2.º questionário surgem algumas alterações quanto à nomenclatura familiar. O aluno deixa de associar o pronome possessivo “meu” aos parentescos “pais”, “avós”, “tios” e “primos”. Indicando uma possível mudança no relacionamento com estes. Também a ordem surge alterada, à exceção dos pais, que permanecem em 1.º lugar. Os avós são elencados no final da lista, no 2.º questionário, abrindo a possibilidade de distanciamento físico e/ou emocional. Os tios e os primos mantêm-se, como membros estabilizadores, conferindo à família a estrutura necessária para se manter unida.

Os irmãos surgem no 2.º questionário. É possível que a relação entre o aluno e aqueles tenha sofrido alterações? Que tenha havido uma aproximação?

Apesar dos aspetos assinalados há algo que se mantém, a cultura de grupo. As famílias são consideradas grupos primários, nos quais as relações entre os membros são pautadas pela subjetividade dos sentimentos, tais como a afetividade e a afinidade, criando vínculos que garantem a convivência entre os seus membros.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amizade 2) Carinho	1) Amizade 2) Amor 3) Carinho 4) Respeito

Quadro 60 - Aluno I) Que valores estão presentes na vida familiar?

Os valores assinalados no 1.º questionário são a amizade e o carinho. Ambos deixam transparecer a ligação afetiva que deve existir na família. Ligação que se baseia na confiança e cumplicidade entre os membros, sem esquecer o vínculo afetivo que sustenta a relação familiar. O carinho surge assim como manifestação de solidariedade, compaixão e atenção que é desenvolvida entre os membros da família.

No 2.º questionário, mantêm-se os valores da amizade e do carinho e acrescentam-se outros, como o amor e o respeito.

À medida que os relacionamentos familiares crescem, se desenvolvem e se alteram é pertinente considerar novos valores que possam dar resposta a estes factos. Assim, o amor surge como ligação afetiva que se estabelece com o outro, à aproximação entre estes. O amor que provoca interesse em fazer bem ao próximo, sem requerer qualquer retribuição. Associado ao amor surge o respeito, a capacidade de apreço, consideração, deferência. Nas relações humanas é imprescindível a valorização dada ao outro, a forma como se reconhecem as qualidades e atitudes do outro.

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
Harmonia <u>Estarmos</u> (infinitivo pessoal) juntos	<u>Viver</u> (infinitivo impessoal) com amor, carinho, amizade, respeito

Quadro 61 - Aluno 1) O que é viver em família?

Viver em família implica “harmonia” e capacidade para “estarmos juntos”. Relativamente ao primeiro, “harmonia” é expressa no sentido de consonância, ordem, acordo, conciliação e entendimento. Para o aluno é importante que a família trabalhe este aspeto de forma a ser possível um maior equilíbrio e “sentido de paz” entre os membros da família. É possível que esta referência seja consequência de um ambiente familiar mais instável e conturbado, sendo reconhecida como essencial para melhorar aquele. Assim sendo, é perceptível a capacidade reflexiva do aluno frente a situações quotidianas.

Relativamente ao “estarmos juntos”, indica uma ação no infinitivo pessoal, ou seja, existe um sujeito responsável pela ação, sendo esta recíproca. O aluno e os membros da família são agentes ativos no processo de interação. A responsabilidade recai sobre os dois.

No 2.º questionário, viver em família requer amor, amizade, carinho e respeito. A apreensão de conceitos realizada ao longo das aulas de EMRC permitiu ao aluno explorar um maior leque de possibilidades relativas à família. Dessa forma, ele pensa a família enquanto célula viva, capacitada de valores que permitem aos seus um maior desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Viver com o outro implica envolvimento e disponibilidade para amar as suas potencialidades e limitações, respeitando-as. Contudo é na relação que, por vezes, se encontram motivos e força para reestruturar determinados aspetos menos positivos. Quanto

maior for a cumplicidade entre os membros da família maior será a entejada e mais fortes serão os laços que os unem.

5.^a pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Uma família que ajuda e que <u>tem</u> (presente do indicativo) muita (quantificador existencial) felicidade ao <u>estarem</u> (infinitivo pessoal) juntos	<u>Tem</u> (presente do indicativo) os seus momentos bons e os momentos maus

Quadro 62 - Aluno l) O que é uma família saudável?

O sentido da resposta do 1.º questionário remete para uma descrição pessoal e afetiva. O aluno descreve a sua família, afirmando que esta ajuda e tem muita felicidade quando estão juntos. As ideias recaem sobre a entejada e os momentos que passam em família.

A forma verbal “ajuda”, no presente do indicativo, expressa a ação no exato momento em que o aluno a descreve, ou seja, a sua família ajuda no dia a dia, a sua família está presente para o que for necessário.

Para além deste aspeto, a família “tem muita felicidade ao estarem juntos”. O verbo “ter” no presente do indicativo, assinala a ação presente que envolve a família. E que tem especificamente a família? Esta tem “muita felicidade”, repare-se que não é apenas felicidade. A família assume inteiramente a necessidade de ter muita felicidade, utilizando um quantificador existencial para enaltecer o nome. Quando têm essa felicidade? Têm-na “ao estarem juntos”. O verbo “estar” encontra-se no infinitivo pessoal, dando a ideia de ação recíproca, sendo necessária a envolvência de todos os membros da família para se alcançar a felicidade.

No 2.º questionário, o aluno volta a ter por base a sua família. Facto comprovado pela utilização do verbo ter, no presente do indicativo. Os momentos a que se refere são constituintes do seu quotidiano, podendo ser bons ou maus, evidenciando a clara noção de que a vida familiar é composta por diferentes situações que levam ao amadurecimento individual e do grupo, umas favoráveis, outras prejudiciais ou nocivas.

Aluna m)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Conjunto de pessoas que se <u>amam</u> (pretérito perfeito do indicativo) umas às outras, que <u>são</u> (presente do indicativo) <i>felizes juntas</i> (adjetivos), que <u>partilham</u> (presente do indicativo) <i>bons e maus</i> (adjetivos) momentos e que <u>estão</u> (presente do indicativo) sempre (advérbio) lá para mim e para todos	Berço da humanidade, <u>é</u> (presente do indicativo) o que <u>dá</u> (presente do indicativo) amor, carinho, lições, ajuda e tudo (pronome indefinido) o que <u>precisamos</u> (presente do indicativo)

Quadro 63 - Aluna m) O que é para ti a família?

Numa primeira análise é possível perceber a família como um grupo que se ama, é feliz, partilha momentos e estabelece laços de entreajuda. A aluna apresenta um léxico bastante desenvolvido. Na resposta é possível encontrar nomes, verbos, advérbios, adjetivos... A componente frásica dá a descrição de atributos, de ação e classificação positiva e negativa destes.

A família é um “conjunto de pessoas que se amam umas às outras”. Destaca-se a capacidade e necessidade de amor implícita nesta frase. O verbo “amam”, no pretérito perfeito do indicativo, faz referência a uma ação verbal que aconteceu num determinado momento do passado, tendo o seu início e o seu fim no passado.

Na continuidade da frase surge “que são felizes juntas”. O verbo “são”, no presente do indicativo, remete para uma ação que tem lugar no momento em que é descrita. Reflexo, talvez, da situação familiar da aluna. Onde os membros da família encontram a felicidade em conjunto, em grupo. Os adjetivos “felizes” e “juntas” classificam positivamente a família, “que partilham bons e maus momentos”, ou seja, as pessoas da família apresentam capacidade para partilharem entre si diversos momentos.

Os momentos partilhados são adjetivados como bons e maus, revelando a noção real que a aluna tem da família e das vivências que esta desenvolve. A frase termina com “e que estão sempre lá para mim e para todos”. As pessoas desta família têm uma disponibilidade quase total para os seus membros. Nos momentos bons e maus, eles estão presentes. A ação elencada é aspeto comum e frequente no quotidiano da aluna, que utiliza o presente do indicativo do verbo “estar”.

As pessoas desta família podem manifestar alguma dificuldade em demonstrar gestos de amor e partilha, mas a sua presença é constante e frequente.

No 2.º questionário, a aluna descreve a família através de vários atributos: “berço da humanidade”, “amor”, “carinho”, “lições” e “ajuda”. Os verbos utilizados estão no presente do indicativo, “é”, “dá” e “precisamos”, sendo estas as ações que decorrem habitualmente e no exato momento descrito pela aluna.

Posto isto, é importante perceber que a aluna apresenta a resposta com base na sua família e nas reflexões feitas em aula. Veja-se, o termo “berço da humanidade” que é abordado no Manual de EMRC e que foi trabalhado em aula, tendo sido realçado a importância da família enquanto “berço da vida humana, berço que ama, que faz crescer e educa para esse mesmo amor”. A este atributo, a aluna acrescenta “amor”, “carinho”, “lições” e “ajuda”. Dando à família uma perspetiva mais alargada e de continuidade quanto à sua responsabilidade educacional e afetiva. Família que educa no amor e com carinho, dando lições para a vida e apoiando sempre que for necessário.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Minha (determinante possessivo) mãe 2) Meu (determinante possessivo) pai 3) Meus (determinante possessivo) irmãos 4) Tios 5) Primos Também meus (determinante possessivo) amigos, enfim as pessoas que me <u>apoiam</u> (presente do indicativo) e <u>acreditam</u> (presente do indicativo) em mim	1) Meus (pronome possessivo) amigos 2) Minha (pronome possessivo) família de sangue Toda (quantificador universal) a gente que <u>dava</u> (pretérito imperfeito do indicativo) um ombro amigo para eu <u>chorar</u> (infinitivo impessoal)

Quadro 64 - Aluna m) Quem faz parte da família?

Fazendo uma análise geral das duas respostas é possível encontrar coincidência quanto aos membros constituintes da família: a família de sangue (mãe, pai, irmãos, tios e primos), os amigos e as pessoas que dão apoio.

A aluna elenca o parentesco consanguíneo, que se define pela relação que une duas ou mais pessoas através de vínculos genéticos, e o parentesco por afinidade, criado através de relações sociais.

Tanto a família como os amigos são antecidos pelo determinante possessivo “minha/meus”, dando a indicação de posse. Ambos são parte da vida da aluna e com estes é possível vivenciar momentos intensos e de aprendizagem.

No 1.º questionário, a aluna refere verbos como apoiar” e “acreditar”. Os dois no presente do indicativo, descrevem ações que ocorrem no exato momento em que são descritas. Aqueles que a apoiam e acreditam, continuam a ser parte da família.

No 2.º questionário, a aluna modifica esta última parte mencionada no 1.º questionário e, na família passa a incluir “toda a gente que dava um ombro amigo para eu chorar”. O quantificador universal “toda” confere um sentido vago ao termo “gente”, ou seja, não é especificado quem a ajuda. O sujeito pode ser qualquer um, desde que preencha o requisito “ombro amigo para eu chorar”.

Neste sentido, a aluna procura alguém que nos momentos de maior tristeza, a oiça e acompanhe. Parece ser um desejo e não uma realidade. Repare-se que o verbo “chorar” se encontra no infinitivo impessoal, ou seja não existe um sujeito definido para a ação, podendo esta ter um sentido genérico ou indefinido.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor	1) Carinho
2) Carinho	2) Amizade
3) Felicidade	3) Amor
4) Riso	4) Partilha
5) Aprendizagem	5) Ajuda
6) Maluquice	6) Vida
	7) Aprendizagem
	E muitos mais

Quadro 65 - Aluna m) Que valores estão presentes na vida família?

No 1.º e 2.º questionários, “o amor, o carinho e a aprendizagem” mantém-se, sendo essenciais na estrutura familiar da aluna, uma estrutura que tem por base ligações afetivas e de ternura. Mas, também a possibilidade de aprender diariamente com os outros. Uma aprendizagem cooperativa, que implica a envolvimento de todos em busca de um crescimento individual e de grupo.

No 1.º questionário são também apontados valores como: “a felicidade, o riso e a

maluquice”. A felicidade enquanto valor implica uma permanente busca de concretização, levando o indivíduo a delinear objetivos e estratégias possíveis de alcançar. Sendo a felicidade subjetiva é difícil apresentar algo concreto e definitivo.

O “riso” e a “maluquice” são identificados pela aluna como sinais de alegria e diversão, momentos que permitem descontração e união entre os membros da família. A possibilidade de partilhar “maluquices” com a família é para a aluna sinónimo de uma interação mais desinibida e espontânea.

No 2.º questionário, são acrescentados os seguintes valores: “amizade, partilha, ajuda e vida”. Estes são essenciais para uma vivência de cumplicidade, entendimento e solidariedade. Os elementos que partilham, dão parte de si e do que é seu, ajudando e deixando-se a ajudar. Abrindo na família espaço para desenvolver o “eu” e o “outro”, enquanto seres em permanente relação.

Relativamente ao valor da vida ou da vida enquanto valor, contempla em si uma reflexão que vai ao encontro dos aspetos abordados nas aulas de EMRC. Vida que gera e que é gerada através dos vínculos afetivos. “A família é o lugar adequado à transmissão de vida. Nascendo num espaço familiar, a criança tem mais possibilidades de se sentir acolhida e amada. A família torna-se mais humanizadora quanto mais for capaz de amar”¹¹⁴. A resposta termina com “e muitos mais”, deixando no “ar” a possibilidade de existirem mais valores.

4.ª pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
<u>Passar</u> (infinitivo impessoal) bons momentos com as pessoas que <u>amamos</u> (presente do indicativo) e também com as pessoas que nos <u>sentimos</u> (presente do indicativo) bem	<u>Estar</u> (infinitivo impessoal) rodeado de pessoas que nos <u>aceitam</u> (presente do indicativo) como somos, <u>aceitam</u> (presente do indicativo) a nossa (determinante possessivo) personalidade e o nosso (determinante possessivo) estilo próprio , com amor

Quadro 66 - Aluna m) O que é viver em família?

A vida em família é definida através de recursos que indicam ação (verbos), que dão a conhecer determinados atributos (nomes) e outros que a classificam (adjetivos). No 1.º

¹¹⁴ E. URBANO, S. MARTINS, M. PIRES, *Conta Comigo. Manual do 5.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Torres Novas, 2015, 69.

questionário, a aluna afirma que viver em família é “passar bons momentos com as pessoas que amamos e também com as pessoas que nos sentimos bem”. Apenas são referidos os aspetos positivos da vivência familiar, deixando os conflitos, as incertezas, as angústias de lado.

O verbo “passar”, no infinitivo impessoal não atribui a ação a um sujeito concreto. Mas, se se tiver em conta a restante frase, percebe-se que existe um sujeito definido, são eles, as pessoas que amamos. Aqui o verbo “amar” no presente do indicativo confere à ação um momento exato para se desenvolver. Assim é possível, viver bons momentos com aqueles que a amam e com os quais se sente bem.

No 2.º questionário, viver em família é “estar rodeada de pessoas que nos aceitam como somos, aceitam a nossa personalidade e o nosso estilo próprio, com amor”. Resposta de uma enorme riqueza afetiva e extrema maturidade. Veja-se, a aluna reflete sobre a sua identidade, personalidade e estilo e, considera crucial o envolvimento da família neste processo de crescimento, “rodeada de pessoas que nos aceitam como somos”. De acordo com a frase mencionada, pode-se afirmar que a aluna é aceite pelos familiares, tal como é, com os seus defeitos, as suas qualidades, as suas potencialidades, as suas limitações... O verbo “aceitam”, no presente do indicativo, indica essa capacidade de aceitação, que já era característica da família para com outros membros.

Na família, a aluna encontra espaço para fazer as suas escolhas e experimentar hipóteses que respondam aos desafios que vive. É possível ter o seu “estilo próprio” sem que isso lhe traga dissabores e conflitos familiares. E termina a resposta dizendo “com amor”, ou seja, tudo o que menciona anteriormente é feito tendo em conta a relação afetiva com os outros.

5.ª pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Uma família que nos <u>faz</u> (presente do indicativo) feliz e nos <u>ama</u> (presente do indicativo) e <u>está</u> (presente do indicativo) lá para o que <u>der</u> (infinitivo impessoal) e <u>vier</u> (infinitivo impessoal)	<u>Vive</u> (presente do indicativo) numa comunidade de amor e de carinho

Quadro 67 - Aluna m) O que é uma família saudável?

O 1.º questionário apresenta uma resposta rica em verbos. Para a aluna, a família saudável

define-se através das suas ações: fazer, amar e estar. Três verbos conjugados no presente do indicativo, ou seja, ações apresentadas no exato momento em que são narradas pela aluna. Para esta, a nomenclatura de família saudável encaixa perfeitamente na sua realidade familiar, por isso a descrição é feita com base nesta.

Merece destaque a família enquanto aquela que faz os seus membros felizes e os ama, estando presente sempre que for necessário para qualquer coisa e/ou em qualquer momento, para o que “der e vier” como afirma a aluna. Há uma necessidade de compromisso e envolvimento entre os membros da família.

No 2.º questionário, família saudável é aquela que “vive numa comunidade de amor e de carinho”. Nesta descrição são privilegiados os nomes, dando à família uma série de atributos como: comunidade, amor e carinho. Estes são representativos da família da aluna, que transporta a sua realidade para a definição apresentada. Indicativo desse aspeto é o tempo verbal utilizado, presente do indicativo do verbo “viver”. Que apresenta a ação no exato momento em que decorre.

O termo “comunidade” é desenvolvido ao longo das aulas de EMRC. Onde a família é vista como uma “comunidade que tem por base a vivência do amor e o estabelecimento de laços de comunhão entre as pessoas”¹¹⁵, aspeto sobre o qual a aluna refletiu, amadurecendo assim a ideia de família, dando-lhe a possibilidade de ser agente de mudança no seu ambiente familiar.

Aluna n)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Uma coisa muito (advérbio) importante porque <u>dá</u> (presente do indicativo) amor e carinho	Uma coisa importante na minha (determinante possessivo) vida toda

Quadro 68 - Aluna n) O que é para ti a família?

Nos dois questionários, a aluna refere-se à família enquanto “coisa”, dando-lhe uma conotação pouco significativa, diria até um pouco banal. No entanto, a continuação da frase revela um sentido mais profundo do que aquele que aparenta.

¹¹⁵ *Ibidem*, 74

A família é “muito importante”, o advérbio reforça a importância desta. E é importante para a aluna porquê? “porque dá amor e carinho”. O verbo “dá”, no presente do indicativo, coloca a ação no exato momento em que é descrita. A família da aluna consegue proporcionar aos seus membros, momentos de amor e carinho. Em que é possível destacar a relação afetiva e a cumplicidade como potenciadora de uma vivência familiar agradável.

No 2.º questionário, a noção de família atinge uma proporção “gigantesca”, uma vez que a aluna afirma que a família é o mais importante na vida toda. Não existindo nada que se compare a esta. A resposta revela alguma imaturidade emocional, havendo aspetos pouco desenvolvidos/trabalhados/refletidos.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Meu (determinante possessivo) avô	1) Minha (determinante possessivo) mãe
2) Minha (determinante possessivo) avó	2) Meu (determinante possessivo) pai
3) Minha (determinante possessivo) mãe	3) Minhas (determinante possessivo) irmãs
4) Meu (determinante possessivo) pai	4) Noa (cadela)
5) Minhas (determinante possessivo) irmãs	5) Eu
6) Meus (determinante possessivo) primos e primas	
7) Rodrigo	
8) Madrinha	

Quadro 69 - Aluna n) Quem faz parte da família?

No 1.º questionário, a aluna elenca o “meu avô”, a “minha avó”, a “minha mãe”, o “meu pai”, as “minhas irmãs”, os “meus primos e primas”, o “Rodrigo” e a “madrinha” como constituintes da família. Todos acompanhados do determinante possessivo “meu, minha”, à exceção do Rodrigo e da madrinha. Este determinante indica o sentido de posse da aluna para com os familiares mencionados. A relação entre estes é forte, os laços que se vão desenvolvendo permitem cumplicidade e afinidade.

Os avós surgem no topo da lista, seguidos dos pais e irmãs. Talvez os avós confirmem estabilidade e estrutura à família. Talvez a aluna passe uma grande parte do seu tempo com estes. Talvez sejam os membros da família que tendem a desenvolver relações afetivas mais profundas com a aluna. São inúmeras as possibilidades. Ficando apenas a certeza de que os avós são importantes na vida da aluna.

No 2.º questionário, a família elencada é apenas a “minha mãe”, o “meu pai”, as “minhas irmãs”, a “cadela” e “eu”. A aluna deixa de referir os avós, os tios, os primos, o Rodrigo e a madrinha. Este é um facto possível de justificar através de um distanciamento físico e/ou emocional entre alguns membros da família. Situação que levaria a uma reorganização familiar.

O animal de estimação é referido como elemento pertencente à família. A estima e dedicação a este é indicativo do sentir da aluna.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor 2) Carinho	1) Amor 2) Carinho 3) Amizade 4) Compartilhar 5) Brincadeira

Quadro 70 - Aluna n) Que valores estão presentes na vida familiar?

Do 1.º para o 2.º questionário, os valores do “amor e carinho” mantêm-se, ajudando a desenvolver relações de confiança que se estabelecem por meio da conversa, do toque, do abraço, das demonstrações de afeto, da troca de experiências e da aprendizagem que se dá entre essas ligações.

A família é o berço do amor, da compreensão, do afeto, é o lugar onde as pessoas encontram o apoio necessário, mas acima de tudo, onde as relações são saudáveis e de convivência harmoniosa.

Tendo por base estes dois valores, a aluna, no 2.º questionário, acrescenta a “amizade, a brincadeira e compartilhar”. Quanto ao primeiro valor é imprescindível para criar entre os membros da família relações afetivas e de afinidade. A brincadeira é sinónimo de boa disposição e alegria, dois aspetos essenciais para a aluna, que encontra na família espaço para que se desenvolvam este tipo de interações.

Compartilhar exige do “eu” a capacidade de doar, de dar, exige um crescimento conjunto, para o qual tem de existir disponibilidade e partilha. A aluna desenvolve a noção de relação e compromisso necessários para que a vivência familiar possa ser mais harmoniosa e estruturada.

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
União	Uma coisa aconchegante, carinho, amizade e brincadeira

Quadro 71 - Aluna n) O que é viver em família?

Viver em família implica “união” e a aluna tem consciência da importância das relações familiares e dos laços entre estes. Apesar das diferenças que caracterizam cada um dos seus membros, a família tem a capacidade de os unir através de um propósito, criando assim um projeto comum, onde cada um pode dar parte de si.

No 2.º questionário, a aluna descreve a vivência familiar como algo aconchegante, onde existe carinho, amizade e brincadeira. À ideia de aconchego deixa antever um ambiente de conforto e serenidade, onde há espaço para estreitar laços de amizade e carinho. Na resposta anterior, da pergunta n.º 3, são desenvolvidos estes valores, carinho, amizade e brincadeira.

A aluna não explora a resposta, dando poucas indicações da sua vivência familiar. Fica apenas a ideia da união e do aconchego que a aluna sente no ambiente familiar que a rodeia.

5.^a pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Família que <u>está</u> (presente do indicativo) bem de saúde (costas, pernas, rins)	Família que não <u>tenha</u> (presente conjuntivo) discussões e que <u>tenha</u> (presente conjuntivo) mais (advérbio intensidade) amor

Quadro 72 - Aluna n) O que é uma família saudável?

No 1.º questionário, a aluna não percebeu a pergunta e responde que a família saudável é aquela que está bem de saúde, das costas, pernas, rins... havendo apenas referência ao bem-estar físico.

No 2.º questionário, há uma mudança, um amadurecimento do conceito saudável e, a aluna refere que a família saudável é aquela que não tem discussões e que tem mais amor. Na frase, o verbo “ter” encontra-se no presente do conjuntivo, dando a indicação de que a ação enumerada pela aluna é hipotética ou irreal, transmitindo alguma incerteza e ao mesmo tempo desejo de que a família não discuta, que haja um ambiente de maior serenidade e com “mais” amor. A aluna sente que os membros da família devem fazer um esforço para “dar” mais amor. O advérbio de intensidade reforça esta ideia.

Aluna o)

1ª pergunta – O que é para ti a família?

1º questionário	2º questionário
Importante porque <u>é</u> (presente do indicativo) amorosa	A amizade, carinho, amor, felicidade

Quadro 73 - Aluna o) O que é para ti a família?

No 1.º questionário, a aluna indica que a família é “importante porque é amorosa”. É reconhecida a importância desta, não só porque é o grupo que confere estrutura à vivência da aluna, mas também pelo seu carácter afetivo e emocional. Neste caso, o adjetivo utilizado é “amorosa”, aquela que dá amor e é responsável pelos laços desenvolvidos.

O verbo utilizado “é”, encontra-se no presente indicativo, referindo-se à ação no exato momento em que é descrita. Esta é a realidade da aluna.

No 2.º questionário, a família é “amizade, carinho, amor e felicidade”. Para além do que é mencionado no 1.º questionário, a aluna, revê agora, na sua família, características que indicam crescimento, amadurecimento das relações, que passam a ser de amizade e carinho, possibilitando aos membros da família maior afinidade, colaboração e entreatajuda. O resultado destes aspetos é a felicidade que se faz sentir e que se manifesta através de gestos e palavras.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Minhas (determinante possessivo) irmãs 2) Minha (determinante possessivo) mãe 3) Meu (determinante possessivo) pai	1) Minhas (determinante possessivo) irmãs 2) Mãe 3) Pai 4) Cadela 5) Avó 6) Avô 7) Tia 8) Tio

Quadro 74 - Aluna o) Quem faz parte da família?

No 1.º e 2.º questionários, os primeiros membros elencados são “irmãs”, “mãe” e “pai”. Interessante as irmãs surgirem em primeiro lugar e com o pronome possessivo “minhas”, dando a indicação de, entre estas, existir uma relação de grande cumplicidade e afinidade. As

irmãs que acompanham e seguem lado a lado, independentemente dos obstáculos que surgem no caminho.

A mãe e o pai são os elementos que conferem alguma estabilidade e estrutura à vida familiar. São eles que educam, protegem e apoiam. No entanto, estes “perdem” o determinante possessivo “minha” e “meu”, no 2.º questionário. O sentido de posse deixa de estar tão vincado e passam a ser vistos como “propriedade comum”, ou seja, pertencem a todos e não apenas à aluna.

A cadela é destacada em 4.º lugar. Antes dos avós e dos tios. A vivência diária com aquela, torna-a elemento constituinte da família. Os momentos e o tempo passados com o animal são cruciais para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e pessoal da aluna, levando-a a uma maior responsabilização e autonomia.

Quanto aos tios, possivelmente serão elementos que se encontram afastados física e/ou emocionalmente, não havendo uma relação muito íntima ou próxima.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
1) Amor 2) Carinho 3) Amizade	1) Amor 2) Carinho 3) Brincadeira

Quadro 75 - Aluna o) Que valores estão presentes na vida família?

Os valores presentes na vida familiar não sofreram muitas alterações. A aluna refere o “amor” e o “carinho”, enquanto valores estruturantes e essenciais para a família. Possibilitando a esta uma ligação afetiva que induz à aproximação, proteção ou conservação das pessoas pelas quais se sente afeto.

No 1.º questionário, a “amizade” é elencada como valor necessário e de grande importância para a família, uma vez que, entre os membros da família deve existir um sentimento de afeição, simpatia, entendimento, concordância e afinidade.

Já no 2.º questionário, o valor da amizade é substituído pela “brincadeira”, diversão, entretenimento... Na família é essencial existir espaço para a brincadeira, levando a uma interação rica que favorece um vínculo que contribui para o desenvolvimento afetivo e emocional.

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
União	Giro porque <u>brincamos</u> (presente do indicativo), <u>passamos</u> (presente do indicativo)

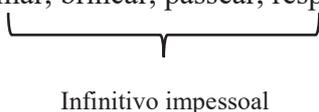
Quadro 76 - Aluna o) O que é viver em família?

No 1.º questionário, a aluna refere que “viver em família é união”, apelando aos laços que unem os membros da família, aos momentos que se tornam únicos e especiais por estarem juntos e por em conjunto terem a capacidade de encontrarem soluções para os obstáculos do dia a dia.

No 2.º questionário, viver em família “é giro porque brincamos, passamos”. Mais do que estarem unidos é importante para a aluna os momentos em que se divertem e passeiam. Nestes, cada um interage e desenvolve competências pessoais e de grupo.

As formas verbais “brincamos” e “passamos” encontram-se no presente do indicativo, uma vez que as ações decorrem no exato momento em que a aluna as descreve. Para ela é uma realidade brincar e passear com a família.

5.^a pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Amor	Saber amar, brincar, passear, respeitar  Infinitivo impessoal

Quadro 77 - Aluna o) O que é uma família saudável?

Família saudável, no 1.º questionário, é “amor”. A aluna reforça a importância deste no ambiente familiar, sendo essencial desenvolver laços afetivos que ajudem cada um dos membros a encontrarem soluções para as dificuldades e desafios da vida.

No 2.º questionário, a aluna afirma que a família saudável é aquela que deve “saber amar, brincar, passear, respeitar”. Os verbos encontram-se no infinitivo impessoal, indicando que as ações não são atribuídas a um sujeito concreto, podendo qualquer um dos membros da família assumir e desenvolver ações de amor, brincadeira, passeio e respeito para com os outros. Também é possível perceber a vontade que a aluna manifesta em praticar estas ações com a sua família, mas, no entanto, não passa de um desejo.

É notório algum aprofundamento no 2.º questionário, contudo a resposta continua a ser pouco desenvolvida.

Aluno p)

1.ª pergunta – O que é para ti a família?

1.º questionário	2.º questionário
Tudo para mim. Tia, tio, mãe, pai, irmã, irmão...	<u>Proteger</u> (infinitivo impessoal), <u>ajudar</u> (infinitivo impessoal), união, amor

Quadro 78 - Aluno p) O que é para ti a família?

No 1.º questionário, o aluno não terá interpretado corretamente a questão e por isso responde “tudo para mim. Tia, tio, mãe, pai, irmã, irmão...”. Numa primeira parte, ainda refere que a família é tudo para ele, que esta tem um valor extremo e que possivelmente seria difícil imaginar-se sem o apoio desta. Os elementos que acrescenta de seguida correspondem à resposta da 2.ª questão e não a esta, dando a entender alguma falha na interpretação da questão colocada.

Depois da UL lecionada, o aluno apresenta uma resposta diferente, mais amadurecida e de acordo com a questão colocada. Família é “proteger, ajudar, união, amor”. Nesta são referidas algumas ações como proteger e ajudar. Para o aluno, a família deve ser responsável por fazê-lo sentir-se seguro e acompanhado nos momentos de maior dificuldade. Destaca o amor e a união como valores que devem estar presentes na família. Esta é responsável por desenvolver entre os seus membros laços de amizade e respeito, criando na família as condições necessárias para o desenvolvimento de cada um, quer a nível pessoal quer a nível de grupo.

2.ª pergunta – Quem faz parte da família?

1.º questionário	2.º questionário
1) Meu (determinante possessivo) avô 2) Avó 3) Tio 4) Tia 5) Irmão 6) Irmã	1) Eu 2) Mãe 3) Pai 4) Irmã 5) Irmãos 6) Avô

	7) Avó
--	--------

Quadro 79 - Aluno p) Quem faz parte da família?

No 1.º questionário, o aluno não faz referência aos pais, indica os “avós”, os “tios” e os “irmãos. A possibilidade de o aluno passar grande parte do seu tempo com os avós é bastante forte. Também os “tios” são destacados, lembrando a importância da cultura de grupo vivida nestas famílias.

O suporte familiar deste aluno sofre alterações no 2.º questionário. Neste são enumerados os “pais”, os “irmãos” e os “avós”. Os avós deixam de ocupar um lugar de destaque para o aluno, sendo este ocupado pelos pais, havendo a possibilidade de, durante a ausência dos pais, os avós terem ficado com a responsabilidade de tomarem conta do aluno, tendo a seu cargo a educação e subsistência deste.

Quando os pais retomam o seu papel de educadores, os tios e os avós deixam de assumir essas funções, passando a desempenhar tarefas mais relacionadas com o suporte familiar, ou seja, os avós, de forma menos interventiva, conferem estrutura e organização à família, ajudando esta a manter-se unida e em relação.

3.ª pergunta – Que valores estão presentes na vida familiar?

1.º questionário	2.º questionário
55 pessoas	1) União 2) Ajuda 3) <u>Proteger</u> (infinitivo impessoal) 4) Amor

Quadro 80 - Aluno p) Que valores estão presentes na vida família?

Mais uma vez, o aluno não interpreta corretamente a questão apresentada no 1.º questionário e afirma que os valores que estão presentes na família são “55 pessoas”. Este aluno tem algumas dificuldades na leitura e escrita. Mesmo sendo questões simples e tendo sido explicadas ao aluno, não foi fácil fazê-lo refletir sobre o que lhe era pedido.

Contudo, no 2.º questionário, a resposta revela maior capacidade reflexiva no aluno, que afirma “união, ajuda, proteger e amor” são valores presentes na família. Sabendo que os alunos nesta faixa etária têm por base exemplos reais, diria que na família do aluno estão presentes os valores elencados anteriormente, sendo essencial a união entre os membros da

família, que através do amor e da ajuda que prestam uns aos outros tornam possível o desenvolvimento das relações.

A capacidade de a família proteger os seus elementos é essencial para o aluno. Proteção que requer esforço, mas também bem-estar e conforto. A família é vista como o porto seguro, o local onde o aluno pode revelar as suas fragilidades e potencialidades sem se sentir ameaçado.

4.^a pergunta – O que é viver em família?

1.º questionário	2.º questionário
Mãos juntas e se <u>ajudar</u> (infinitivo impessoal)	<u>Estarmos</u> (infinitivo pessoal) juntos

Quadro 81 - Aluno p) O que é viver em família?

Do 1.º para o 2.º questionário, o aluno deixa de mencionar a ajuda, mas mantém o estarem juntos. Essencialmente, viver em família é desenvolver laços afetivos uns com os outros, possibilitando o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Para o aluno, estes aspetos só são possíveis porque os membros da família estão juntos, unidos. Esta é uma realidade presente na vivência familiar desta criança que utiliza o verbo “estarmos” no infinitivo pessoal. A ação é atribuída a um sujeito em concreto, ou seja, na família existem elementos que promovem o “estar” em conjunto, em grupo.

Parece existir um equilíbrio na vivência familiar, que apesar de algumas alterações nos papéis que cada um desempenha, não modificou a forma de estar e de se relacionar.

5.^a pergunta – O que é uma família saudável?

1.º questionário	2.º questionário
Unida, amada, <u>ajudar</u> (infinitivo impessoal), amor	Não <u>andarmos</u> (infinitivo pessoal) à porrada

Quadro 82 - Aluno p) O que é uma família saudável?

Família saudável é aquela que é “unida, amada, ajudar, amor”. O aluno apresenta uma construção frásica pouco organizada, iniciando com adjetivos, passando para verbo e terminando com um nome. Contudo, é possível destacar a importância da família se manter unida e amada.

2. Conclusão dos questionários

Tendo em conta a análise apresentada no ponto anterior, é possível expor as seguintes conclusões:

Quanto à **definição de família**, os alunos manifestam a correta aplicação dos conceitos apreendidos ao longo da *Unidade Letiva 3 - A família, comunidade de amor*, tal como indicado na planificação da aula n.º 16, que se encontra no anexo III. Nas respostas dos segundos questionários encontram-se termos como: “laços de união, apoio, segurança, fraternidade, berço da humanidade”. Para além destes, é possível encontrar uma enorme diversidade de nomes, adjetivos e verbos, que não foram mencionados no 1.º questionário. Tal como assinalam os quadros 82 e 83.

1ª Pergunta 1º questionário O que é para ti a família?			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Ser	7	V
2	Importante	4	A
	Boa	4	A
	Amar	4	V
3	Ajudar	3	V
	Pessoas	3	N
	Coisas	3	N
	Família	3	N
	Grupo	3	N
4	Carinho	2	N
	Feliz	2	A
	Mundo	2	N
	Afastada	2	A
	Cuidar	2	V
	Viver	2	V

Quadro 83 - 1.ª pergunta 1.º questionário

1ª Pergunta 2º questionário O que é para ti a família?			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Ser	7	V
	Amor	7	N
2	Carinho	5	N
	Amizade	4	N
3	Vida	4	N
	Viver	4	V
	Ajudar Ajuda	4	V/N
4	Precisar	3	V
	Mundo	3	N
5	Laço união	2	N
	Apoio	2	N
	Proteger	2	V
	Dar	2	V
	Alegria felicidade	2	N
	Boa	2	A
	Importante	2	A
	Pessoas	2	N
	Segurança	1	N
	Força	1	N
	Fraternidade	1	N
	Pilar	1	N
	Coração	1	N
	Berço	1	N

6	humanidade		
	Lições	1	N
	Dividir	1	V
	Receber	1	V
	Confiar	1	V
	Brincar	1	V
	Cuidar	1	V
	Rir	1	V
	Contar	1	V
	Poder	1	V
	Ir	1	V

Quadro 84 - 1.ª pergunta 2.º questionário

O uso destes termos indica alguma maturação no processo de aprendizagem e na experiência pessoal de vivência familiar. Assim, os alunos apresentam a família enquanto lugar de destaque, sítio privilegiado para se estar, aprender, ajudar e ser feliz. A família é também uma “força”, que une os seus membros e os faz mover, tornando-os mais fortes e capazes de realizar feitos únicos. Esta é a “força” que os faz viver, a razão da sua existência. Não sendo apenas uma conotação que se prende à presença física, mas que se relaciona também com o sentido da vida, da existência. Nada faria sentido sem a família, esta é o suporte. Família que é o “berço da vida humana, berço que ama, que faz crescer e educa para esse mesmo amor”¹¹⁶.

Os momentos de alegria e boa disposição são referidos por alguns alunos como oportunidades para reforçar e estreitar laços entre a família. Assim como, os momentos que contemplam o respeito, o amor, o carinho e a amizade.

A noção de “conjunto de pessoas” apresentada por muitos dos alunos transmite a ideia de união e relação entre os membros da família. Estes são chamados a terem parte ativa na construção de laços afetivos e valores orientadores que permitam desenvolver sentimentos de ternura, entendimento, concordância, empatia e fraternidade. Este último é apresentado enquanto elemento de ação fraterna que promove o amor e o afeto em relação ao outro. Sendo possível, na família, aprender a viver a pertença e a estabelecer uma ligação comum, que leve ao projeto de amor.

Surgem, também os adjetivos “bom e mau” associados aos momentos que se vivem em

¹¹⁶ E. URBANO, S. MARTINS, M. PIRES, *Conta Comigo. Manual do 5.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 66.

família. Os alunos dão a estes uma conotação que tem por base a experiência pessoal. Aliás, a maioria das respostas é dada, tendo em conta a vivência familiar, no dia a dia. O que torna a análise rica em aspetos emocionais e afetivos.

Relativamente à **constituição familiar**, as respostas dos alunos foram coincidentes. Veja-se nos quadros 84 e 85.

2ª Pergunta 1º questionário <u>Quem faz parte da família?</u>			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Mãe	14	N
2	Tios	13	N
3	Pai	12	N
	Irmãos	12	N
	Avós	12	N
4	Primos	11	N
5	Amigos	2	N
6	Padrasto	1	N
	Madrasta	1	N
	Padrinhos	1	N
	Netos	1	N
	Animais	1	N
	Pessoas	1	N

Quadro 85 - 2.ª pergunta 1.º questionário

2ª Pergunta 2º questionário <u>Quem faz parte da família?</u>			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Mãe	13	N
	Pai	13	N
2	Irmãos	12	N
3	Tios	10	N
	Avós	10	N
4	Primos	9	N
5	Animais	6	N
6	Amigos	4	N
7	Família	1	N
	Madrasta	1	N
	Padrasto	1	N
	Padrinhos	1	N
	Filhos	1	N
	Rodear	1	V
	Dar	1	V

Quadro 86 - 2.ª pergunta 2.º questionário

As figuras que sofrem alterações mais significativas e de maior impacto na vida familiar dos alunos são o pai, os irmãos e os tios. Na análise detalhada dos questionários, foi perceptível a reestruturação de algumas famílias e a flutuação de papéis entre os seus membros, levando os alunos a enfrentar constantes mudanças e readaptações.

Contudo, a maioria dos alunos vive com a mãe, o pai e os irmãos, tal como indica o gráfico 2, apresentado na caracterização da turma 5.ºC/D, no Capítulo III, havendo, também, alunos que residem com a mãe, os irmãos e familiares (avó, tia ou primos), não havendo referência à figura paterna e outros que residem com a mãe, o padrasto e os irmãos.

Os dados apresentados destacam a cultura de grupo interiorizada nestas famílias, onde os primos, os tios e os avós têm um papel relevante e de evidência dentro da própria família. Sendo fonte de suporte adicional à família nuclear.

Para além, da família com a qual partilham laços de sangue, os alunos acrescentam os amigos e os animais. Nesta fase de desenvolvimento (10/11 anos), os pares começam a ser parte essencial do crescimento e do reconhecimento do “eu” e do “tu”, por isso, referir os amigos como elementos da família faz todo o sentido para os alunos. Os animais são vistos como companheiros, com os quais é possível desenvolver uma relação de cumplicidade, ternura, diversão, afeto e responsabilidade.

Outro aspeto merecedor de reflexão ao longo da análise foi o uso constante dos determinantes possessivos “meu, minha, meus, minhas” a acompanhar alguns membros da família. Dando a ideia de posse, de pertença e de proximidade entre o aluno e os familiares.

3ª Pergunta 1º questionário <u>Que valores estão presentes na vida familiar?</u>			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Amor	12	N
2	Carinho	11	N
3	Amizade	7	N
4	Alegria Felicidade	5	N
5	Risotas	2	N
6	Tristeza	1	N
	Respeito	1	N
	Momentos	1	N
	Calma	1	N
	Solidariedade	1	N
	Saúde	1	N
	Educação	1	N
	Humildade	1	N
	Cumplicidade	1	N
	Aprendizagem Aprender	1	V
	Ter	1	V
	Receber	1	V
	Resolver	1	V
	Dizer	1	V
Estar	1	V	

Quadro 88 - 3.ª pergunta 1.º questionário

3ª Pergunta 2º questionário <u>Que valores estão presentes na vida familiar?</u>			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Amor	14	N
2	Carinho	11	N
3	Amizade	9	N
4	Ajuda	6	N
5	Respeito	5	N
6	Brincadeira	2	N
	Partilhar Compartilhar	2	V
7	Alegria	1	N
	Zanga	1	N
	Tristeza	1	N
	Confiança	1	N
	Fielidade	1	N
	Chatice	1	N
	Disciplina	1	N
	Fraternidade	1	N
	Harmonia	1	N
	Lealdade	1	N
	Aprendizagem	1	N
	União	1	N
	Proteger	1	N

Quadro 87 - 3.ª pergunta 2.º questionário

Os valores presentes na vida familiar são essencialmente o amor, o carinho e a amizade. Pois, para os alunos é essencial ter na família exemplos destes valores que os ajudem a criar

relações de afetividade de afinidade, de dedicação e de cumplicidade, uma vez que o amor possibilita o desenvolvimento e estreitamento de laços entre os membros da família; o carinho potencia o afeto e a ternura que sentem pelo outro e a amizade, que está intimamente relacionada com dois tipos de aprendizagem, permite aprender a querer bem o outro e aprender a conviver em sociedade.

A família é o berço do amor, da compreensão, do afeto, é o lugar onde as pessoas encontram o apoio necessário, mas acima de tudo, é na família que se inicia a vivência em grupo e é nesta que as crianças observam e comparam comportamentos, para posteriormente formarem conceitos. Conceitos internos e externos, aprendidos e rejeitados.

Importa referir que alguns dos valores apresentados no 2.º questionário refletem os conteúdos lecionados na *Unidade Letiva 3 - A família, comunidade de amor*. São eles: ajuda, partilha, confiança, fidelidade, disciplina, fraternidade, lealdade e união. Valores trabalhados ao longo das aulas, como se pode verificar na planificação das lições n.º 16, 18 e 19, nos anexos III, IV e V, respetivamente.

De acordo com os alunos, **viver em família** possibilita o desenvolvimento de laços de afetividade e o estreitamento de relações. “Estar para” ou “estar com” implica disponibilidade e reconhecimento do outro enquanto parte integrante do processo relacional. Estar na família não é apenas fazer parte e ser mais um, mas é encontrar o seu espaço, fazendo-se respeitar e respeitando.

Na família é vivida a experiência do acolhimento dos outros tal como eles são. Aprende-se a amar e a respeitar as diferenças de cada um, sendo possível fazer escolhas e experienciar situações que ajudem no desenvolvimento psicoafetivo das crianças.

No 2.º questionário surgem termos como “carinho, amor, amizade, brincar, respeito... memórias, fraternidade, comunidade de amor” que enriquecem a vivência familiar e a tornam repleta de aprendizagens e experiências de entreajuda, afeto e cumplicidade.

Na maioria das respostas são apresentados apenas os aspetos positivos da vivência familiar, não sendo mencionadas experiências menos positivas. Contudo, surge a noção de que viver em família implica uma gestão entre situações simples e situações mais complexas, para as quais a família deve estar preparada.

4ª Pergunta 1º questionário O que é viver em família?			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Estar	6	V
2	Feliz	4	A
	Família	4	N
3	Juntos	3	A
	União	3	N
4	Momentos	2	N
	Harmonia	2	N
	Pessoas	2	N
	Bons	2	A
	Brincar	2	V
5	Conjunto	1	N
	Discussões	1	N
	Carinho	1	N
	Importante	1	A
	Maus	1	A
	Bonito	1	A
	Aprender	1	V
	Ralhar	1	V
	Trabalhar	1	V
	Ajudar	1	V
	Dar	1	V
	Sentir	1	V
	Ficar	1	V
	Ter	1	V
	Amar	1	V
Sorrir	1	V	

Quadro 89 - 4.ª pergunta 1.º questionário

4ª Pergunta 2º questionário O que é viver em família?			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Carinho	5	N
	Carinhoso		A
2	Amor	4	N
	Amizade Amigos		N
3	Brincar	3	V
	Brincadeira		N
4	Respeito	2	N
	Respeitado		A
	Estar	2	V
	Aceitar	2	V
	Passear	2	V
	Passeios		N
4	Ajudar	2	V
	Ajudante		A
5	Memórias	1	N
	Piadas	1	N
	Momentos	1	N
	Sociedade	1	N
	União	1	N
	Fraternidade	1	N
	Comunidade de amor	1	N
	Pessoas	1	N
	Personalidade	1	N
	Conviver	1	V
	Fazer	1	V
	Dar	1	V
	Saber	1	V
	Poder	1	V
	Compartilhar	1	V
	Relembrar	1	V
	Alegre	1	A
	Conjunto	1	N
Rir	1	V	

Quadro 90 - 4.ª pergunta 2.º questionário

A noção de **família saudável** apresentada pela maioria dos alunos teve por base a sua vivência e experiência pessoal. Assim, a família saudável é descrita como um conjunto de pessoas que discutem, mas que também amam e ajudam, havendo a clara noção de que o

conflito faz parte de um processo de reestruturação e maturação de ideias.

Família saudável é aquela que convive, estabelece laços que perduram no tempo e transmite os valores essenciais para o pleno desenvolvimento da criança. Sobressaem valores como a partilha, a fraternidade, a união, a ajuda, o amor, o respeito e a educação. Valores que possibilitam um crescimento confiante e estruturado dos familiares num ambiente seguro, estável e de diversidade.

5ª Pergunta 1º questionário <u>O que é uma família saudável?</u>			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Família	8	N
2	Amor Amada Amar	6	N A V
3	Ajudar Ter	5 5	V V
4	Feliz Felicidade	4	A N
5	Saúde Estar Unida	3 3 3	N V A
6	Juntos Importante Discussões Ser	2 2 2 2	A A N V
7	Alegria Tempo Humildade Estável Conviver Viver Desmoronar Alimentar Precisar Fazer Dar Vir	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	N N N A V V V V V V V V

Quadro 91 - 5.ª pergunta 1.º questionário

5ª Pergunta 2º questionário <u>O que é uma família saudável?</u>			
Lugar	Palavras	N.º vezes	Classe palavras
1	Ter Amor Amar	7 7	V N V
2	Discussões	4	N
3	Carinho Momentos Estar Dar Ajudar Ajuda Respeitar Respeitada Vida Viver	2 2 2 2 2 2 2 2 2 2	N N V V V N V A N V
4	Saudade Problemas Amizade União Fraternidade Paz Comunidade Compartilhar Saber Brincar Passear Bons e maus	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	N N N N N N N V V V V A

Quadro 92 - 5.ª pergunta 2.º questionário

Fazendo uma breve análise quanto ao **vocabulário** utilizado pelos alunos pode concluir-se que do 1.º para o 2.º questionário houve alterações significativas, surgindo neste último, termos mais diversificados e referentes a alguns aspetos abordados ao longo da UL3. Também a construção frásica revela maior cuidado na estrutura e conteúdo.

As palavras apresentadas posteriormente são introduzidas apenas no 2.º questionário. A maioria dos alunos opta por responder utilizando nomes, ou seja, a cada uma das categorias são apresentados atributos que definem determinados sujeitos ou ações.

1ª Pergunta:

Nomes			
Laços de união	Razão	Pilar	Ajuda
Partes	Força	Coração	Lições
Segurança	Arredores	Mal	Felicidade
Local	Fraternidade	Berço Humanidade	
Adjetivos			
Várias	Respeitados	Díficeis	
Verbos			
Dividir	Receber	Contar	Confiar
Ir	Rir	Proteger	

Quadro 93 - 5.ª pergunta 2.º questionário

2ª Pergunta:

Nomes			
Família	Filhos	(laços de) sangue	Gente
Verbos			
Rodear	Dar	Chorar	

Quadro 94 - Nomes e verbos da 2.ª pergunta, 2.º questionário

3ª Pergunta:

Nomes			
Zanga	Confiança	Fielidade	Ajuda
Chatice	Disciplina	Fraternidade	Harmonia
Lealdade	Partilha	Brincadeira	União
Verbos			
Compartilhar		Proteger	

*Quadro 95 - Nomes, adjetivos e verbos da 3.ª pergunta, 2.º questionário***4ª Pergunta:**

Nomes			
Memórias	Piadas	Passeios	Amigos
Sociedade	Amizade	Amor	Fraternidade
Comunidade de amor	Respeito	Estilo	Personalidade
Brincadeira			
Adjetivos			
Alegre	Respeitado	Ajudante	Carinhoso
Rodeado	Próprio	Giro	
Verbos			
Conviver	Rever	Fazer	Saber
Compartilhar	Relembrar	Aceitar	Passear

*Quadro 96 - Nomes, adjetivos e verbos da 4.ª pergunta, 2.º questionário***5ª Pergunta:**

Nomes			
Saudade	Problemas	Amizade	Carinho
União	Fraternidade	Paz	Vida
Ajuda	Momentos	Comunidade	
Adjetivos			

Respeitada	Bons	Maus	Mais
Verbos			
Compartilhar	Saber	Brincar	Passear
Respeitar		Andar	

Quadro 97 - Nomes, adjetivos e verbos da 5.ª pergunta, 2.º questionário

É de notar que os vocábulos *amor*, *carinho*, *amizade* e o verbo *ser*, surgem várias vezes associados à família. Os três primeiros valores revelam-se primordiais para o desenvolvimento de laços afetivos entre os membros da família, onde existe espaço para a individualidade de cada sujeito, onde o “eu” e o “outro” se cruzam e unem perante aspetos do dia a dia. Quanto ao verbo *ser*, deixa transparecer a realidade das famílias apresentadas. Onde cada membro da família deve ser para o outro, mais do que estar importa ser realmente, exprimindo assim a consciência da existência dos outros ao seu redor e na sua vida familiar.

Quanto aos **tempos verbais** utilizados nos questionários, destacam-se o presente do indicativo e o infinitivo impessoal. Tal como apresenta o gráfico 6.

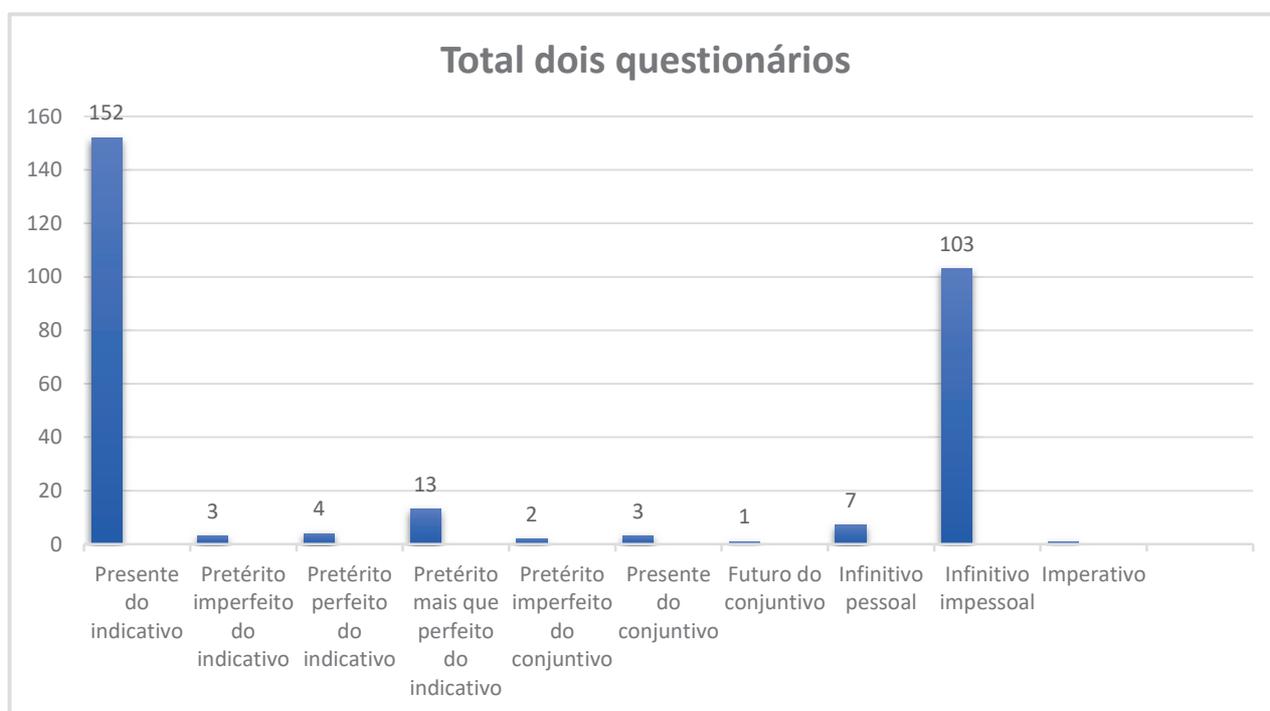


Gráfico 6 - Tempos verbais nos dois questionários

“Com o modo indicativo exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal”¹¹⁷.

O presente do indicativo pode empregar-se para enunciar um facto atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala; para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei; para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala; para dar vivacidade a factos ocorridos no passado; para marcar um facto futuro, mas próximo.

Neste caso concreto, o presente do indicativo coloca a ação no exato momento em que é descrita pelos alunos, dando a entender esta como realidade comum na vivência familiar.

Quanto ao infinitivo, a escolha deste modo verbal depende da reflexão feita sobre a ação ou do intuito ou da necessidade de se colocar em evidência o agente da ação. Assim o infinitivo impessoal exprime uma ação sem sujeito definido, podendo qualquer um dos membros da família assumir as ações mencionadas pelos alunos.

Em **traços gerais**, é possível afirmar que existe alguma diversidade no conceito de família, uma vez que são vários os tipos de estrutura familiar presentes, contudo é de considerar que todas as crianças neste estudo, de alguma forma, já adquiriram a sua perspectiva acerca desse mesmo conceito. Houve crianças que mostraram ter um conceito bastante alargado, incluindo pessoas que servem de estrutura de apoio familiar e auxiliam os pais tomando conta e cuidando deles. Outras construíram um conceito restrito, baseado nas pessoas com quem vivem. E ainda que tenham sido capazes de definir com alguma clareza a estrutura familiar, esta não é uma pergunta para a qual exista uma única resposta, pois o conceito de família é tão vasto quanto o número de pessoas a quem se solicite uma definição. Ainda assim, a afetividade foi sempre um fator constante.

A perspectiva da criança é condicionada por toda a sua vivência, pelo meio que a rodeia, pela educação, pelo afeto e pelo modo como a sua própria família está estruturada ou pela

¹¹⁷ C. CUNHA, L. CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1996, 447.

ausência desta mesma estrutura. No entanto e, tendo em conta os objetivos assinalados no Capítulo III e os objetivos propostos pelo Programa de EMRC, edição 2014 pode concluir-se que a *Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor* permite ao aluno desenvolver conceitos e trabalhar conteúdos adequados à sua faixa etária e às diferentes realidades que o rodeiam. A UL responde eficazmente a aspetos práticos do quotidiano do aluno, havendo, ainda assim, a necessidade de o professor adaptar as temáticas ao grupo com o qual trabalha.

3. Síntese reflexiva das aulas lecionadas

A *Unidade Letiva 3 - A família, comunidade de amor* vem no seguimento de duas unidades que têm como principal objetivo ajudar os alunos a valorizar a mudança como condição do crescimento humano, introduzindo nestes aspetos relevantes para a inserção nos diferentes grupos que constituem a sociedade. A UL3 trabalha especificamente o grupo família, grupo essencial que está na origem da vida humana, onde se educa e se cresce no amor. Tal como afirma o Papa Paulo VI, “a família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade. [...] O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade”¹¹⁸.

Apesar das constantes mudanças sociais e culturais, a família é ainda um pilar na sociedade contemporânea.

Quanto aos domínios apresentados no programa de Educação Moral e Religiosa Católica, é de salientar que a UL3 trabalha dois desses três domínios, ficando de fora o domínio da “religião e experiência religiosa”. A especificidade deste não encontra lugar nos conteúdos apresentados na UL, uma vez que a abordagem realizada tende a privilegiar e valorizar as funções, valores na vida familiar e o projeto de Deus para a família. No domínio “ética e moral” as metas trabalhadas na UL3 são a M, “reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano” e a P, “identificar o fundamento religioso da moral cristã”. Tendo em conta os conteúdos abordados na UL3, talvez fosse pertinente acrescentar a meta N, “promover o bem comum e o cuidado do outro”, pois a família é um dos primeiros grupos onde se desenvolvem valores que estruturam o “eu” tendo em vista o “nós”.

¹¹⁸ GS, 47

Apesar da complexidade das temáticas trabalhadas nesta unidade, os resultados foram bastante positivos. Os alunos estiveram sempre disponíveis e motivados para aprender e explorar a temática. A abordagem realizada com os alunos foi “suave e subtil”, ou seja, houve sempre a preocupação em contextualizar os conteúdos e de colocar os alunos à vontade para manifestarem algumas dificuldades que fossem surgindo. Para isso contribuiu a relação estabelecida entre os alunos e de estes para com a professora estagiária, sendo possível trabalhar com o grupo, responsabilizando-os progressivamente quanto às atitudes e aprendizagens. À medida que as aulas decorriam era possível identificar alguns aspetos elencados por Erikson. Por exemplo, nesta fase o desenvolvimento pessoal e emocional dos alunos vira-se para o exterior, ou seja, a família continua a

“ser uma importante base de apoio, de onde se parte e aonde se regressa cada dia, mas a escola, uma micro sociedade com as suas diferenças e grupos, é a arena do desenvolvimento, assim como as crianças da vizinhança ou das atividades extracurriculares. Como cognitivamente o desaparecimento progressivo do egocentrismo lhes permite ouvir e falar com as outras crianças, o diálogo entre pares é um novo instrumento de interação e desenvolvimento, dando lugar a confidências e discussões genuínas”¹¹⁹.

Neste sentido, foi gratificante para a professora estagiária vê-los crescer e acompanhar o processo de cada um na “procura do outro”, sem nunca deixar de parte o seu “eu”. Estas são crianças com uma enorme capacidade de resiliência, onde, talvez, o contexto social que as envolve seja o principal responsável. E tendo em conta este contexto houve o cuidado de criar com os alunos uma relação de empatia, que permitisse perceber e respeitar as diferenças culturais e sociais. Para que não houvesse constrangimentos desnecessários e principalmente para que os alunos sentissem vontade de fazer parte do processo de aprendizagem, que os conteúdos se adequassem à sua realidade. Nem sempre foi fácil, mas foi assim que a professora teve a possibilidade de os conquistar, entrando no seu mundo. E ao mesmo tempo, mostrando-lhes um pouco do Mundo que ainda desconhecem. Arends corrobora esta ideia dizendo

¹¹⁹ C. SÁ CARVALHO, *Curso Geral de Catequistas – Psicologia*, SNEC, Lisboa, maio de 2004, 41.

“a coisa mais importante que os professores podem controlar são as suas próprias atitudes e opiniões em relação às crianças, especialmente quando têm alunos com origens diferentes das suas. Acreditar que cada criança pode aprender e que todas veem o mundo através da sua própria lente cultural pode deslocar o fardo da falta de motivação e desempenho de onde é frequentemente colocado as origens da criança para onde este normalmente pertence uma escola e uma sala de aula pouco compreensivas”¹²⁰.

Outra característica preponderante dos alunos do 5.ºC/D foi o interesse em aprender fazendo. Pois, nesta etapa (idade escolar, segundo Erikson) as crianças desenvolvem um sentido geral de mestria pessoal.

“O sucesso traz consigo um sentido de indústria, de capacidade de produzir e realizar, um sentimento agradável sobre si mesmo e das suas aptidões. [...] O comportamento está orientado para fazer coisas, sobretudo em conjunto, e para competir”¹²¹.

“Fazer” foi a palavra de ordem, levar os alunos a experimentar, a produzir, a errar para depois voltar a tentar, a serem participantes ativos nas aulas... Criando na aula de EMRC um espaço que lhes possibilitasse aprender fazendo, através das dinâmicas e estratégias propostas. O trabalho de grupo foi uma das metodologias mais eficazes nesta turma. Em conjunto conseguiram colmatar as dificuldades individuais e atingir os objetivos. Havendo um ambiente de aprendizagem agradável, seguro e estável, no qual os alunos tinham um certo grau de independência e assumiram alguma responsabilidade pela sua própria aprendizagem.

¹²⁰ R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 2008, 155.

¹²¹ C. SÁ CARVALHO, *Curso Geral de Catequistas – Psicologia*, 42.



Figura 4 - Placard trabalho grupo (início)



Figura 5 - Placard trabalho grupo (final)

Elizabeth Cohen destaca vários aspetos positivos do trabalho de grupo, tais como:

“são intrinsecamente interessantes, recompensadoras e desafiantes; incluem mais do que uma resposta ou forma de resolver o problema; permitem que diferentes alunos façam contribuições distintas; envolvem várias formas de utilizar os sentidos da visão, audição e tato; requerem uma variedade de competências e de comportamentos; requerem a realização de leituras e escrita”¹²².

Os alunos da turma 5.ºC/D apresentavam uma aprendizagem heterogénea e diversificada, havendo da parte da professora um grande investimento nos **materiais pedagógicos** a utilizados. Pois a turma tinha alunos com bastante criatividade e motivação para as tarefas e alunos com algumas dificuldades de aprendizagem, que nem sempre conseguiam acompanhar os colegas.

Dos materiais utilizadas destaca-se o sucesso das personagens Maria e Miguel, que tinham como principal objetivo colocar os alunos a participar na aula; a caixa surpresa, que dava o mote para iniciar todas as aulas e os envolvia automaticamente na dinâmica da aula;

¹²² R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 2008, 161.

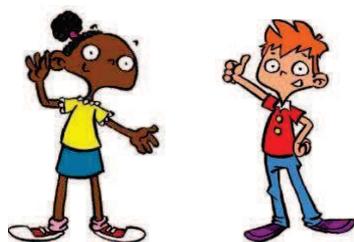


Figura 6 - Maria e Miguel



Figura 7 - Caixa Surpresa

os autocolantes, que eram colocados no caderno diário, possibilitando aos alunos realizarem um percurso ao longo do ano letivo; as imagens, que chamavam à atenção dos alunos e os prendiam aos conteúdos que estavam a ser lecionados;



Figura 8 - Autocolante "Família é..."

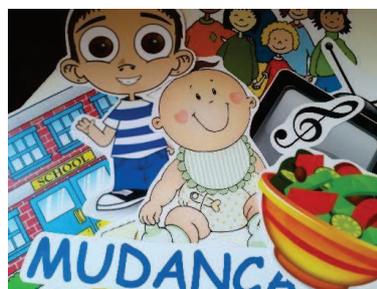


Figura 9 - Imagens

a família Silva, que fez parte do imaginário de todas as aulas relacionadas com a *UL3 - A Família, comunidade de amor*. Esta família, tão comum como qualquer outra ajudou os alunos a identificarem-se com o tema e participarem ativamente nas aulas;



Figura 10 - Família Silva

o jornal "Palestina News" (<https://prezi.com/yo-llq3apmx4/palestina-news/>), que recorreu aos avós da família Silva para criar o imaginário da aula (o jornal tinha sido encontrado no

sótão dos avós Silva que curiosamente partilharam com a turma 5.ºC/D);



Figura 11 - Palestina News

a Banda Desenhada “As Janelas douradas”, que retratou a história através das imagens, levando os bonecos da BD a interagir com os alunos;

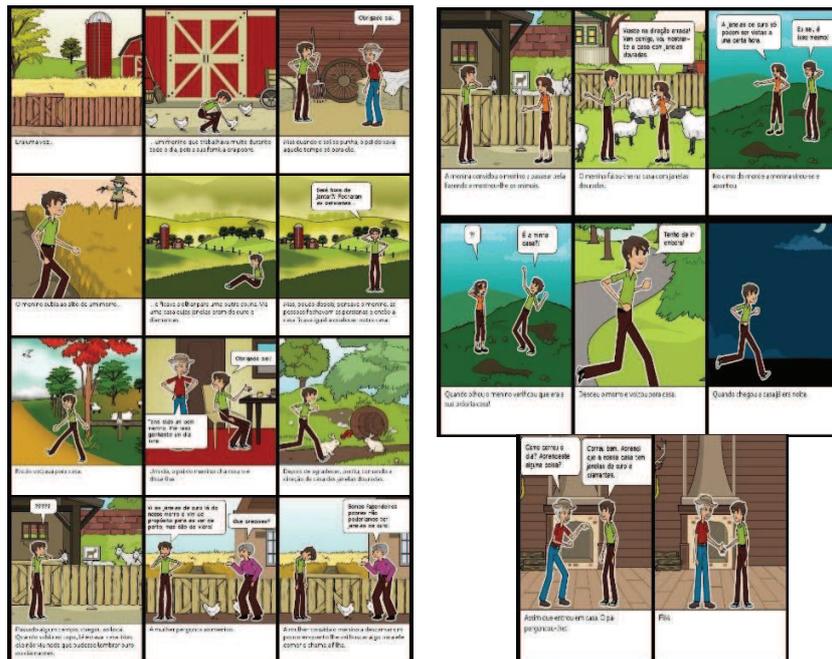


Figura 12 - Banda Desenhada

os retalhos da Manta, que complementaram a história *A Manta* de Isabel Martins e Iara Kono;



Figura 13 - Manta de retalhos

o trabalho de grupo sobre a *UL3 - Família, comunidade de amor*, que levou os alunos a refletirem sobre os conteúdos trabalhados e a interagirem uns com os outros; os placards “Conceito de família tradicional e atual” e “Casa” (figura 5), possibilitaram que os alunos visualizassem de forma esquemática o conteúdo, tendo em simultâneo a hipótese de se apropriarem do material, sentindo que também eles participaram na sua construção. Uma vez que os contributos dos alunos eram colocados nos placards.



Figura 14 - Placard “Conceito de família tradicional e atual”

Todas estas estratégias e dinâmicas foram pensadas e criadas com muito empenho e dedicação. Cada material criado teve um toque pessoal e foi cuidadosamente pensado para os alunos do 5.ºC/D.

Os materiais pedagógicos tiveram um papel fundamental na Prática de Ensino Supervisionada, tal como refere Arends

“a utilização de jogos, puzzles e de outras atividades convidativas e com a sua própria motivação intrínseca, é outra forma de os professores tornarem as aulas interessantes para os alunos. Da mesma forma, a utilização de várias atividades e

métodos de instrução (exposições orais, trabalho no lugar, debates, trabalho em grupo) ajuda a que os alunos se mantenham interessados na escola e no seu trabalho escolar”¹²³.

As planificações nível I e II encontram-se no anexo II, de forma a clarificar alguns aspetos enunciados anteriormente.

Quanto à gestão em sala de aula, pode afirmar-se que o tipo de gestão colocada em prática nas aulas foi a preventiva, antecipando alguns aspetos para que o resultado fosse o mais eficaz possível. Estabelecendo regras e procedimentos, o que os alunos deviam ou não fazer e a forma de fazer com que o trabalho e/ou as atividades fossem realizados; criando procedimentos que tornaram o discurso na sala de aula mais satisfatório e produtivo (falar um de cada vez, ouvir as ideias dos outros, levantar o braço e esperar pela sua vez, breves pausas feitas pela professora); evitando os tempos mortos ou arranjando estratégias para que esses tempos não causassem comportamentos desadequados (alunos que terminassem o seu trabalho iriam ajudar outros ou iniciariam outra atividade); mantendo a consistência e coerência quanto ao cumprimento das regras e dos procedimentos e prevenindo comportamentos inadequados com naturalidade e ímpeto.

Olhando para a disciplina de EMRC, é possível perceber que atualmente, os professores são confrontados com o facto de levarem às crianças e aos jovens a grande novidade que é conhecer a experiência religiosa. Esta, ao ser apresentada, está a desafiar os alunos a sair de si mesmos, convidando-os a olhar para os outros e para diferentes realidades, onde é oferecido um ambiente de pluralidade, podendo a experiência religiosa contribuir assim para encontrar mecanismos que trabalhem conflitos de maneira criativa. Cabe ao professor de EMRC o grande desafio de, através da sua presença e testemunho, ajudar os restantes a encontrar esperança perante as dificuldades e obstáculos da vida, sendo sinal da presença de Deus.

Nas aulas de EMRC, a professora estagiária deparou-se com algumas situações de diversidade de confissões religiosas ou de falta de identificação com alguma religião. À partida, estes factos poderiam parecer impeditivos na concretização das aulas. Mas,

¹²³ *Ibidem*, 157

aprofundando a questão percebeu-se que o olhar para outras experiências religiosas, leva os alunos, que não são católicos, a sentirem-se integrados, dando-se oportunidade ao restante grupo de alargar o seu conhecimento sobre o fenómeno religioso. A EMRC é assim desafiada a acolher a variedade religiosa que existe na escola, e é incitada a levar os seus ensinamentos àqueles que não vivem nenhuma experiência religiosa. Os pais inscrevem os filhos na esperança de lhes serem transmitidos alguns valores, assumindo assim a disciplina como algo positivo para a educação dos seus educandos.

No decorrer da experiência de lecionação em EMRC, a professora verificou grandes divergências entre o ensino público e o ensino privado, sendo que no primeiro, o esforço para cativar os alunos é inevitável e necessário, para que estes escolham como opção as aulas de EMRC. No ensino privado, a questão da disciplina como opção não se coloca, mas os constantes desafios prendem-se com a aceitação e seriedade da disciplina, quer pelos alunos quer pelos restantes agentes do processo educativo. Como resposta a estes desafios, a disciplina de EMRC deve ser vista como uma aula que permite o reconhecimento da identidade dos alunos e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promovendo este, a partir do diálogo entre os saberes adquiridos noutras disciplinas e os valores cristãos. A aula de EMRC torna-se o único espaço em que muitos alunos têm a possibilidade de abordar e aprofundar a dimensão religiosa.

Estes aspetos mereceram especial reflexão, uma vez que a professora não lecionava EMRC há alguns anos no ensino estatal, foi importante perceber o contexto dos alunos, recolher informações sobre a escola e a comunidade educativa, adequar conteúdos, estratégias, metodologias, dinâmicas... tendo sempre no horizonte as aprendizagens. A PES ajudou a repensar conceitos e a reajustar alguns comportamentos, ou seja, a ser uma professora mais eficaz, com qualidades pessoais adequadas para desenvolver relações genuínas com os alunos, uma professora que compreende a base de conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem, a ter as atitudes e competências necessárias para refletir e resolver problemas, tendo em consideração que as bases científicas do ensino se aprendem sobretudo através do estudo da investigação e da sabedoria da prática acumulada pelo exercício da profissão.

De acordo com Arends, o trabalho de um professor pode ser conceptualizado em torno de três funções principais: liderança, instrucional e organizacional. Ao longo da PES foi possível

desenvolver e trabalhar estes aspetos, motivando os alunos, planeando e distribuindo diferentes recursos. Aplicando métodos e processos para a instrução semanal dos alunos¹²⁴. Quanto aos aspetos organizacionais, claramente se percebeu que o trabalho a desenvolver não passava apenas pela sala de aula, que toda a comunidade escolar e as respetivas atividades deveriam ser tidas em conta. Fazendo parte integrante da escola foi dever da professora, acompanhar e desenvolver com os professores e funcionários uma relação de parceria e ajuda. Estes foram cruciais na atividade de EMRC, disponibilizando-se prontamente para ajudar, quer na cedência de espaços, no empréstimo de materiais, no tempo que acompanharam e na partilha de ideias, sendo excecionais e incansáveis. Esta comunidade educativa que apesar de enquadrada num contexto social e cultural desfavorecido tem uma capacidade incrível de “dar a volta” e de se adaptar a diferentes situações. Persistentes e cooperativos para um bem comum, a aprendizagem dos alunos.

Outro ponto que contribuiu para o desenvolvimento das atitudes e de competências profissionais foi a ajuda do professor cooperante, o prof. Toni, tendo sido um ponto-chave nos acertos, correções e sugestões para planificações, dinâmicas, atividades, estratégias e metodologias. Também os colegas de estágio, Fernando Apolinário e João Brandão foram um enorme apoio e referência, sempre prontos a ajudar e a cooperar. As dificuldades encontradas no estágio e no decorrer do 2º ano de Mestrado aproximaram e tornaram os estagiários parceiros e, mais importante, amigos. Qualquer dúvida era debatida em grupo, qualquer estratégia pensada em grupo, qualquer decisão pensada em grupo... ou seja, em grupo houve a possibilidade de crescer e conseguir ultrapassar os aspetos mais desafiantes que surgiam nas turmas, sobretudo na turma do 7ºano, uma turma de EMRC que reunia três turmas diferentes e com comportamentos muito característicos, para os quais houve necessidade de encontrar resposta e experimentar várias estratégias. No final do ano letivo, este trabalho em conjunto teve reflexo nas turmas onde decorreu a leção.

¹²⁴ *Ibidem*, 161

CONCLUSÃO

A *Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor* despertou em mim grande interesse e motivação, pois, enquanto professora que estudou anteriormente psicopedagogia, sempre existiu curiosidade sobre o tipo de relacionamento que as pessoas estabelecem umas com as outras e a forma como o fazem. Esta foi a oportunidade para refletir sobre a família e a ideia que as crianças têm desta. Tendo em conta que, ao longo dos séculos, a família tem sido instrumento de vários estudos, reflexões e pensamentos, pareceu pertinente trabalhar esta temática com os alunos.

Concretamente nesta Unidade Letiva, os conteúdos relacionam-se de um modo bastante direto com a experiência de vida de cada um dos alunos, sendo estes capazes, com alguma facilidade, de refletir sobre a sua própria família e perceber o modo como o amor circula entre os seus membros e a forma como ajuda na construção da sociedade. Os conceitos e conteúdos aprendidos nas aulas devem poder ser aplicados em vários contextos vitais, permitindo aos alunos aprofundar a forma como vivem este amor, adaptando-se aos desafios que a experiência familiar lhes vai lançando.

Ao longo do Relatório são discutidas várias conceções de família sob o ponto de vista sociológico e o ponto de vista teológico. Mais especificamente são abordados documentos do Magistério, tais como Constituição *Gaudium et Spes*, 1965, V Assembleia do Sínodo dos Bispos, 1980, Exortação *Familiaris Consortio*, 1981, *Relatio Synodi*, 2014, *Relatio Finalis*, 2015 e Exortação *Amoris Laetitia*, 2016. De forma a complementar as diferentes conceções foi escolhido um elenco de autores que pareceram significativos, também pela sua experiência em temáticas sobre a família e sobre a escola, e sem um esforço declarado de representatividade científica no sentido em que este relatório não se confunde com uma monografia sobre a família.

Ao longo do trabalho, são encontradas diversas conceções e representações sobre a família, contudo este não pretende ser uma monografia extensa sobre a conceção de família, mas antes um pequeno teste aos produtos da lecionação da *UL 3 – A Família, comunidade de amor*, que apresenta a família de acordo com a perspetiva cristã. Tal como afirma o Papa Francisco, deve ter-se em conta que

“muitas famílias, que estão bem longe de se considerarem perfeitas, vivem no amor, realizam a sua vocação e continuam para diante embora caiam muitas vezes ao longo do caminho. Partindo das reflexões sinodais, não se chega a um estereótipo da família ideal, mas um interpelante mosaico formado por muitas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos. As realidades que nos preocupam, são desafios. Não caímos na armadilha de nos consumirmos em lamentações autodefensivas, em vez de suscitar uma criatividade missionária. Em todas as situações, a Igreja sente a necessidade de dizer uma palavra de verdade e de esperança. (...) Os grandes valores do matrimónio e da família cristã correspondem à busca que atravessa a existência humana”¹²⁵.

Também o Papa João Paulo II vê a família como a mais pequena e primordial comunidade humana que sempre foi considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. No seu núcleo essencial, esta visão não mudou nos nossos dias. A família é realmente uma comunidade de pessoas, para quem o modo próprio de existir e viver juntas é a comunhão: comunhão de pessoas¹²⁶. No entanto, através da variedade de definições, é possível perceber-se a dificuldade em encontrar um significado que sirva para todas as famílias. Tal como indica François de Singly, a “fluidez”¹²⁷ que se encontra no conceito de família na modernidade não permite a apresentação de uma definição específica. A aproximação ao conceito fica distante da família como unidade universal, apresentando-se como um termo com limites e muitas definições. Um privilegia alguns elementos, outras privilegia outros. No entanto, é claro que a família procura estabilizar e perpetuar aspetos chave nos números e tipos de família. O conceito de família é relativo, não absoluto; qualquer definição é sempre incompleta e condicionada. A família, no sentido a que o senso comum se refere, é uma construção social, uma vez que representa um modo de agir e de pensar

¹²⁵ FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 57.

¹²⁶ Cfr JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às famílias*, 2 fevereiro 1994, n.7, in http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jpii_let_02021994_families_p_o.htm (consultado em 10 de outubro de 2018).

¹²⁷ F. DE SINGLY, *Sociologia da família contemporânea*, 7.

coletivo, que evoluiu ao longo do tempo em relação com a organização e o funcionamento da sociedade.

Quanto aos questionários analisados no capítulo IV deste trabalho, é possível encontrar evolução nas respostas dos primeiros questionários para os segundos. Na primeira aplicação do questionário, as respostas dadas pelos alunos têm por base apenas as suas vivências familiares. São respostas que se baseiam no seu quotidiano, nas suas rotinas, naquilo que são as suas próprias famílias e no que percebem que deve ser uma família. A maioria das respostas apresentam-se no presente do indicativo, dando a indicação de ações que se desenvolvem no momento exato em que são descritas, ou seja, no dia a dia das crianças.

Encontra-se uma enorme riqueza afetiva nas respostas dadas pelos alunos que facilmente descrevem a sua realidade, mesmo que, por vezes, esta não seja a mais desejada.

Olhando para as respostas dadas pelos alunos nos segundos questionários, aplicados após a leção desta unidade, percebem-se alguns traços em comum com as ideias apresentadas no capítulo I deste trabalho. A família surge enquanto lugar de destaque, sítio privilegiado para se estar, aprender, ajudar e ser feliz. A família é também uma “força”, que une os seus membros e os faz mover, tornando-os mais fortes e capazes de realizar feitos únicos. Esta é a “força” que os faz viver, a razão da sua existência, não sendo apenas uma conotação que se prende à presença física, mas que se relaciona também com o sentido da vida, da existência. Nada faria sentido sem a família, esta é o suporte. Família que é o “berço da vida humana, berço que ama, que faz crescer e educa para esse mesmo amor”¹²⁸, ou seja, “comunhão de pessoas”, como apresenta o Papa João Paulo II.

A noção de “conjunto de pessoas” apresentada por muitos dos alunos transmite a ideia de união e relação entre os membros da família. Estes são chamados a terem parte ativa na construção de laços afetivos e valores orientadores que permitam desenvolver sentimentos de ternura, entendimento, concordância, empatia e fraternidade. Este último é apresentado enquanto elemento de ação que promove o amor e o afeto em relação ao outro, sendo possível, na família, aprender a viver a pertença e a estabelecer uma ligação comum, que leve ao projeto de amor, projeto este alicerçado no Amor de Deus.

Após a leção da UL3, a maioria dos alunos revelaram maior capacidade reflexiva,

¹²⁸ E. URBANO, S. MARTINS, M. PIRES, *Conta Comigo. Manual do 5.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 66.

colocando no horizonte o respeito que deve existir entre os elementos da família, pelos outros e pela sociedade, em geral; a ajuda que se revela fulcral em qualquer relacionamento e a amizade que se faz acompanhar pelo cuidado ao outro, a ternura e o carinho. O foco da vivência familiar passa a incidir na capacidade de “viver em sociedade”, ou seja, de pensar a família em relação com os outros, havendo a clara percepção de que esta estabelece laços com outros elementos, fora do círculo familiar, e que esses laços são significativos e influenciam as ligações familiares.

A família permite aos alunos crescerem e “treinarem” a forma como devem desenvolver as relações em sociedade. Os pais, irmãos, avós, tios, primos, padrinho, entre outros, são essenciais para que a criança experiencie relacionamentos e para que perceba como deve agir com os outros, adquirindo valores como o respeito, a compreensão e a cooperação. A família é pensada não só como uma instituição dotada de obrigatoriedades, mas também como um grupo de pessoas que criam entre si relações de amizade, entreajuda, afeto e proximidade. Família enquanto responsável pelo sentido da vida, não sendo a única razão de viver, mas sendo uma das, pois, para além da família, surgiram com o crescimento e amadurecimento dos alunos outras razões que dão sentido à vida.

Tendo em conta todas as razões anteriormente expostas, é possível afirmar que houve alteração das representações de família que os alunos apresentavam com a lecionação da *Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor*.

Após a reflexão teológica e sociológica apresentada no capítulo I sobre a família e da prática letiva supervisionada, concluo que a forma mais eficaz de lecionar a *Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor* é aquela que teve por base ao longo das aulas lecionadas na Escola Damião de Góis, ou seja, perante o contexto sociocultural que circunda a escola, houve a necessidade de fazer algumas adaptações quanto a metas, objetivos e conteúdos, para que os conteúdos fizessem sentido e trouxessem algo de novo aos alunos. Os aspetos teológicos e sociológicos foram uma mais valia para capacitar a professora estagiária de “ferramentas” eficientes, que conseguissem dar respostas coerentes aos anseios dos alunos. Estes revelaram-se interessados e com uma enorme capacidade para aprender fazendo, pois, nesta etapa (idade escolar, segundo Erikson) as crianças desenvolvem um sentido geral de mestria pessoal. “O sucesso traz consigo um sentido de indústria, de capacidade de produzir e realizar, um sentimento agradável sobre si mesmo e das suas aptidões. [...] O

comportamento está orientado para fazer coisas, sobretudo em conjunto, e para competir”¹²⁹. Assim, “fazer” foi a palavra de ordem, levar os alunos a experimentar, a produzir, a errar para depois voltar a tentar, a serem participantes ativos nas aulas, criando na aula de Educação Moral e Religiosa Católica um espaço que lhes possibilitasse aprender fazendo através das dinâmicas e estratégias propostas.

Tendo em conta os aspetos anteriormente mencionados, é pertinente reconhecer que a EMRC quer ajudar os alunos a procurar o sentido último da realidade, avançando assim com a proposta cristã, na qual se encontra a relevância do “eu enquanto tu”, ou seja, o ser humano só é verdadeiramente livre, quando o é em relação com os outros, conduzindo ao desenvolvimento da própria identidade pessoal e à autoafirmação da mesma, “que acontece sempre no processo de vai e vem a partir da interioridade do eu mais pessoal para os outros, e vice-versa”¹³⁰.

¹²⁹ C. SÁ CARVALHO, *Curso Geral de Catequistas – Psicologia*, SNEC, Lisboa, maio de 2004, 42.

¹³⁰ J. AMBROSIO, *EMRC e cidadania, apontamentos proporcionados pelo professor*.

BIBLIOGRAFIA

Documentos eclesiais

BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias*, 8 de Julho de 2006, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo.html.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição “Gaudium et Spes”*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição “Lumen Gentium”*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração “Gravissimum Educationis”*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.

FRANCISCO, *Como ser família*, 2015, in <http://www.leigos.pt/index.php/documentos/818-como-ser-familia>.

JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às famílias*, 2 fevereiro 1994, in http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jpii_let_02021994_families_po.htm.

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica “Familiaris Consortio”*, Editorial, A.O., Braga, 1982.

PAULO VI, *Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”*, Editorial, A.O., Braga, 1978.

III ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Synodi Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, (18 de outubro de 2014), 11, in http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi_familia_po.html#O_olhar_sobre_Cristo:_o_Evangelho_da_fam%C3%ADlia_.

XIV ASSEMBLEIA ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Finalis A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, (24 de outubro de 2015), 14, in http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-

[finale-xiv-assemblea_po.html](#).

Autores

AMARO, Fausto, *Sociologia da família*, Pactor, Lisboa, 2014.

AMBROSIO, Juan, *A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais. Apontamentos proporcionados pelo professor*, UCP, ano letivo 2016/2017.

AMBROSIO, Juan, *O fenómeno religioso. Apontamentos proporcionados pelo professor*, UCP, ano letivo 2016/2017.

AMBROSIO, Juan, *A opção metodológica em EMRC, apontamentos proporcionados pelo professor*, UCP, ano letivo 2016/2017.

AMBROSIO, Juan, *EMRC e cidadania, apontamentos proporcionados pelo professor*. UCP, ano letivo 2016/2017.

AMBROSIO, Juan, “Identidade Cristã e Cidade dos Homens”, *Didaskalia*, Vol. XXXVII, 2007, Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa, 309-326.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1997.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw-Hill, Madrid, 2008.

BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*, Edições 70, Lisboa, 2016.

CARNEIRO, Maria do Rosário, “Um filho é um sítio único, é uma possibilidade única. É uma aventura, é uma dádiva”, *Boletim Salesiano* 543, 2014, 9-15.

COELHO, Francisco - OLIVEIRA, Guilherme, *Curso de Direito da Família*, Policopiada Editora, Coimbra, 1986.

COSTA, Maria, *Convivência More Uxorio na Perspectiva de Harmonização do Direito da Família Europeu: Uniões Homossexuais*, 1ª Edição, Coimbra Editora, Coimbra, 2011.

CUNHA, Celso - CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições Sá da Costa, Lisboa, 1996.

DE SINGLY, François, *Sociologia da família contemporânea*, Edições Texto & Grafia,

Lisboa, 2010.

DIAS, Isabel, *Sociologia da família e do género*, Pactor, Lisboa, 2015.

DIAS, Maria Olívia, “Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – o processo de comunicação no sistema familiar”, *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu, Nº 19, 2011, 139-156.

FREIXO, Manuel, *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*, Instituto Piaget, Lisboa, 2013.

GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, *Censos 2011*, in https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_bo ui=107624784&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2 (consultado a 11 outubro 2018).

LEANDRO, Maria Engrácia, *Configurações e dinâmicas familiares*, in REBELO PINTO, Helena – SARDICA, José (coord.), *Família, essência e multidisciplinidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 196-212.

LEITÃO, Henrique, *A Inutilidade da Educação, apontamentos proporcionados pelo professor*, UCP, ano letivo 2016/2017.

LISBOA, Roberto, *Manual de direito civil*, in <https://books.google.pt/books?id=g4VnDwAAQBAJ&pg=PT149&lpg=PT149&dq=institutos+romanos+concubinatos+e+contubernium&source> (consultado a 1 de novembro de 2018).

LOBO XAVIER, Rita, *Questões atuais de Direito da Família*, in REBELO PINTO, Helena – SARDICA, José (coord.), *Família, essência e multidisciplinidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 103-119.

LOMBARDIA, Pedro - ARRIETA, Juan, *Código de direito civil anotado*, Theologica, Braga, 1984.

LÓPEZ GUZMÁN, Maria Dolores, “Mucho más que entregarse”, *Sal Terrae*, 99, 2011, 565-578.

MARCELINO, António, *A Vida também se lê*, III Vol., Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.

MIRANDA, Jorge, *A relevância constitucional da Família*, in REBELO PINTO, Helena –

SARDICA, José (coord.), *Família, essência e multidisciplinariedade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 87-102.

MÜLLER, Gerhard, *O matrimónio: Verdadeiro sacramento da nova aliança*, in G. AUGUSTIN, George (coord.), *Matrimónio e família*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015, 93-114.

PAGLIA, Vincenzo, “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, *Eborensia*, Ano 29/50, 2016, 20.

SÁ CARVALHO, Cristina, *Curso Geral de Catequistas – Psicologia*, SNEC, Lisboa, maio de 2004.

SÁ CARVALHO, Cristina, “Para uma Evangelização inovadora – Dar razões de confiança à família”, *Theologica*, Vol. XLVII, 2012, 597-615.

SANTOS, Elismar, *A Relação Matrimonial na Atualidade: Provocações para uma Reflexão*, 336, in <http://revistaeclesiacbrasilera.itf.edu.br/reb/article/view/203>

SAULNIER, Christiane - ROLLAND, Bernard, *A Palestina no tempo de Jesus*, Paulus, São Paulo (Brasil), 1983.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: finalidades, metas, objetivos e conteúdos*, SNEC, Moscavide, 2014, 58-59.

SEGALEN, Martine, *Sociologia da Família*, Terramar, Lisboa, 1999.

SHOCKENHOFF, Eberhard, “O futuro da família. Fundamentos antropológicos e desafios éticos”, in AUGUSTIN, George (coord.), *Matrimónio e família*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015, 15-30.

SOUSA, Júlio, “As famílias como projetos de vida: o desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade”, *Saber (e) Educar 11*, 2006, 41-47.

TEDESCU, Juan Carlos, *O novo projeto educativo*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2000.

TORRES, Anália, *Estudo longitudinal de uma geração nascida nos anos 90 do século XX em Portugal; Conferência de Apresentação de Resultados do Projeto: EPITeen24, Reproduzir ou contrariar o destino social?* in <http://capp.iscsp.ulisboa.pt/pt/reproduzir-ou->

[contrariar-o-destino-social-estudo-longitudinal-de-uma-geracao-nascida-nos-anos-90-do-seculo-xx-em-portugal](#) (consultado a 11 outubro 2018).

URBANO, Elisa - MARTINS, Sérgio - PIRES, Mónica, *Conta Comigo. Manual do 5.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Torres Novas, 2015.

Legislação

Constituição da República Portuguesa, in <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx#art26> (consultado a 5 de outubro de 2018).

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, *Lei de Bases de Sistema Educativo* in http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1744&tabela=leis (consultado a 18 de outubro de 2018).

Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, *Proteção das uniões de facto*, in http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=901&tabela=leis (consultado a 1 de novembro de 2018).

Decreto-Lei n.º 47344, série I de 25 de novembro de 1996, in http://bdjur.almedina.net/citem.php?field=item_id&value=972351 (consultado a 18 de outubro de 2018).

Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, *Casamento civil entre pessoas do mesmo sexo*, in https://dre.pt/pesquisa/-/search/332460/details/normal?p_p_auth=A8KMjiDi (consultado a 1 de novembro de 2018).

ANEXOS

ÍNDICE

Anexo I (Ficha de caracterização do aluno)	V
Anexo II (Planificação nível I e II)	VIII
Anexo III (Planificação nível IV. Lição n.º 16)	IX
Anexo IV (Planificação nível IV. Lição n.º 18)	X
Anexo V (Planificação nível IV. Lição n.º 19)	XI
Anexo VI (1.º Questionário da aluna a)	XII
Anexo VII (2.º Questionário da aluna a)	XIII
Anexo VIII (1.º Questionário da aluna b)	XIV
Anexo IX (2.º Questionário da aluna b)	XV
Anexo X (1.º Questionário da aluna c)	XVI
Anexo XI (2.º Questionário da aluna c)	XVII
Anexo XII (1.º Questionário do aluno d)	XVIII
Anexo XIII (2.º Questionário do aluno d)	XIX
Anexo XIV (1.º Questionário da aluna e)	XX
Anexo XV (2.º Questionário da aluna e)	XXI
Anexo XVI (1.º Questionário da aluna f)	XXII
Anexo XVII (1.º Questionário da aluna f)	XXIII
Anexo XVIII (1.º Questionário da aluna g)	XXIV

Anexo XIX (2.º Questionário da aluna g)	XXV
Anexo XX (1.º Questionário da aluna h)	XXVI
Anexo XXI (2.º Questionário da aluna h)	XXVII
Anexo XXII (1.º Questionário do aluno i)	XXVIII
Anexo XXIII (2.º Questionário do aluno i)	XXIX
Anexo XXIV (1.º Questionário do aluno j)	XXX
Anexo XXV (2.º Questionário do aluno j)	XXXI
Anexo XXVI (1.º Questionário do aluno l)	XXXII
Anexo XXVII (2.º Questionário do aluno l)	XXXIII
Anexo XXVIII (1.º Questionário da aluna m)	XXXIV
Anexo XXIX (2.º Questionário da aluna m)	XXXV
Anexo XXX (1.º Questionário da aluna n)	XXXVI
Anexo XXXI (2.º Questionário da aluna n)	XXXVII
Anexo XXXII (1.º Questionário da aluna o)	XXXVIII
Anexo XXXIII (2.º Questionário da aluna o)	XXXIX
Anexo XXXIV (1.º Questionário do aluno p)	XL
Anexo XXXV (2.º Questionário do aluno p)	XLI

Anexo I (Ficha de caracterização do aluno)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD agrupamento
de escolas
e centros de estudo
171304

Ficha de caracterização do aluno

1. Dados pessoais

Nome: _____

Escola: _____ Ano: _____ Turma: _____

Data de Nascimento: _____ Nacionalidade: _____

Residência: _____

Telefone: _____

2. Dados familiares

Tens irmãos na mesma escola? Quantos?

Parentesco	Idade	Grau de Instrução	Profissão

Nome do pai: _____

Data de Nascimento: _____

Morada: _____

Telefone: _____

Profissão: _____

Local de trabalho: _____

Nome da mãe: _____

Data de Nascimento: _____

Morada: _____

Telefone: _____

Profissão: _____

Local de trabalho: _____

3. Doenças na família

Diabetes	
Epilepsia	
Deficiência Mental	
Deficiência Motora	
Deficiências Sensoriais	
Alcoolismo	
Toxicod dependência	

Outras:

4. Problemas Sensoriais

	Sim	Não	Quais
Visão			
Audição			
Outras			

5. Vida escolar e perspectivas futuras

Gostas de estudar? _____

Porquê? _____

Quantas retenções tens ao longo da tua vida escolar? _____

Se dependesse de ti continuarias a estudar? _____

Qual a profissão que gostarias de ter no futuro? _____

6. Vivência da fé

Frequentas:

	Sim	Não
Catequese		
Escuteiros		
Eucaristia (Missa)		
Outro grupo: _____		

Anexo II (Planificação nível I e II)

Calendário							
	Mês	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf	Aulas
1º Período	Setembro	18	19	20	21	22	1
		25	26	27	28	29	2
	Outubro	2	3	4	5	6	3
		9	10	11	12	13	4
		16	17	18	19	20	5
		23	24	25	26	27	6
		30	31	-	-	-	7
	Novembro	-	-	1	2	3	8
		6	7	8	9	10	
		13	14	15	16	17	9
		20	21	22	23	24	10
	Dezembro	27	28	29	30	-	11
		4	5	6	7	8	12
11		12	13	14	15	13	
Aulas previstas: 13							
2º Período	Janeiro	-	-	3	4	5	14
		8	9	10	11	12	
		15	16	17	18	19	15
		22	23	24	25	26	16
	Fevereiro	29	30	31	-	-	17
		-	-	-	1	2	
		5	6	7	8	9	18
		12	13	14	15	16	
		19	20	21	22	23	19
	Março	26	27	28	-	-	20
		-	-	-	1	2	
		5	6	7	8	9	21
		12	13	14	15	16	22
19	20	21	22	23	23		
Aulas previstas: 10							
3º Período	Abril	9	10	11	12	13	24
		16	17	18	19	20	25
		23	24	25	26	27	26
		30	-	-	-	-	
	Maio	1	2	3	4		27
		7	8	9	10	11	
		14	15	16	17	18	28
		21	22	23	24	25	29
		28	29	30	31	-	30
	Junho	4	5	6	7	8	31
		11	12	13	14	15	
Aulas previstas: 9							
Total de aulas previstas: 34							

Conteúdos		Plano	
Unidade letiva	Temas	Notas	
Início das aulas	Apresentação. Programa, critérios e materiais.		
Apresentação	Apresentação dos estagiários.		
UL1 – Viver Juntos	Ficha de caracterização.		
	Mudanças na minha vida. História de Abraão.		
	Conhecer os outros. Grupos onde me insiro.	Trabalho a pares	
	Características e integração nos grupos.		
	Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Noé.		
	Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Moisés.		
	Ficha de consolidação.	Ficha	
UL2 - Advento e Natal	O Advento: tempo de espera e de esperança. As figuras do Advento: João Baptista, Maria e José.	Jogo	
	Representações artísticas e tradições natalícias.		
	Atividade sobre o Natal.	Presépios	
	Visita de Estudo a Fátima.		
Interrupção letiva Natal			
UL2 - Advento e Natal	Jesus, o Salvador. A Palestina no tempo de Jesus.	Ficha de trabalho	
UL3 – Família, comunidade de amor	Inquérito sobre o conceito de família.	Inquérito	
	Evolução o conceito “família”. Valor e missão da família.		
	O projeto de Deus para a família na mensagem cristã.		
	Comunhão de pessoas que vivem no amor. Participação e corresponsabilidade na vida em família.		
	Interrupção letiva Carnaval		
	O lugar dos mais velhos no ambiente familiar.		
	Continuação do tema: o lugar dos mais velhos no ambiente familiar.	Jogo	
Trabalho de grupo.	Trabalho de grupo		
Trabalho de grupo.			
Torneio de basquetebol do 5º ano			
Interrupção letiva Páscoa			
UL4 – Construir a Fraternidade	Apresentação do trabalho de grupo.	Atividade	
	Inquérito sobre o conceito de família. Desenho da família.		
	Ficha de trabalho.	Ficha	
	Significado de Fraternidade. Somos irmãos.		
	Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo.		
	Ameaças à fraternidade e possíveis soluções. A mensagem cristã sobre o perdão.		
	A regra de ouro, Le 6, 31.		
	Ficha de consolidação.	Ficha	
	Auto e heteroavaliação.		

Anexo III (Planificação nível IV. Lição n.º 16)

NÍVEL: 5º Ano **UL 3:** A família, comunidade de amor **Lição n.º** 16 **Data:** 23/01/18 **Ano Letivo:** 2017/2018 - 2º Período

Sumário: A palavra “Família”. Valor e missão da família.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	⌚ 45m	AVALIAÇÃO FORMATIVA
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Reconhecer as diferentes funções da família.	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Origem da palavra “família”. ✗ Função, valor e missão da família. ✗ Família é: origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no amor; espaço de crescimento pessoal, através do afeto, da presença do modelo masculino/feminino, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito, de Liberdade e de responsabilidade; força socializadora através da vivência baseada num Sistema de relações sociais fundadas em valores; lugar educativo contra as injustiças sociais; acolhimento e reconhecimento da pessoa. 	- Acolhimento, revisão e Sumário.	Quadro e Caderno diário.	5 m	A Professora observa nos alunos: - o interesse - a atenção - a participação - o empenho - o cumprimento das regras de sala de aula.
			- Caixa surpresa (contém no seu interior uma família de bonecos unidos entre si).	Caixa surpresa com os (An. UL1 - 03).	5 m	
			- Vídeo de apresentação da família Silva.	Vídeo sobre a família Silva (An. UL3 – 02)	5 m	
			- Placard com Imagens relacionadas com a palavra “família”.	Placard com Imagens ((An. UL3 – 03)	10 m	
			- Leitura sequencial dos conteúdos residência, casamento e parentesco.	MA 67		
			- Powerpoint com imagens da Missão e Valor da família.	Powerpoint “Missão e Valor da família” (An. UL3 – 04)	7 m	
- Atividade “família é...” e partilha de algumas respostas dos alunos.	Autocolantes (An. UL3 – 05)	10 m	- a construção da frase.			
- Síntese.	Quadro e caderno diário.	3 m				

SÍNTESE:

- Família é o berço da vida, que nos ajuda a crescer e educa. A família tem a função de: humanizar, proteger, socializar, educar, dar afeto e promover interajuda.

Anexo IV (Planificação nível IV. Lição n.º 18)

NÍVEL: 5º Ano **UL 3:** A família, comunidade de amor **Lição n.º** 18 **Data:** 06/02/18 **Ano Letivo:** 2017/2018 - 2º Período

Sumário: BD “Janelas douradas”. Tarefas dos diferentes membros da família.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	⌚ 45m	AVALIAÇÃO FORMATIVA
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	3. Promover valores do amor na vida familiar.	✕ Comunhão de pessoas que vivem no amor: cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio; relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade; a reconciliação: compreensão, tolerância, perdão; o respeito e promoção da singularidade pessoal: na saúde e na doença; na pobreza e na riqueza.	- Acolhimento, revisão e Sumário.	Quadro e Caderno diário.	5 m	A Professora observa nos alunos: - o interesse - a atenção - o empenho - o cumprimento das regras de sala de aula - a participação - Construção do alfabeto.
			- Caixa surpresa (contém no seu interior um coração).	Caixa surpresa com os (An. UL1 - 03).	2 m	
			- Leitura, projeção e exploração dialogada com os alunos da Banda desenhada “Janelas douradas”	Banda desenhada (An. UL3 – 08) Projetor	10 m	
			- A professora questiona: Qual o teu papel na família? Que fazes para ajudar a família? Quais as rotinas diárias? - Powerpoint “Família Silva e a sua rotina diária”. - Alguns alunos partilham oralmente a sua rotina diária.	Powerpoint (An. UL3 – 09)	15 m	
			- Em turma realiza-se o alfabeto da família.	Alfabeto (An. UL3 – 10)	10 m	
- Síntese.	Quadro e caderno diário.	3 m				

SÍNTESE:

- Devemos dar valor à nossa família. Perceber que é importante ajudar e que todos têm tarefas.

Anexo V (Planificação nível IV. Lição n.º 19)

NÍVEL: 5º Ano **UL 3:** A família, comunidade de amor **Lição n.º** 19 **Data:** 20/02/18 **Ano Letivo:** 2017/2018 - 2º Período

Sumário: O lugar dos mais velhos na sociedade e em ambiente familiar.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	⌚ 45m	AVALIAÇÃO FORMATIVA
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	4. Valorizar a participação de todos na vida em família.	<p>✖ Participação e corresponsabilidade na vida em família.</p> <p>✖ O lugar dos mais velhos no ambiente familiar.</p>	- Acolhimento, revisão e Sumário.	Quadro e Caderno diário.	5 m	<p>A Professora observa nos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o interesse - a atenção - o empenho - o cumprimento das regras de sala de aula - a partilha - a participação
			- Continuação do alfabeto da família.	Alfabeto (An. UL3 – 10)	5 m	
			- Caixa surpresa (contém no seu interior uma frase).	Caixa surpresa com os (An. UL1 - 03).	3 m	
			- A professora conta a história “A Manta” , enquanto cola no quadro retalhos da Manta.	Livro “A Manta” (An. UL3 – 11). Retalhos da Manta (Na. UL3 – 12).	12 m	
			- Cada aluno recebe um autocolante da “Manta” onde vai escrever um momento que tenha vivido com os avós. - Os alunos que se sintam à vontade podem partilhar com a turma.	Autocolante “A Manta” (An. UL3 – 13).	10 m	
- Os membros da família Silva são entregues a alguns alunos da turma que devem responder à seguinte questão: Como é que as pessoas, da idade da personagem Silva que te calhou, tratam os mais velhos?	Família Silva (An. UL3 – 14).	7 m				
- Síntese.	Quadro e caderno diário.	3 m				

SÍNTESE:

- A contribuição dos avós na formação dos netos. A forma como a sociedade parece ter esquecido o valor dos idosos.

Anexo VI (1.º Questionário da aluna a)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD

Associação
de Escolas
e Docentes
1.71.334

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

Sexo: Masculino
 Feminino

1a

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Para mim a família é um grupo de pessoas que trás alegria para todos nós.

2- Quem faz parte da família?

A minha mãe, o meu padrasto, as irmãs, os primos, a madrinha, o pai, os tios e os avós... e todas as pessoas que adoro.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

amor, carinho, respeito, alegria, tristeza, risos, e todos os dias que vivemos aprendizagem aprender...

4- O que é viver em família?

Viver em família é aprender, ralar, brincar, trabalhar, união o mais importante.

5- O que é uma família saudável?

Uma família saudável é muitos anos sem se desmanchar, com amor, alegria e muitas coisas importantes.

Obrigada!

Anexo VII (2.º Questionário da aluna a)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Educação Especial

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 11

Sexo: Masculino
 Feminino

2a

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

A família é um grupo de pessoas que se divide em várias partes e cada uma delas é boa para...

2- Quem faz parte da família?

Quem faz parte da minha família é a minha mãe, pai, avós, tios, irmãos, primos, etc...

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Respeito, alegria, amor, paz, bondade...

4- O que é viver em família?

É conviver, fazer memórias, fazer coisas, dar carinho e saber ser alegre.

5- O que é uma família saudável?

É quando está tudo bem mas também está algum dia mal.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Aprendi que a família não é uma coisa que se pode esquecer porque é uma coisa muito forte.

Obrigada!

Anexo VIII (1.º Questionário da aluna b)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação Nacional
de Escolas
Diferenciais

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 anos

Sexo: Masculino
 Feminino

1b

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Uma das coisas mais importantes da minha vida.

2- Quem faz parte da família?

Os pais, tios, tias, primos, primas, minha mãe, avó.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

O carinho, o amor, amizade, respeito.

4- O que é viver em família?

Estar em conjunto com a família nos bons e maus momentos.

5- O que é uma família saudável?

Não ter muitas discussões, mais tempo juntos.

Obrigada!

Anexo IX (2.º Questionário da aluna b)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Educação
e Desenvolvimento
da Criança

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 _____

Sexo: Masculino
 Feminino

2b

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Para mim a família é/cosa mais importante
na vida e meu apoio, a minha segurança, o
local onde se ceba mais amado mundo.

2- Quem faz parte da família?

Pai, Mãe, avós, irmãos, avó + os irmãos, Anura, Diogo
Anurati

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Amor, Amizade, Confiança, fidelidade

4- O que é viver em família?

Serem amigos um dos outros

5- O que é uma família saudável?

Uma família com amor, saudade.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Que a família é a melhor coisa da vida

Obrigada!

Anexo X (1.º Questionário da aluna c)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 _____

1c

Sexo: Masculino

Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Família significa / que me amam que cuidam de mim
e que me ajudam quando preciso.

2- Quem faz parte da família?

Os pais, as irmãs, os avós e tia.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

O amor, e cozinhar, brincar.

4- O que é viver em família?

É brincar, falar-me ajudar uns aos outros e rir.

5- O que é uma família saudável?

É / cozinhar e rir com saúde.

Obrigada!

Anexo XI (2.º Questionário da aluna c)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Educação Especial

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 11

Sexo: Masculino
 Feminino

2c

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

É poder contar e confiar sempre que for preciso.
É rir, brincar e cuidar.

2- Quem faz parte da família?

Os meus pais, tios, irmã, alguns primos, cristiana.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Amor, carinho, respeito, ajuda, amizade.

4- O que é viver em família?

É poder rir, brincar, compartilhar e recordar momentos.

5- O que é uma família saudável?

É uma família que tem discussões mas também ama e ajuda.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Que devemos ajudar-nos e amar.

Obrigada!

Anexo XII (1.º Questionário do aluno d)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

Sexo: Masculino
 Feminino

1d

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?
É um sentido de viver; um grande afeto; uma boa
companhia...

2- Quem faz parte da família?
O meu pai, minha mãe, meu irmão, meus tios, tias, avós, avó,
firmos, firmos, fadrinha, fadrinha, amigos.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?
O amor, carinho, naqueles momentos estar lá aquele
amor a dizer calma isso resolve, solidariedade.

4- O que é viver em família?
É viver/bem, com algumas discussões, algumas graças.

5- O que é uma família saudável?
É/então sem discussões.

Obrigada!

DÉ nada

Anexo XIII (2.º Questionário do aluno d)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação Portuguesa de Educação e Desenvolvimento da Criança

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: <u>11</u>	Sexo: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
------------------	--

2d

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Uma criação de pessoas, uma força, a melhor coisa
do mundo e amadores.

2- Quem faz parte da família?

Todos que me rodeiam

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

amor, carinho, obediência, disciplina, fraternidade.

4- O que é viver em família?

É viver em sociedade e com amor.

5- O que é uma família saudável?

É uma família sem problemas e sem discussões.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Que a família é a nossa maior base.

Obrigada!

De moda

Anexo XIV (1.º Questionário da aluna e)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD

Associação
de Escolas
e Docentes
171304

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 anos

Sexo: Masculino
 Feminino

12'

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

A minha família é boa e fantástica, amor e amizade e carinho.

2- Quem faz parte da família?

Os meus tios, primos, pais, irmã e avós e os meus pais e os meus avós.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Amizade, amor e carinho, alegria, Paz, Saúde

4- O que é viver em família?

Viver em família é muito bonito.

5- O que é uma família saudável?

Uma família saudável é uma família que alimenta bem os seus filhos e família.

Obrigada!

Anexo XV (2.º Questionário da aluna e)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Educação

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 anos

Sexo: Masculino
 Feminino

2.º

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Amor, amizade, alegria e carinho

2- Quem faz parte da família?

Mãe, Pai, irmã, cadelas, avós, tios, tias, primos, avós, irmãos.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Amor, amizade e carinho, ajuda

4- O que é viver em família?

É amor, carinho.

5- O que é uma família saudável?

É uma família

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Saber respeitar os familiares.

Obrigada!

Anexo XVI (1.º Questionário da aluna f)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damão de Góis

Idade: 11

1 f

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Uma família por amor, ser feliz, cuidar,
ajudar.

2- Quem faz parte da família?

faz parte a mãe, o pai, os avós, os netos, os irmãos, os
primos/as, tio/a e tu.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

O amor, o carinho, a amizade

4- O que é viver em família?

Estar em família, ficar feliz, sorrir em
família.

5- O que é uma família saudável?

Ajudar a família, a sempre que precisar

Obrigada!

Anexo XVII (2.º Questionário da aluna f)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: <u>11,5</u>	Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino
--------------------	--

2 f

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

A família para mim é viver todos juntos
sem se peitarem com amor, carinho e
amizade.

2- Quem faz parte da família?

É os avós, os pais, primos, filhos
e animais por exemplo (cães e gatos)

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

O amor, a amizade, o carinho,
o respeito e a harmonia.

4- O que é viver em família?

Viver em família é ser respeitado
ajudante, carinho etc.

5- O que é uma família saudável?

É ser muito amor, amizade e carinho.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Percebi que a família é uma
das melhores coisas que a nossa
vida.

Obrigada!

Anexo XVIII (1.º Questionário da aluna g)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD

Associação
de Pais e
Professores
da Escola Básica
2.3 de Góis
171204

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

Sexo: Masculino
 Feminino

1.º

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família? melhor coisa que pode
Para mim é a ~~ma~~ ~~que~~ ~~é~~ ~~haver~~
no mundo

2- Quem faz parte da família?
Mãe, Pai, irmão, tio, bebé, tia, zozona, prima Lara,
Prima bruna, primo martim, Avó, ~~Avó~~ Avó...

3- Que valores estão presentes na vida familiar?
Educação, Amor, Amizade, Felicidade e Alegria

4- O que é viver em família?
é viver feliz, dar carinho ~~estar~~ ~~em~~
E estar ~~sempre~~ ~~se~~ sempre feliz

5- O que é uma família saudável?
é uma família unida.
é uma família feliz

Obrigada!

Anexo XIX (2.º Questionário da aluna g)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação Portuguesa de Educação e Desenvolvimento da Criança, do Jovem e do Adulto

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 17 anos

29

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

É a partinidade e é o Meu mundo

2- Quem faz parte da família?

Mãe, pai, ~~irmão~~ irmãos, tia, tio, prima,
primos, avô, avó

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

É a amizade, carinho

4- O que é viver em família?

carícia, amor, partinidade, carinho

5- O que é uma família saudável?

Compartilhar, partinidade, união

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Que uma família deve ser amada
e ~~viver~~ viver em conjunto

Obrigada!

Anexo XX (1.º Questionário da aluna h)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD

Associação
de Escolas
e Docentes
1.º 2014

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 _____

1h

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

É o que me fez viver porque são as pessoas mais importantes do mundo e eu não os quero perder

2- Quem faz parte da família?

Os pais, os irmãos, os tios, avós e os cães

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Amor, a simplicidade, o respeito e a Humildade

4- O que é viver em família?

É uma coisa feliz porque sem ela quem era eu?

5- O que é uma família saudável?

É uma família unida, amada, ajudam uns aos outros e mais importante em minha família é a Humildade

Obrigada!

Anexo XXI (2.º Questionário da aluna h)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Educação Especial

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 _____

2h

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

é o meu pai e a minha mãe e o meu coração.

2- Quem faz parte da família?

Mãe, pai, avós, primos, tios, tias, avós e avós

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

O amor, a lealdade e o respeito.

4- O que é viver em família?

é a comunidade de amor

5- O que é uma família saudável?

é uma família que dá tudo o que tem.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

que todos são importantes e que a vida não importa.

Obrigada!

Anexo XXII (1.º Questionário do aluno i)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

11

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?
É ~~o grupo~~ e ~~também~~ ~~sem~~ ~~a~~ ~~minha~~ ~~família~~ ~~em~~ ~~que~~ ~~existe~~ ~~o~~ ~~meu~~ ~~pai~~ ~~e~~ ~~meu~~ ~~irmão~~ ~~e~~ ~~dois~~ ~~para~~ ~~mim~~.

2- Quem faz parte da família?
O meu pai e minha mãe e tia as minhas irmãs e o meu irmão

3- Que valores estão presentes na vida familiar?
O respeito e ajudar um ao outro.

4- O que é viver em família?
Viver/estar ~~segundo~~ ~~com~~ ~~a~~ ~~minha~~ ~~família~~.

5- O que é uma família saudável?
~~Comer~~ ~~salada~~ ~~toda~~ ~~as~~ ~~dias~~. ~~Têm~~ ~~de~~ ~~se~~ ~~ajudar~~

Obrigada!

De modo

Anexo XXIII (2.º Questionário do aluno i)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: <u>10</u>	2i	Sexo: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino
		<input type="checkbox"/> Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?
É a família a que todos os membros são muito bons para mim, e ajudam-me nos meus estudos diários

2- Quem faz parte da família?
Eu e minha mãe e minha irmã e o meu pai

3- Que valores estão presentes na vida familiar?
amor, ajuda, amizade

4- O que é viver em família?
Obedecer a família

5- O que é uma família saudável?
Ter de amor, paz, por todos

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?
Dever uns aos outros

Obrigada!

Anexo XXIV (1.º Questionário do aluno j)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damão de Góis

Idade: 10 _____

10

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Para mim a família é um grupo que ajuda e que também brinca.

2- Quem faz parte da família?

Quem faz parte da família são os meus avós, os meus tios, os meus pais, os meus primos, as minhas irmãs.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Os valores que estão presentes na vida familiar são amizade e amor.

4- O que é viver em família?

Viver em família é estar em harmonia e estar todos juntos.

5- O que é uma família saudável?

Uma família saudável é ter felicidade e ter muita saúde.

Obrigada!

Anexo XXV (2.º Questionário do aluno j)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD agrupamento
de escolas
do distrito de
setúbal

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: <u>11</u>	Sexo: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
------------------	--

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?
Para mim a família são / pessoas que nos ajudam
quando nós precisamos.

2- Quem faz parte da família?
Está a fazer o meu avô, a avó, a mãe, o pai, o primo, os meus irmãos,
o tio e a tia.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?
os valores que estão presentes na vida familiar são /
carinho, ajuda, respeito e muito amor

4- O que é viver em família?
viver em família é viver / em conjunto.

5- O que é uma família saudável?
uma família saudável é / uma família que tem
discussões, ~~em~~ ajuda e também respeitada.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?
o que eu aprendi com a Unidade Letiva foi / respeitar
os mais velhos, não desrespeitar os pais, os avós.

Obrigada!

Anexo XXVI (1.º Questionário do aluno I)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damão de Góis

Idade: 10 _____

12

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

O que para mim é família é a minha família e a família dos meus pais, mas que é uma família afetiva.

2- Quem faz parte da família?

Não faz parte da família é os meus pais, os meus avós, os meus tios, os meus primos.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

A amizade e carinho.

4- O que é viver em família?

É viver em harmonia e estar todos juntos.

5- O que é uma família saudável?

Uma família saudável é uma família que afeta e que tem muita felicidade os estarem juntos.

Obrigada!

Anexo XXVII (2.º Questionário do aluno 1)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação
de Professores
de Educação
Diferencial, Inclusiva
e Especial

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 _____

22

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Para mim a família é um conjunto de pessoas que nos dão
Amizade, amor, carinho.

2- Quem faz parte da família?

O pai, a mãe, o tio, a tia, os irmãos, as primas, a prima, e os avós.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Amizade, amor, carinho, respeito.

4- O que é viver em família?

É viver com amor, carinho, amizade, respeito.

5- O que é uma família saudável?

É uma família que tem os seus momentos bons e os momentos
maus.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

A respeito da família.

Obrigada!

Anexo XXVIII (1.º Questionário da aluna m)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação
de Escolas, Docentes
e Alunos

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

1 m

Sexo: Masculino

Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

A Para mim a família é / um conjunto de pessoas que se amam umas às outras, que são felizes juntas, que partilham bons e maus momentos e que estão sempre lá para mim e para todos.

2- Quem faz parte da família?

A A minha mãe, o meu pai, os meus irmãos, tios, primos (família de sangue)... Também os meus amigos, enfim as pessoas que me apoiam e acreditam em mim.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

O amor, o carinho, a felicidade, o riso, a aprendizagem, a malquice...

4- O que é viver em família?

É / ~~passar~~ ~~bons~~ bons momentos com as pessoas que amamos e também ~~maus~~ ~~maus~~ com as pessoas que ~~se~~ ~~se~~ nos sentimos bem.

5- O que é uma família saudável?

Uma família saudável é / uma família que nos faz feliz e nos ama e está lá para o que der e vier.

Obrigada!

Anexo XXIX (2.º Questionário da aluna m)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Educação Especial

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 11 anos

2 m

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

A família é ~~o~~ berço da humanidade,
é o que dá amor, carinho, lições, ajuda,
e todo o que precisamos.

2- Quem faz parte da família?

fazem parte da família os meus amigos,
toda a minha família de sangue e toda
a gente que dá um ombro para eu chorar.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Carinho, amizade, amor, partilha, ajuda,
vida, aprendizagem e muitos mais.

4- O que é viver em família?

é viver em família e ~~viver~~ estar
 rodeado de pessoas que nos aceitam
 como somos, aceitam a nossa personalidade e
 o nosso estilo próprio, com amor.

5- O que é uma família saudável?

é uma família que vive numa comunidade
 de amor e de carinho.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

Aprendi o verdadeiro significado de
família. (embora já soubesse um bocado
mas ok).

Obrigada!

Anexo XXX (1.º Questionário da aluna n)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

1n

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Para mi a família é uma coisa muito importante porque
da Amor e carinho.

2- Quem faz parte da família?

Quem faz parte da família são / os meus avós, a minha avó,
a minha mãe, o meu Pai, as minhas irmãs, os meus irmãos e irmãos, Patrícia, Madri.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Os valores que estão presentes na vida familiar é / o
Amor, o carinho,

4- O que é viver em família?

Viver em família é / em união.

5- O que é uma família saudável?

Ser uma família saudável é / ser uma coisa que
a família está ~~na~~ bem de saúde, de costas de oporções de
terras e de uns de de muitas coisas.

Obrigada!
10/10

Anexo XXXI (2.º Questionário da aluna n)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação Portuguesa de
Educação das Emoções
171364

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10 anos

2n

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Para mim a família é / uma coisa importante
na minha vida toda.

2- Quem faz parte da família?

Quem faz parte da minha família é / a minha mãe, meu pai, as minhas
irmãs, a avó e eu.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Amor, carinho, amizade, compartilhar, brincadeiras

4- O que é viver em família?

Para mim viver em família é / uma coisa
que envolve carinho, amizade e brincadeiras

5- O que é uma família saudável?

Para mim a família saudável é / uma
família que não tem discussões e que tem
muito amor.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

carinho, amizade, amor, felicidades.

Obrigada!

Anexo XXXII (1.º Questionário da aluna o)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

10

Sexo: Masculino

Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Para mim a família é importante porque é
amorosa e amorosa.

2- Quem faz parte da família?

Quem faz parte da família é as irmãs
irmãs a minha mãe e o meu pai.

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

Os valores presentes na vida familiar é amor,
carinho, amizade.

4- O que é viver em família?

Viver em família é união.

5- O que é uma família saudável?

Uma família saudável é amor.

Obrigada!

Anexo XXXIII (2.º Questionário da aluna o)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD
Associação de Escolas e Docentes de Educação Especial

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: <u>10 anos</u>	Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino
<u>20</u>	<input checked="" type="checkbox"/> Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?
Para mi a família é/a amizade, carinho, amor
felizidade,

2- Quem faz parte da família?
as minhas irmãs, mãe pai, cadela, avó, avô,
Tia & Tio,

3- Que valores estão presentes na vida familiar?
amor, brincadeira, carinho.

4- O que é viver em família?
Ver em família é/giro porque brincamos
mas também,

5- O que é uma família saudável?
Uma família saudável é/saber amar,
brincar e passear, respeitar.

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?
amizade, felicidade, amar, respeitar e
brincar.

Obrigada!

Anexo XXXIV (1.º Questionário do aluno p)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damão de Góis

Idade: 10

1P

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

~~Tudo para mim~~ Tudo para mim, tia, tã, Mãe, Pai, irmã, irmão...

2- Quem faz parte da família?

~~tã~~ o meu avô, avó, tio, tia, irmão, irmã...

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

~~o~~ a minha família tem 55 pessoas

4- O que é viver em família?

Mãos juntas e se ajudar

5- O que é uma família saudável?

~~é~~ é uma família unida amada ajudar amor

Obrigada!

Anexo XXXV (2.º Questionário do aluno p)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AEDD Associação de Escolas e Docentes de Damão de Góis

Escola Básica 2.3 Damião de Góis

Idade: 10

2p

Sexo: Masculino
 Feminino

Lê as questões com atenção e responde de acordo com a tua opinião.

1- O que é para ti a família?

Proteção, ajudar, unidos, amor

2- Quem faz parte da família?

Eu, Mãe, Pai, irmãos, irmãs, irmãos, avós, avós

3- Que valores estão presentes na vida familiar?

A união, ajuda, respeito, amor,

4- O que é viver em família?

é estar todos juntos

5- O que é uma família saudável?

é não estarem a brigar

6- O que aprendeste com a Unidade Letiva: Família, comunidade de amor?

A família de todos

Obrigada!